

MARCOS RUIZ DA SILVA

SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**LAZER NOS CLUBES SÓCIO-RECREATIVOS DE CURITIBA/PR:
a constituição de práticas e representações sociais**



**CURITIBA
2007**

MARCOS RUIZ DA SILVA

**LAZER NOS CLUBES SÓCIO-RECREATIVOS DE CURITIBA/PR:
a constituição de práticas e representações sociais**

**Dissertação de Mestrado defendida
como pré-requisito para a obtenção
do título de Mestre em Educação
Física, no Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências
Biológicas da Universidade Federal
do Paraná.**

**Orientador: Prof. Dr. Wanderley
Marchi Junior.**

**CURITIBA
2007**

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Wanderley Marchi Junior (Presidente)

Prof^a. Dr^a. Ciméa Bevilaqua Titular

Prof. Dr. Luiz Alberto Pillati Suplente

Prof. Dr. Fernando Marinho Mezzadri Titular

Prof. Dr. Fernando Renato Caviccioli Suplente

DEDICATÓRIA

Aos administradores dos clubes sócio-recreativos (funcionários e diretores) que conduzem suas ações envolvidas por um misto de razão e paixão.

Aos profissionais que durante minha formação profissional contribuíram para meu desenvolvimento, através de orientações, críticas e principalmente pelo exemplo de ética.

Aos meus familiares, pela cumplicidade, a amizade e o carinho dedicados durante toda minha vida. Em especial meu pai e minha mãe pelo exemplo de vida

Ao meu filho, pela renovação da vida e as esperança de um mundo mais humano e ecológico.

A minha esposa Laura por estar presente em todos os momentos e compartilhar os sonhos futuros.

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui o meu muito obrigado a todos que compartilharam desta etapa de minha vida. Com maior ou menor intensidade, todos foram importantes para esta fase. Sem descaracterizar o carinho e apreço por todos, é necessário destacar algumas pessoas que contribuíram de forma mais direta no processo que se desenvolveu.

Ao senhor Gilberto Foltran, presidente do Santa Mônica Clube de Campo, pela leitura prévia do projeto e incentivo para a realização do trabalho.

Ao senhor José Carlos da Fonseca Freitas, 1º Vice-presidente do Sindiclubes-Paraná, pelo apoio intercedendo junto aos clubes pesquisados, viabilizando a pesquisa de campo.

À Cristina Duarte Ruiz, pelo carinho e o tempo dedicado na revisão e sugestões ao trabalho.

À professora Ciméa Bevilaqua e ao professor Fernando Marinho Mezzadri, pela leitura e análise do trabalho, contribuindo com o aprimoramento do mesmo.

À Laura, pela companhia, discussões, leituras e carinho durante todo o processo que se desenvolveu.

Aos Clubes visitados pelo acesso e a disposição em disponibilizar, de acordo com as possibilidades, as instituições para o desenvolvimento da pesquisa de campo.

Ao professor Daniel Dias, pelo assessoramento nas questões burocráticas do mestrado.

Aos entrevistados pela disposição e paciência na realização das pesquisas.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

*“Eu poderia suportar, embora não sem dor,
que tivessem morrido todos os meus amores,
mas enlouqueceria se morressem todos os meus amigos”*
Vinicius de Moraes

Ao meu orientador, professor Dr. Wanderley Marchi Junior, minha admiração e respeito. A conduta moral e ética com que pauta sua vida, associado ao compromisso e competência com a sua profissão faz ampliar e solidificar a amizade construída nesses anos. Pela confiança estabelecida no meu projeto e forma com que foi conduzida a parceria na orientação, meu muito obrigado.

SUMÁRIO

RESUMO	01
ABSTRACT	02
INTRODUÇÃO	03
CAPÍTULO 1. O TEMPO, O ESPAÇO, O LÚDICO E AS PRÁTICAS DE LAZER	23
1. Construção Social do Tempo e sua Apropriação	23
2. A Influência do Tempo Produtivo no Comportamento Social Clubístico	32
3. A Busca pelo Lúdico e seu Significado Social	38
4. Instituição de Espaços para as Práticas Associativas de Lazer	45
CAPÍTULO 2 - O COTIDIANO DOS CLUBES SÓCIO-RECREATIVOS	51
1. Clubes Sócio-recreativos - um “Pedaço” da Cidade	52
2. Esporte: abrangência e influência na construção dos hábitos nos clubes sócio-recreativos	73
3. Os Clubes Sócio-Recreativos e as Formas de Sociabilidade	83
CAPÍTULO 3 - AS REPRESENTAÇÕES NOS CLUBES SÓCIO-RECREATIVOS	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	124
ANEXOS	130
Anexo 1 – Termo de Consentimento Informado	131
Anexo 2 – Modelo de Questionário Aplicado a Associados	133
Anexo 3 - Modelo de Questionários Aplicado a Dirigentes e Funcionários	135

RESUMO

Os clubes sócio-recreativos constituem-se como manifestação de uma característica específica da sociedade brasileira, a privatização de espaços no formato de condomínios como uma opção para as vivências divertidas no tempo livre. Apesar de características semelhantes quanto à formação, objetivos e estrutura administrativa, cada associação reserva peculiaridades que se formam a partir das tensões e conflitos vividos nesse cenário. Dentro desse contexto, a proposta central do presente trabalho foi discutir o cotidiano dessas estruturas e descortinar elementos que permitam compreender a dinâmica vida associativa nos clubes e as possíveis influências na constituição de modos de vidas e representações sociais na vida dos usuários. Procurando debater algumas variáveis que compõem o contexto dos clubes, foi falado sobre a constituição do tempo social, o espaço e o lúdico, considerando dessa forma a tríade que constitui o lazer. Também foi discutido sobre aspectos de maior destaque dentro do cotidiano dos clubes, que formam pontos de significativa influência na constituição de referenciais para a vida social, com ênfase na forma de administração, as atividades desenvolvidas representadas pela discussão sobre esporte, considerando a desproporção existente nas propostas dos clubes para os associados em relação às demais opções de lazer e, também, pelas tensões existentes nas sociabilidades constituídas nos diversos grupos de interesses. A partir da pesquisa de campo com questionários, entrevistas e observação não-participante foi apresentada a composição das representações sociais das entidades pesquisadas. Frente às discussões desenvolvidas constatou-se que apesar dos clubes influenciarem na constituição de diferentes estilos de vida dos seus freqüentadores, ele não se estabelece enquanto um produtor de representações sociais. Apesar da relação dinâmica entre usuários-dirigentes-funcionários, os significados atribuídos às práticas dentro desses equipamentos são reproduções de valores da sociedade na qual está inserido.

Palavras-chave: clubes sócio-recreativos; tempo social; representações sociais; estilo de vida.

ABSTRACT

Private recreational clubs are characteristic of Brazilian society. They use private condominium space for leisure time pursuits. Although they have common formation, objective and administrative structures, they differ because of tensions and internal conflicts peculiar to each membership. In this context this work presents and discusses the dynamic elements of the club's association and also discusses other significant aspects which impact on social life; administration; member activities and discussion of sport. Activities and availability in these clubs; considers disproportionality and tensions created between diverse interest groups of members in proposals to the club are new leisure options. The paper outlines the research in these areas carried out by questionnaire, interview and observation of club activities and management in a representative selection of clubs. Although the club's constitution influenced the life style of members they did not at the same time produce social representation. Despite the dynamic relation between users and management and workers the significance of the practices within the clubs reproduces the values of the society in which they exist.

Key Words: recreational clubs; leisure time; social representation; life style

INTRODUÇÃO

A decorrência do interesse no desenvolvimento de um estudo que discuta o tema clubes sócio-recreativos é fruto da inserção do pesquisador na sociedade. O seu envolvimento pessoal e profissional com os clubes funde-se com o cotidiano de sua própria vida no transcorrer de sua infância, enquanto observador e depois usuário, juntamente com a experiência profissional de 16 anos em clubes sócio-recreativos, apresentando uma história de aproximação, envolvimento e compromisso com o assunto.

O olhar sobre o objeto, condicionado historicamente pela posição social do autor, associado às correntes de pensamentos que permitam a discussão do assunto, é fundamental para a compreensão e construção da pesquisa acadêmica. Além disso, promover tal combinação é altamente estimulante, pois defrontar o trabalho acadêmico com a vida do pesquisador permite uma relação para o enriquecimento de ambos.

Entretanto um cuidado foi tomado para não reproduzir as experiências vividas e nem ceder a verdades construídas no senso comum: “ser ao mesmo tempo confiante e cético” (MILLS, 1982, p.213) citado por OLIVEIRA (1988, p.19), da mesma forma, para evitar que a aproximação e o envolvimento do autor criem associações passionais: ser honesto, crítico e criterioso.

Para se compreender os clubes sócio-recreativos é preciso ter em mente que essas instituições compõem um cenário social complexo, sofrendo transformações ao longo do tempo provocadas por aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais.

Por conta dessas transformações as formas e significados sociais que os clubes sócio-recreativos apresentam na sociedade atual, como um espaço de sociabilidade, é a representação de uma determinada característica associativa de lazer.

Presente em todos os estados brasileiros e na maioria das cidades do país¹, os clubes sócio-recreativos, com sede própria, se incorporaram no cenário urbano acompanhando o crescimento de diversos municípios no país.

¹ Disponível em <http://www.cbc-clubes.com.br>. Acesso em 30 de janeiro de 2007.

Sua presença no panorama urbano, com maior influência na região em que se encontra estabelecido, provoca curiosidade aos sujeitos que transitam, convivem ou residem nas intermediações. Geralmente, protegido por grandes muros impedindo aos transeuntes de participar do cotidiano dos associados, mesmo que de forma indireta.

Essa privacidade da vida associativa nos clubes sócio-recreativos estimula uma produção de imagens sobre o cotidiano dos associados nas diversas atividades, espaços e equipamentos que usufruem. Dentre elas, as experiências dos banhos nas piscinas, os jogos de futebol em um campo com as dimensões oficiais, as diversas práticas esportivas nas quadras poliesportivas, o charme e o encantamento de um baile, e outras atividades, são elementos que podem compor a vida cotidiana de um clube.

Apesar da participação na vida do clube ser restritiva a associados, ela amplia qualitativa e quantitativamente as oportunidades de lazer para além das estruturas públicas disponíveis à sociedade às pessoas que ingressam no quadro associativo.

Essa restrição a oportunidades de convívio social a partir do lazer não é exclusiva a entidades de natureza privada, mesmo a utilização dos espaços e/ou programas de lazer que o Estado dispõe, como: museus e teatros, estádios de futebol, praças e parques existem fatores inibidores da participação popular como a oferta de vagas e cobrança de taxas.

Mesmo as ruas dos bairros, espaço utilizado como local de convivência dos moradores, têm sido ocupadas pelo volume crescente do trânsito de carros, restringindo até mesmo o bate-papo informal dos vizinhos. Também na rua, o jogo de bola das crianças e outras práticas cotidianas de lazer são inibidos pelo uso economicamente racional desse lugar. Essa forma de sociabilidade, considerada como “sociabilidade ampla” (D’INCAO, 1992), que utiliza a rua como espaço de encontro tem sofrido influência de um processo de urbanização. O local do encontro, da festa, tem se tornado o lugar de perigo, de impessoalidade (MATOS, 2001).

A figura dos clubes sócio-recreativos no atual cenário urbano surge como uma possibilidade de complementar os espaços de convivência dos grandes

centros urbanos e práticas de lazer com materiais e serviços oferecidos como: eventos artísticos, festas comemorativas, campeonatos, bailes e outros.

A condição de manutenção dos espaços físicos, bem como a dos materiais oferecidos aos associados para as atividades também sofre variação em relação aos clubes sócio-recreativos. É possível encontrar estruturas com variedade e quantidade de materiais abundantes, situações de descaso com a manutenção dos equipamentos e ou serviços oferecidos aos associados reproduzindo a ação do Estado em determinadas regiões.

Mesmos nas pequenas cidades, onde a urbanização não retirou dos moradores a informalidade das conversas na calçada de frente às casas e outras formas de convivência dos adultos e ou crianças, a presença dos clubes é comum. Independente do motivo de origem da instituição seja ela representante de uma determinada empresa, como as AABBs - Associação Atlética Banco do Brasil, ou de alguma organização de grupos específicos de interesse comum da cidade.

Além disso, a variedade em termos de tamanho, forma de administração, quantidade e qualidade de suas estruturas é peculiar a cada entidade, condicionado a um conjunto de variáveis como: interesses do grupo fundador e características da região - aspectos culturais, econômicos e outros .

São organizações constituídas por:

- ♦ grupos étnicos ou de trabalhadores representando determinada classe;
- ♦ empresas enquanto empreendimento imobiliário;
- ♦ pessoas que contam com interesses esportivos ou artísticos comuns;
- ♦ outros que se reúnem e formalizam os clubes sócio-recreativos como espaço de sua representatividade.

Levando em consideração que as estruturas físicas dos clubes sócio-recreativos foram concebidas, muitas vezes, antes mesmo da constituição dos bairros em diversos municípios é possível afirmar que eles são instituições características do contexto urbano brasileiro com grande repercussão no início do século XIX se estendendo com menor intensidade até o início da década de 70.

Um exemplo que pode ser citado na cidade de Curitiba/Pr é o Três Marias Clube de Campo localizado no bairro São Braz. O clube, fundado em 1º de janeiro de 1966, foi constituído com a denominação clube de campo em virtude se ser

distante da cidade e encontrar em seu entorno somente um conjunto de chácaras², conforme apresenta relato histórico do IPPUC³:

Foi denominado São Braz em virtude da grande devoção de seus moradores a esse Santo. Sua história confunde-se com a da Colônia Orleans, por terem as mesmas características e suas populações, o mesmo estilo de vida rural. O cultivo de cereais e a criação de suínos e bovinos constituíam as principais atividades desenvolvidas pelas famílias que ocupavam as únicas quatro extensas chácaras da região. Assim foi até meados de 1970, quando as chácaras começaram a ser loteadas, mudando a característica de colônia agrícola para integrar-se à malha urbana em expansão.⁴

Outro exemplo de que os clubes acompanharam o desenvolvimento das cidades pode ser confirmado no levantamento que a CBC – Confederação Brasileira de Clubes fez sobre os clubes centenários do Brasil. Foram cadastrados até o momento 121 clubes que possuem sede própria e atividade ininterrupta, sendo que desses o mais antigo é o Clube Germânia com 185 anos de existência, localizado no Rio de Janeiro. Dentro dessa relação foram apresentados seis que estão localizados no Estado do Paraná, destes, cinco são de Curitiba - Clube Curitibano com 125 anos, Clube Thalia com 124, Clube Concórdia com 120, Clube Duque de Caxias com 116 e a Sociedade União Juventus com 108 anos -.⁵

Analisando a Figura 01, na qual aparece a atual região central da Cidade de Curitiba/Pr, é possível verificar que no ano de 1894, há 113 anos atrás, existiam no cenário urbano poucas quadras com construção habitacional ou de comércio, estando essas rodeadas pela vegetação natural da região que ainda não havia sido derrubada para a construção e ampliação da cidade. Comparando com a idade dos clubes centenários de Curitiba/Pr fica evidente a presença dos clubes sócio-recreativos no início do crescimento desta cidade.

² Disponível em: <http://www.3marias.com.br/fundacao.html>. Acesso em 18 de fevereiro de 2007.

³ Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba.

⁴ Disponível em: <http://www.ippuc.org.br/informando/imagens>. Acesso em 18 de fevereiro de 2007

⁵ Disponível em: <http://www.cbc-clubes.com.br>. Acesso em 30 de janeiro de 2007.



Figura 01

Vale ressaltar que a representatividade numérica dos clubes sócio-recreativos existentes em Curitiba/Pr no fim do século XIX era superior ao que consta hoje no cadastro da CBC⁶. Inúmeros clubes que poderiam ser centenários encerraram suas atividades por problemas financeiros, também influenciados por este e/ou por outros motivos diversas instituições clubísticas fundiram suas entidades, ajustando seu quadro associativo, suas estruturas, formas de funcionamento e também alterando o nome da instituição, como o exemplo do clube URCA⁷:

Em 01 de julho de 1901, imigrantes italianos que colonizaram o bairro do Ahú fundaram a SOCIETÁ ITALIANA DI MUTUO SOCCORSO VITTÓRIO EMANUELE III. Como o próprio nome indica, o objetivo principal era a ajuda mútua entre as famílias italianas que ali viviam. No centro das atividades estavam o fornecimento de remédios, alimentos e outros tipos de relação assistencial.

Depois de algum tempo a associação passou a desenvolver também atividades sociais, independentemente da nacionalidade, vindo a construir uma sede com a colaboração e a participação de moradores do bairro.

Em 1940 a Societá foi obrigada a mudar de nome para não sofrer interdição do exército, após determinação do governo de Getúlio Vargas, durante a Segunda Guerra Mundial. Seu novo nome foi SOCIEDADE BENEFICIENTE CULTURAL AHÚ, nome que conservou até 1974.

⁶ Confederação Brasileira de Clubes.

⁷ União Recreativa Cultural Ahú.

A prática corriqueira de futebol em finais de semana levou os moradores do bairro à criação de diversas agremiações desportivas sucessivas ao logo do tempo. A primeira, das que se dispõe de documentação, é a Belo Horizonte, seguida da Elite. Em 16 de junho de 1939, ex-integrantes da Elite fundaram o OPERÁRIO SPORT CLUBE AHÚ para dar continuidade à prática do esporte no mesmo local que hoje é uma das nossas sedes. Essa agremiação – OSCA – projetou grandes nomes do futebol paranaense e após algum tempo de glória no âmbito esportivo, ampliou o seu objetivo inicial, passando também a desenvolver atividades sociais.

O bairro do Ahú, desde o início do século XX, teve uma intensa atividade associativa, chegando a ter dois clubes na segunda metade do século. O quadro associativo da Sociedade Beneficente Cultural Ahú também compunha o Operário Sport Clube do Ahú. Diante dessa proximidade de interesses e do fato de noventa por cento do quadro ser comum, optou-se pela fusão em 31 de março de 1974. Nasceu assim o novo clube que passou a chamar-se UNIÃO RECREATIVA CULTURAL AHÚ – URCA – que hoje carrega um século de história.⁸

Os 13.826 clubes com sede própria existentes estão distribuídos em todo o território nacional e acompanham o próprio desenvolvimento do país. Estima-se que exista um número aproximado de 53 milhões de pessoas vinculadas a algum clube, com base no cálculo feito pela CBC sobre o número de usuários dos clubes no Brasil.⁹

Mesmo com grande abrangência em termos territoriais, o longo período histórico no cotidiano da população e, também, o universo de usuários em todo o Brasil, essas instituições podem ser consideradas como espaços de socialização restrita se levar em conta um conjunto de formalizações que restringe a rede de sociabilização. É comum encontrar instituições que dispõem de uma Comissão de Admissão que analisa os processos e emite seu parecer ao Conselho Diretor sobre os pretendentes a se associarem (MATOS, 2001).

Apesar de haver um processo de inclusão de um novo associado estabelecido pelo estatuto que regulamenta cada clube sócio-recreativo, onde, em geral, o processo é formalizado a partir da apresentação do pretendente por um associado, um fator que exerce significativa influência na restrição é o financeiro. A aquisição de um título e o pagamento mensal de uma taxa atribuído ao usuário e seus familiares o direito de usufruir serviços e instalações dispostos pela organização.

⁸ Disponível em: <http://www.clubeurca.com.br/>. Acesso em 10 de janeiro de 2007.

⁹ Disponível em <http://www.cbc-clubes.com.br/>

De outra forma, freqüentar os mesmos espaços e participar das mesmas atividades não garante ao indivíduo o pertencimento a determinados grupos ou redes de sociabilidade. Acredita-se que para isso é necessária a assimilação dos hábitos e significados atribuídos aos referenciais que norteiam o contexto.

Andar e descobrir cada pedaço do clube é entrar em ambientes distintos, tendo em vista hábitos e comportamentos adquiridos e reproduzidos por cada indivíduo que freqüenta determinados nichos. As manias e ou idiossincrasias são reconhecidas pelos pertencentes aos grupos que contam com uma melhor aproximação e permitem reconhecer e ser reconhecido. Conhecer os grupos que compõem cada cenário e práticas e se fazer pertencer aos mesmos é um processo de socialização no qual corresponde a ser aceito e aceitar os padrões de comportamentos e estilos.

Durante todo o processo de exposição dos novos associados aos referenciais já construídos nos diversos ambientes do clube existe uma assimilação dos novos padrões de comportamento. Aos poucos as pessoas descobrem os modos mais apropriados de se postar no banho de sol, as formas de desfrutar dos espaços, dos esportes associados aos trajes e equipamentos adequados e outros. Os códigos entre as pessoas apresentam certos contornos e fazem a confirmação de um hábito aceito e aprovado.

Esses referenciais e significados construídos pelas pessoas e atribuídos às práticas e espaços utilizados nos clubes sugerem certos condicionamentos aos usuários. Uma evidência dessas restrições está relacionada aos trajes considerados adequados à atividade ou ao momento, para os bailes trajes sociais, para o jogo de tênis de campo roupas brancas e para a partida de futebol equipamentos completos - caneleira e chuteiras específicas para o tipo do campo -.

Voltando as atenções na relação do associado com o ambiente externo, ou seja, para fora dos muros dos clubes, observando sua relação com outras pessoas que não pertencem à mesma instituição ou não participam de qualquer outro clube sócio-recreativo é possível sugerir que exista uma diferenciação nos significados atribuídos aos valores que orientam os costumes de cada um, isto por ter havido uma alteração nos valores até então compartilhados pelos mesmos referenciais.

Considerando a constituição das características de uma determinada sociedade como os aspectos culturais, encontrada nas especificidades das instituições (igreja, família, escola) e dos comportamentos das pessoas, os clubes sócio-recreativos também pretendem, de forma inconsciente, fazer com que os indivíduos se conformem com os valores próprios de cada cultura (LAPLANTINE, 1999). Dessa forma, os clubes sócio-recreativos apresentam uma complexa rede de sociabilidades com capacidade de fornecer elementos que se constituam em novos referenciais, atribuindo significado nos modos de vida das pessoas.

Problema

A curiosidade despertada pela existência e pelo funcionamento dos clubes sócio-recreativos gerou inquietações e motivações para o desenvolvimento de estudos que pudessem permitir melhor compreensão sobre as relações estabelecidas nesse meio, os grupos que se formam, suas relações de interdependência e a influência na aquisição de novos hábitos e comportamentos. O desejo de conhecer melhor sobre os clubes sócio-recreativos favorece a procura de subsídios que contribuam para entender os significados das práticas estabelecidas pelas pessoas.

A partir da experiência vivenciada durante os anos de proximidade com clubes é interessante observar a existência de determinadas convenções, diversos sinais que permitem conhecer e reconhecer um freqüentador de ambientes específicos nas estruturas de uma mesma instituição, normas de convivência tacitamente aceitas como: vestimentas, linguagens, gestos, modos de agir no convívio social e na participação de atividades realizadas revelam a peculiaridade de determinados significados.

Nesse sentido, a disposição dos clubes sócio-recreativos como um lugar onde as possibilidades de vivências no tempo livre são diversas é possível acreditar que existam formas construídas de vivenciar o lazer que, influenciadas por comportamentos adquiridos pela sociedade e, por vezes, reforçados por essas estruturas organizacionais interferem diretamente no comportamento das

pessoas, alterando seu conjunto de referências que serve de orientação e ação do indivíduo em todas as suas interferências na sociedade.

Assim, compreende-se que as experiências adquiridas no ambiente do lazer, em relação de interdependência com as demais manifestações da vida do homem, provoca a construção ou reforço de novas representações sociais na sua maneira de ver e agir no mundo.

Nessa perspectiva cabe ressaltar que a percepção do prazer, uma condição auferida na busca pelo lazer, encontra-se, muitas vezes, carregada de valores atribuídos pelas pessoas, favorecida pelos interesses simbólicos construídos na sociedade dentre os quais é possível citar a busca por posições de *status* em determinados grupos, o que atribui determinados valores às pessoas e condiciona o comportamento dentro dos clubes; ou seja, participar de um clube sócio-recreativo ou de determinadas atividades pode conferir ao sujeito distinção entre os demais.

Nessa disposição, existe a figura da estrutura administrativa responsável pela organização da vida coletiva dos usuários e pela estruturação do conteúdo e da forma da oferta dos serviços oferecidos, fornecendo elementos que influenciarão na constituição desses significados. Dentre suas estratégias de trabalho algumas ações são questionáveis quanto ao benefício que podem trazer ao associado como a oferta de premiações aos vencedores de disputas esportivas, concursos literários e outras.

Num primeiro olhar, esse tipo de conduta poderia ser entendido como uma estratégia para atrair um maior número de participantes para a atividade, porém outras variáveis como a tradição pelo fato de administrações anteriores terem iniciado com este procedimento, a influência da organização de eventos que acontecem em outros cenários como na escola, no Estado ou, ainda, nas atividades profissionais como o esporte espetáculo fornecem modelos que muitas vezes são copiados.

É complexo determinar que tipo de reflexos esta forma de ação pode provocar no participante, cada um reage de uma maneira específica, mesmo se o resultado de sua participação for a vitória.

Ainda sobre esse aspecto, no que tange o papel da administração neste processo está a dimensão e a importância que a organização construiu na instituição para esse prêmio ou premiado.

Nesse exemplo é visível o começo de um “contrato psicológico” do associado com a instituição, no qual o associado condiciona sua participação nas atividades oferecidas à conquista de um bem material ou posição de privilégio e destaque entre seus pares. E a instituição, por sua vez, preocupada em encontrar novos prêmios que poderão satisfazer os desejos simbólicos dos associados despende parte do planejamento dos eventos e do orçamento.

A exemplo disso vale destacar a participação dos associados de um clube da Região Metropolitana de Curitiba em um evento esportivo. Realizado por diversas vezes um campeonato de vôlei de duplas de areia só tinha adesão maciça quando era oferecido prêmio em dinheiro, isto pode ser confirmado em virtude das várias experiências realizadas com e sem dinheiro como premiação.

Dessa forma, acredita-se que as ações dos dirigentes ou técnicos, que por acaso estejam relacionadas à manutenção de uma determinada lógica social, têm uma contribuição relevante para o desenvolvimento ou reforço de certos significados atribuídos às práticas sociais dentro desse ambiente, tornando o indivíduo produto e reproduzidor dessas estruturas. O poder de sedução do ambiente do lazer para a (re)construção de hábitos pode ser tão marcante quanto em outro ambiente qualquer.

Contudo, as decisões ou posições assumidas pela diretoria de um clube dispõem de relativa autonomia. Sua estrutura administrativa pertence a um conjunto específico de tensões que estabelece uma relação de interdependência em determinado contexto social, essas tensões podem estar condicionadas a imposições de grupos internos com capacidade de influenciar, direta ou indiretamente, em uma votação ou eleição (ELIAS, 1994).

Outro aspecto que aborda a questão das decisões diretivas em relação à vida do clube está relacionado à elaboração de políticas de atuação. Para tanto é necessário considerar o entendimento sobre lazer, a visão parcial e restrita dificulta a formulação de ações específicas; geralmente a redução do conceito implica em visões parciais e limitadas atribuindo às práticas somente o aspecto da

diversão e descanso, desarticulados com as demais relações sociais dos indivíduos com a sociedade (MARCELLINO, 1996).

O conhecimento acerca de subsídios teóricos que permeiam o desenvolvimento de ações em clubes sócio-recreativos, como em qualquer área social, é fundamental. Saber das necessidades, dos interesses e das aspirações da clientela, considerando os aspectos teóricos do lazer, permite a existência de políticas que possam melhor orientar a intervenção profissional, seja para a elaboração projetos arquitetônicos e ou programações.

A produção ou reprodução de significados e modos de vida na sociedade, a partir das experiências obtidas nos clubes sócio recreativos, está diretamente vinculada à forma e ao conteúdo com que são oportunizadas aos associados às possibilidades de lazer.

Essa absorção do associado quanto às coisas dos clubes é, também, influenciada pelos diferentes meios de comunicação como: rádio, televisão, revistas, jornais e outros evidenciando o consumo de produtos que associado à prática da atividade física ou esportiva ou outras atividades de lazer oferecem qualidade de vida, bem-estar, saúde. Todas essas informações produzem nas pessoas representações específicas sobre atividades associadas ao lazer, ou seja, a promessa de felicidade e saúde com essas práticas vinculada a padrões estéticos de beleza pode ser reforçada nas estruturas clubísticas (FIGUEIRA & GOELLNER, 2005).

Dessa forma, o associado também pode ser motivado a buscar pelas atividades do clube para satisfazer as necessidades criadas a partir da indústria da satisfação que direciona para o consumo inconsciente do produto da moda, seja ele o tênis, a natação ou outra modalidade qualquer de jogo.

Ou ainda, as pessoas são impulsionadas à escolha de determinada atividade com o intuito de conquistar os contornos corporais padronizados pela mesma indústria. Convencidos de que a saúde ou a boa forma estão diretamente relacionadas com a cultura simbólica atribuída ao corpo por determinados grupos sociais é reforçado a reprodução de um determinado estilo de vida (GOLDENBERG; RAMOS, 2002).

Também existe a possibilidade de haver uma estimulação à participação da vida no clube por parte das ações desenvolvidas na instituição, sejam elas

passadas de pai para filho, adquiridas na infância, participando dos programas oferecidos nos clubes, ou ainda, estimulados à prática devido à convivência com grupos de amigos que praticam alguma modalidade esportiva, artística e ou social.

Apesar de existir no clube ações isoladas de indivíduos e ou grupos na reivindicação de programas ou espaços físicos para atingir os desejos e ou objetivos particulares almejados, suas propostas estão direcionadas a atender uma necessidade imediata e não propor soluções para romper o *status quo*.

Isto é confirmado na pesquisa de BRAMANTE (1999) sobre o nível de envolvimento dos associados para com a sua prática de lazer, independente de seus objetivos pessoais. Situando-se em uma postura conformista, ou seja, não participando das decisões que determinam a forma com que sua prática de lazer se desenvolverá no clube, o associado assume a postura não como sujeito, mas como objeto dos valores simbólicos ali produzidos e ou reproduzidos.

De acordo com esses pressupostos destacados até o momento surgiram algumas questões para a pesquisa:

- ♦ a participação dos associados nas atividades e ou equipamentos de lazer dos clubes sócio-recreativos produz significados e modos de vida nos mesmos?
- ♦ quais princípios devem nortear a formulação de políticas de atuação dos clubes sócio-recreativos?
- ♦ qual entendimento dos dirigentes, profissionais e associados quanto às experiências lúdicas vivenciadas nos clubes e suas implicações com as outras esferas sociais da vida do associado?
- ♦ pode a prática vivenciada nos clubes de lazer influenciar no comportamento do indivíduo na sociedade como um todo?

Nesse sentido, os capítulos estruturados neste estudo têm a proposta de aprofundar as discussões aqui iniciadas, buscando responder às questões formuladas.

Objetivo Geral

Analisar as práticas de lazer e os clubes sócio-recreativos de Curitiba/Pr a fim de verificar o nível de correlações no modo de vida dos associados com a produção e/ou reprodução de representações sociais.

Objetivos Específicos

- ♦ analisar as práticas de lazer e a constituição dos clubes sócio-recreativos;
- ♦ verificar os princípios teóricos que norteiam as práticas de lazer nos clubes sócio-recreativos;
- ♦ identificar os aspectos teórico-motivacionais que levam o indivíduo a estabelecer contratos sociais para sua coexistência, em específico com as práticas de lazer;
- ♦ fornecer subsídios para a implementação de uma política de programas de lazer nos clubes sócio-recreativos.

Metodologia

Para desenvolver o estudo optou-se por uma pesquisa descritiva de caráter exploratório, cujo objetivo foi realizar investigação sobre fatos ocorridos no passado como a constituição do significado de tempo nas sociedades modernas. Também discorrer sobre o cotidiano das estruturas clubísticas para que, através das generalizações, fosse possível compreender o presente e pensar o futuro. Da mesma forma, a descrição, o registro e a interpretação dos fenômenos atuais objetivaram o funcionamento no presente sobre a análise do comportamento e a compreensão das pessoas na apropriação do tempo-espço dentro dos clubes sócio-recreativos, sob uma perspectiva sociológica. Dessa forma foi possível maior e melhor familiaridade com o ambiente para a clarificação de conceitos ou

ainda de sugestão de diretrizes no planejamento de políticas das ações dessas instituições (LAKATOS, 1999).

Para a coleta dos dados foram utilizados entrevistas e questionários com os técnicos, diretores e associados de clubes sócio-recreativos da cidade de Curitiba-Paraná, por considerar que são os atores e agentes envolvidos nesse universo. Também foi realizada a observação assistemática não participante, na qual o intuito foi obter contato com o ambiente sem integrar-se às atividades, fazendo o papel do espectador, extraindo informações das situações casuais vivenciadas nos clubes. Esta técnica auxiliou a captação de comprovações sobre as quais os indivíduos possam apresentar orientados em seus comportamentos permitindo, assim, estabelecer análises com as respostas dos questionários, entrevistas e com as referências teóricas estabelecidas (LAKATOS, 1999).

As visitas nos três clubes escolhidos aconteceram nos finais de semana e nos períodos noturnos por contar com uma maior presença de associados participando das diversas atividades, bem como o acompanhamento de alguns eventos que acontecerem no período das visitas.

Apesar dos responsáveis pelo atendimento ao pesquisador nos clubes terem demonstrado receptividade houve dificuldade de acesso. Em vários momentos não houve retorno sobre a solicitação para o ingresso no clube em determinados dias e ou horários, comprometendo o número de visitas, assim, foi possível uma média de seis visitas por clube, sendo que o clube com menor visitação contou com quatro comparecimentos.

Apesar do conjunto da pesquisa não ser tratado como amostra, foram estabelecidas algumas restrições para a coleta de dados. Optou-se pela amostra de vários degraus ou estágios múltiplos, com o intuito de permitir identificação mais clara da amostragem, combinando três etapas que se seguem (LAKATOS, 1999).

Assim para definir os clubes a serem pesquisados foi programada a realização de um diagnóstico na cidade de Curitiba/Pr identificando os clubes sócio-recreativos para classificação dos mesmos quanto à algumas características como: estruturas, dimensões e objetivos. A partir dessa

identificação foram utilizados como referencial as instituições não pertencentes a clubes de empresas ou agremiações de funcionários, filiadas ao Sindiclubes, sindicato que representa os clubes sócio-recreativos no Paraná, totalizando uma amostra de 20 entidades no universo de 39 instituições.

A definição por não usar os clubes de empresas ou agremiações de funcionários está ligada ao fato de acreditar que existe interferência na vida social-recreativa nesses ambientes ligado às filosofias de melhoria da produtividade no ambiente de trabalho pelas mantenedoras dos espaços ou programas, sugerindo assim outras análises não pertinentes no momento.

Pretendeu-se classificar esse grupo em pequeno, médio e grande porte considerando o número de associados titulares:

- ♦ pequeno porte - número de até 2.000 (dois mil) titulares;
- ♦ médio porte - 2.001 (dois mil e um) a 4.000 (quatro mil) associados;
- ♦ grande porte - 4.001 e acima;

estabelecendo, assim, uma amostragem por conglomerado ou por grupo. A dimensão estipulada não teve intenção de propor uma classificação estatística, mas considerá-la com o intuito de verificar se existem diferenças ou semelhanças no que diz respeito ao tamanho das instituições (LAKATOS, 1999).

O próximo passo estabelecido foi, a partir da amostragem aleatória simples, escolher um clube representante de cada tamanho, no qual seriam enumerados todos os componentes de cada categoria para sorteio, garantindo, assim, a possibilidade de discutir análises comparativas entre as instituições (LAKATOS, 1999).

O primeiro passo foi contatar os clubes com intuito de conseguir o número de associados titulares para classificá-los conforme o tamanho, no entanto, em virtude de não obter retorno positivo das instituições foi procurado o Sindiclubes para conseguir a informação desejada.

No primeiro momento foi informado que esses dados não poderiam ser fornecidos, após esta tentativa foi contatado pessoalmente o vice-presidente do Sindiclubes, visto a relação profissional estabelecida com o mesmo em momentos

anteriores o que permitiu o acesso às informações. Entretanto, esta entidade não dispunha do número de associados existentes em cada clube por falta de um diagnóstico do perfil detalhado de cada clube filiado à instituição.

Dessa forma, depois de explicado o procedimento metodológico ao vice-presidente do Sindiclubes, o mesmo indicou três clubes que estariam dentro das especificidades indicadas, conforme a aproximação que o mesmo tinha aos Presidentes dessas instituições.

Após a dificuldade encontrada em dispor de um acesso às outras estruturas clubísticas o pesquisador optou por mais um clube para investigação de campo. Este clube no qual o pesquisador desenvolve atividades profissionais permitiu um contato mais próximo com o cotidiano da instituição, favorecendo a observação mais atenta e a coleta de informações que passariam despercebidas nas visitas realizadas nos demais clubes, tendo em vista o número reduzido de visitas que não dão condição para análises mais densas.

Considerando as questões éticas de seu envolvimento profissional foi tomado um cuidado no tratamento das informações oriundas deste quarto clube; os dados utilizados restringiram-se àqueles que não foram absorvidos a partir da prática profissional como discussões em reuniões com diretores, funcionários e ou associados, acesso a documentos administrativos e outros.

A amostra do público a ser entrevistado em cada associação foi estabelecida por amostragem estratificada, ou seja, associados titulares com pelos menos 1 (um) ano ininterrupto, com uma frequência mínima de 4 (quatro) presenças por mês nas instalações da associação por um período mínimo de 3 (três) meses (LAKATOS, 1999).

Esta estratificação visava garantir que o público pesquisado apresentasse um efetivo vínculo com a vida associativa do clube, participando regularmente das programações e espaços oferecidos, independente das características das mesmas.

No que tange aos agentes sociais foram convidados a participar de entrevista estruturada o presidente da instituição ou outro diretor por ele indicado

e o funcionário de maior cargo hierárquico do setor responsável pelo desenvolvimento dos programas de sócio-recreativos (LAKATOS, 1999).

Após a definição das características do público a ser investigado, pretendeu-se utilizar uma amostragem aleatória simples na qual seriam enumerados os associados que contemplassem as características desejadas, sendo sorteados 15 associados de cada clube. Considera-se que este número atende às necessidades da pesquisa, tendo em vista que a mesma não tem intenção de realizar análises quantitativas (LAKATOS, 1999).

Devido à dificuldade de conseguir dados sobre os associados dentro das especificações estabelecidas, uma vez que as instituições necessitam de melhor controle que permita o acesso a essas informações, os sujeitos que participaram das entrevistas ou preenchimento dos questionários em dois clubes foram indicados pelos profissionais ou diretores dos clubes, conforme características estabelecidas de frequência e tempo de associado. Nos outros dois clubes o pesquisador teve a possibilidade de procurar pelos associados e fazer a abordagem pessoalmente.

Neste caso, a amostra descaracteriza-se como aleatória em virtude das escolhas contarem com critérios estabelecidos pelos diretores e ou funcionários, como melhor acesso e afinidade com a estrutura administrativa e ou política da instituição por parte dos entrevistados. Da mesma forma, no clube onde o pesquisador desenvolve suas atividades profissionais foram escolhidos associados com melhor aproximação.

Apesar da forma de recrutamento de associados descaracterizar o tipo de amostragem, ela não provocou alterações que comprometessem o resultado da pesquisa, tendo em vista as similaridades das respostas com o clube que o próprio pesquisador realizou o recrutamento e pelas questões não versarem diretamente assuntos que tratem a política interna ou administrativa dos clubes.

Para aplicação do questionário foi elaborado um modelo prévio para verificar a abrangência das questões. Após a constituição deste material foram realizadas 2 entrevistas com profissionais de um clube, no mesmo perfil do pretendido pela pesquisa, e 3 entrevistas com associados com as mesmas

características estabelecidas para a coleta de dados. Após este trabalho foi anotada a dificuldade de compreensão e as divergências entre perguntas e respostas para novo realinhamento das questões.

O modelo foi testado novamente com outro público, sendo 2 técnicos e 3 associados. Dessa forma optou-se por fazer uma tentativa enquanto entrevista e outra como preenchimento do questionário, isto porque se percebeu certa formalidade nas respostas às perguntas feitas pelo pesquisador as quais não ofereceram material com significativa distinção em relação ao preenchimento dos questionários.

Para os associados escolhidos como parte da amostra foi aplicado o questionário com perguntas abertas, após verificadas e corrigidas as falhas, deixou-se livre a opção entre entrevista ou resposta ao questionário.

Para a pesquisa bibliográfica foram utilizadas fontes, tais como: boletins, revistas informativas das instituições, livros, teses, dissertações, Internet, atas de fundação das instituições, jornais e outras fontes. Paralelamente, buscou-se autores que estabelecem um diálogo sobre a construção social do tempo, a forma de apropriação do homem sobre o mesmo e os significados a ele atribuídos, contribuindo para o modo de vida da sociedade atual.

Plano de Redação

Para poder discutir sobre o cotidiano dos clubes sócio-recreativos e, assim, de seus usuários e não correr o risco de desarticular a relação com as demais esferas de suas vidas é pertinente pensar como ELIAS (1990) quando ele trata dos padrões de interdependência em processo de mudanças, ou seja, os indivíduos estão em constante articulação, com relativa autonomia, que modela e envolve o viver em sociedade. Neste sentido tem-se o processo de civilização que diz respeito às alterações de longo prazo que têm ocorrido nas figurações humanas.

Assim é possível prosseguir utilizando-se dos argumentos de PINTO (2000) quando ele afirma que não será possível falar da construção de (pré)

disposições a agir e a pensar estruturas pelas práticas sociais no campo do lazer, vivenciada nos clubes sócio-recreativos, considerando os indivíduos fragmentados em estruturas estanques e opostos. Em específico, neste trabalho, como o trabalho e o lazer, sendo que os símbolos representam o mundo e o constroem ao mesmo tempo em que são por ele concebidos, eles devem ser considerados sob vários aspectos.

Destaca-se a importância desta consideração, tendo em vista o que afirma MARCELLINO (1990) sobre a valorização unilateral que apresenta uma série de riscos como a possibilidade de utilização das práticas de lazer como fuga, fonte de alienação, etc. e que a alienação de um gera a evasão e processos compensatórios em outro.

Como referência de análise serão utilizados ELIAS para fundamentar as questões relativas à construção social do tempo e a categoria de "pedaço" de MAGNANI para discutir sobre os clubes sócio-recreativos enquanto espaço de sociabilidade. A discussão sobre a manifestação lúdica do ser humano será fundamentada pelos autores MAFFESOLI e HUIZINGA. Com a contribuição de MAFFESOLI serão tratados aspectos na constituição da vida social que influenciaram na configuração desse fenômeno sociocultural que são os clubes sócio-recreativos existentes na atualidade.

O estudo foi desenvolvido em três capítulos. No capítulo 1 foi elaborada uma discussão sobre a construção social do tempo, como ele foi categorizado e de que forma o homem se apropriou do mesmo. Foi apresentada a relação do trabalho com a transferência do comportamento e significados para as práticas associativas vivenciadas nos clubes, a qual se considera como o campo economicamente não produtivo, atribuindo, assim, significados a seu comportamento.

Ainda nesse capítulo realizou-se uma discussão sobre o lúdico para compreender a busca do homem por essa manifestação, também foi trabalhada a necessidade de instituir espaços para suas atividades associativas economicamente não produtivas, considerando a apropriação dos espaços da cidade e o desenvolvimento urbano na influência da constituição de espaços para a convivência no tempo livre, em específico os clubes sócio-recreativos.

No capítulo 2 foi feito um debate sobre a vida cotidiana nos clubes para estabelecer uma forma de análise para justapor com os objetivos almejados pelas pessoas nas práticas realizadas nos clubes sócio-recreativos, à luz da categoria “pedaço” de MAGNANI, considerando o clube sócio-recreativo enquanto lugar de sociabilidade. Sobre o cotidiano optou-se por discutir sobre as práticas esportivas, tendo em vista a considerável predominância da mesma sobre as demais. Na parte final desenvolveu-se uma discussão sobre as formas de sociabilidade estabelecidas dentro dos clubes, as tensões e conflitos existentes.

No Capítulo 3 apresentou-se a análise dos pressupostos teóricos trabalhados com os diversos autores e os resultados da pesquisa de campo para fazer as “amarrações” necessárias, apresentando propostas de diretrizes para o desenvolvimento das práticas associativas nos clubes sócio-recreativos.

A conclusão da dissertação demonstra alguns subsídios teórico-empíricos com o intuito de contribuir para a formulação de políticas nas estruturas clubística e com sugestões para futuros encaminhamentos.

CAPÍTULO 1. O TEMPO , O ESPAÇO, O LÚDICO E AS PRÁTICAS DE LAZER

Para debater sobre o lazer nos clubes sócio-recreativos, o estabelecimento de práticas e representações sociais optou-se por construir um cenário de discussão a partir dos elementos que compõem o conjunto que serve para criar a atmosfera onde decorre a constituição dos clubes - o tempo, o espaço e o lúdico -. Nessa ótica adotou-se não fazer uma discussão específica sobre lazer, por entender que a construção de um referencial de análise que discuta a tríade (tempo-espaço-atividade), a partir da dimensão e o significado de cada aspecto, poderá ampliar a compreensão do fenômeno lazer na sociedade atual.

Este capítulo discute a construção, ao longo do processo civilizatório, da instituição da idéia de tempo nas sociedades, a compreensão existente na sociedade atual e sua influência na constituição de predisposições nas práticas realizadas no tempo livre. Para este fim, buscou-se na teoria de ELIAS subsídios que se mostraram pertinentes para o entendimento e realização desta pesquisa.

Associado à compreensão do significado atribuído ao tempo nas sociedades modernas se fez necessário discorrer sobre a predominância que o tempo produtivo exerce sobre os demais tempos sociais, tendo em vista que esse fator influencia o modo que as pessoas se apropriam de práticas de lazer.

Na dimensão do espaço optou-se por estabelecer uma discussão da instituição de espaços no cenário urbano especificamente para o desfrute do tempo livre. Finalizando resolveu-se abordar a manifestação lúdica na nossa sociedade considerando as diversas influências que são apontadas para a compreensão que o homem venha a atribuir ao lúdico.

1. CONSTRUÇÃO SOCIAL DO TEMPO E SUA APROPRIAÇÃO

O levantamento sobre a elaboração do significado de tempo na vida das pessoas permitirá uma leitura mais conexa e relacionada entre as práticas de lazer vivenciadas dentro de um clube sócio-recreativo e sua inter-relação com as demais atividades sociais, tendo em vista a análise do modo pelos quais os indivíduos vivem.

A interpretação atribuída ao tempo que a sociedade conhece na atualidade não é um dado natural, ela foi construída socialmente e sofreu influência de várias categorias estruturadas a partir de diferentes aspectos. A institucionalização de uma forma mecânica de orientação do ser humano, para suas atividades do cotidiano, contribuiu para que eles contassem mais com as percepções adquiridas pela aprendizagem e pela experiência prévia do que por reações inatas (ELIAS, 1998). Assim, ações das mais distintas como alimentar-se, dormir, trabalhar, rezar, descansar e outras do cotidiano, têm hora e, conseqüentemente, lugar para acontecer.

Dentre as diversas formas de institucionalização do controle do tempo existentes em nossa sociedade, tem-se a própria constituição dos clubes sócio-recreativos como uma manifestação representativa de uma categoria atribuída ao tempo que nossa sociedade adquiriu. É a instituição de que existe um espaço, um local específico que autoriza ser usufruído por práticas características em determinado tempo.

Apesar das distintas abordagens adotadas pelas diferentes áreas de conhecimento sobre o tempo, em diversos estudos o significado desse objeto hoje é o resultado da construção produzida a partir do desdobramento de suas representações. Não considerar a relação entre eles implica na restrição e exclusão de interpretações para a sua significação social.

Embora não haja consenso entre os estudiosos sobre a conceituação desse objeto existem algumas categorias como:

- ♦ o tempo histórico cuja identificação é variável acompanhando o percurso da civilização;
- ♦ o tempo cronológico que estabelece as regras da coexistência humana;
- ♦ o tempo físico como a quantificação que permite a comparação de relação entre anterior e posterior, independente da consciência do sujeito; e
- ♦ o tempo psicológico ou tempo vivido, subjetivo e qualitativo, variando de indivíduo para indivíduo.

Essas categorias constituem o conjunto de saberes que influenciaram a percepção das pessoas em relação ao tempo na sociedade atual (RIBEIRO, 2002).

A necessidade de estabelecer uma análise sobre o tempo, a partir de uma leitura articulada com as diversas categorias, também é compartilhada na crítica que ELIAS (1998) faz sobre os diversos estudiosos que discutem esse tema considerando uma cisão entre o que é natural e social, pois concebendo que sua determinação simbólica é construída socialmente e em longo prazo, o axioma de um universo dividido torna impossível dominar o problema da relação entre o tempo físico, o tempo biológico e o tempo social.

Por acreditar que a representação social do tempo na sociedade atual foi construída por um processo de longa duração, durante todo o processo civilizacional, e pela dinâmica relação na vida do homem na experiência de seus acontecimentos com o tempo e espaço, constituindo determinados hábitos (BICUDO, 2003), para este estudo será adotado o foco da concepção histórica nas discussões.

Nessa perspectiva, falar das relações que as sociedades não urbanizadas tinham com a vida no início do século XIX e qual a relação que dispõem nos dias de hoje evidencia a influência do significado do tempo no modo de viver das sociedades e dos indivíduos.

Apesar dos diversos avanços tecnológicos onde os meios de transporte e comunicação ganharam maior velocidade, encurtando o tempo e o espaço entre as atividades do homem, atualmente é comum ouvir insatisfações pela falta de tempo para cumprir suas tarefas diárias e ou realizar o plano de suas vidas.

Essa relação do homem com o tempo desde as civilizações menos complexas até os dias de hoje é afirmada por GLEZER (1993) quando a autora apresenta as etapas do processo de regulação social, na qual encontra, no primeiro momento, a necessidade dos homens dominarem o conhecimento que permitisse a previsão de períodos da natureza que favorecesse exercer controle sobre ela, como, saber a melhor época para o plantio. Depois a criação de mecanismos que tornasse possível a ordenação da vida em sociedade, e por último a constituição de personalidade dotada de uma auto-regulação social, consolidando a consciência pessoal de tempo como uma característica natural.

Sob esse ponto de vista ELIAS (1998) propõe que o tempo orienta as experiências do homem entre o que é natural com o social, estabelecendo, ainda, que o tempo exerça coerção entre as estruturas individuais com as sociais.

A coerção exercida nas ações dos indivíduos pode ser verificada pela regularidade e pela seqüência estabelecidas pelo tempo para as rotinas e as atividades exercidas pelas pessoas, favorecendo, assim, certa previsibilidade da vida, visto que o percurso de suas atividades está normalizado pela referência temporal (ELIAS, 1998).

A normatização da rotina do dia, dos dias da semana, do mês, do ano no qual a presença de atividades profissionais, ou, ainda, de atividades de características obrigatórias e não obrigatórias, dos rituais religiosos e cívicos, e o tempo da família e outros são bem demarcadas, torna-se um símbolo do calendário indispensável que age como regulador das relações entre as pessoas.

Os indivíduos passaram por um processo de aprendizagem para a adaptação do tempo natural para o tempo construído socialmente. Essa modificação teve interferência direta pelo que ELIAS (1998) chama de coação social, na qual a coerção externa da instituição social contribuiu para formar a estrutura da personalidade do indivíduo.

Essa coação social do tempo é entendida por ELIAS (1998) como uma pressão de fora para dentro, relativamente discreta de seus símbolos como o relógio, o calendário e horários, para suscitar o desenvolvimento de uma autodisciplina dos indivíduos. Dessa forma, a coerção externa transforma-se em autocoção e o tempo passa a impor seu domínio não apenas externamente, mas, principalmente, internamente.

Com isso, a representação da sucessão de horas, dias, semanas e anos construídos socialmente tem envolvido o ser humano para a noção de obrigação e não obrigação, atrelados à subjetividade qualitativa do modo de interpretar o tempo como: noção de prazer, liberdade, felicidade, tédio e outras emoções.

O modo de viver essa subjetividade qualitativa do tempo segue padrões dominantes de comportamento caracterizados por um todo coletivo, construídos por um saber comum, mantendo os indivíduos em consonância com os outros. “Porém, essa mesmidade cessa no modo como cada um vive o tempo: angustiado, entediado pela sobra de tempo, asfixiado pela falta de tempo ... (BICUDO, 2003, p.21)”.

Nessa perspectiva torna-se questionável que as formas de organização estabelecidas para o atendimento ao associado nas ações planejadas pelos

clubes sócio-recreativos irão realmente atender aos interesses e ou expectativas dos freqüentadores. A rigorosidade no controle do tempo para a execução de certas atividades pode repercutir como excesso de controle desnecessário, ao passo que para outros a falta de uma estrutura formal bem estabelecida para início e término de determinados programas e ou horários de funcionamento pode provocar angústias.

Apesar dessas organizações necessitarem de certo ordenamento dos procedimentos e rotinas para garantir seu funcionamento, algumas estratégias de ação podem ser repensadas como forma de flexibilização de alguns horários para a participação em atividades oferecidas. A exemplo disso é possível citar a estrutura de funcionamento das salas de musculação, onde o inscrito na atividade não precisa comparecer em dias e horários específicos, mas pode freqüentar esse espaço nos dias e horários que melhor se acomodarem.

Isso porque a associação da estrutura da personalidade socialmente adquirida com o patrimônio genético do indivíduo constitui seu modo específico de perceber a temporalidade de sua vida. As características específicas individuais que diferenciam a forma de relacionar seu modo de vida com o tempo é resultado do seu *habitus* social adquirido em cada período e sociedade em que se vivem às pessoas (ELIAS, 1998). O hábito de cumprir com compromissos assumidos em determinados dias e horários para alguns pode servir como estímulo para a participação nos programas ou mesmo para a freqüência no clube, enquanto para outros pode provocar o afastamento.

Uma outra situação onde geralmente existe a rigorosidade de cumprimento de horários em programas de lazer são os bailes, existe o horário de abertura do salão, de início e término do jantar e da banda iniciar as apresentações. É obvio entender a necessidade de estruturar determinados parâmetros para início e término de algumas ações, isto depende de toda uma estrutura operacional. Entretanto, alguns pontos podem ser flexibilizados como o horário de início do jantar, exigindo da estrutura organizacional a mudança de alguns procedimentos tais como conforme freqüência de chegada ao evento e histórico dos anteriores, o jantar pode ser servido à medida que o fluxo considerável de pessoas estiver no local do evento. Essa suposta dilatação na percepção do evento oferece outros

referenciais para o envolvimento das pessoas, neste caso de forma mais tranqüila.

A forma como a estrutura funcional do clube administra o tempo de seus associados influencia na percepção que o mesmo tem dele. É possível haver uma ruptura da necessidade de controle do tempo por parte da pessoa que freqüenta a atividade com a flexibilização.

Nessa direção, a idéia de que as pessoas possam apresentar sentimentos de culpa, constrangimentos, frustrações, distorções e angústias por defrontar-se com um conflito entre o que assimilaram enquanto comportamento aceitável nos períodos de tempo determinados de cada sociedade e as emoções reprimidas é verdadeiro.

Isso é confirmado por ELIAS (1998, p.118) quando diz que se trata “de um equilíbrio entre, de um lado, as pulsões naturais, elementares, que habitam uma pessoa, e de outro, os modos de controle e regulação dessas pulsões que lhe foram ensinados”.

A partir do conjunto de referências assimilado no meio social se formam as designações a determinados tempos da vida dos homens e das mulheres, das crianças e dos adolescentes, dos adultos e dos idosos, ou seja, em cada momento da vida as pessoas estão condicionadas à assimilação de comportamentos estabelecidos pelo grupo social ao qual pertencem. Assim, tem-se o tempo da criança, do jovem, do adulto e do idoso cada um com uma significação social que permite aos mesmos acomodar-se e, assim, suas práticas sociais.

Dessa forma, há certa coação que condiciona a algumas sensações estabelecidas pelos padrões de cada sociedade. As predisposições dos indivíduos na ocupação das atividades dentro de cada tempo não foram resolvidas somente pela vontade natural de cada um, elas também foram determinadas pelas representações sociais que foram construídas ao longo da história da civilização sobre o tempo e influenciadas pela família, pela igreja, pela escola, pelo trabalho e por outras instituições sociais.

Este aspecto é confirmado por NASCIMENTO (2003, p.39), citando BRAUDEL, onde o autor destaca que alguns recortes de longa duração identificam “comportamentos coletivos mais enraizados, os valores e as crenças

manifestadas nas instituições políticas e religiosas por gerações, ou ainda as relações de trabalho que atravessam séculos, etc.”.

Essa orientação das emoções condicionada a partir do significado atribuído ao tempo por determinadas sociedades contribuiu para uma visão cartesiana da vida, na qual, com essa situação, é evidenciado um indivíduo fragmentado nas ações e intenções. As funções estabelecidas para determinada categoria do tempo exigem do indivíduo uma postura específica como para as obrigações - seriedade - e para o tempo das não obrigações - relativa espontaneidade -, o que por sua vez inibe o indivíduo de viver na plenitude de sua vida, permitindo os sentimentos e sensações fluírem mais bem relacionados com todas as esferas sociais.

Essa divisão temporal da vida do homem é fruto de uma construção resultante do processo civilizacional conforme REQUIXA (1980) quando lembra que para os povos primitivos não existia distinção tão clara do que era o tempo de trabalho e o tempo da vida, as ações da vida se fundiam integradas na existência humana, sem distinção em períodos especiais para a realização de cada atividade.

Apesar de existir uma divisão subjetiva e, ainda, nessa uma subdivisão das disposições nas situações envolvendo cada tempo da rotina diária da vida dos indivíduos, existe uma transposição das emoções ou sensações para um momento ou outro em uma relação de interinfluências. Por mais que um cidadão se desprenda em determinados períodos para uma atividade específica, ele carrega consigo sensações provocadas pelo outro instante anterior; apesar da divisão institucional do tempo dar a impressão de uma vida dividida em ocasiões, a maneira de sentir não são formas de experiências isoladas.

Isto pode ser confirmado na declaração de ELIAS (1994, p.207) quando estabelece que as ações das sociedades se desenvolvam a partir de uma rede de interdependência, influenciando todas as esferas da vida o comportamento das pessoas:

"... há manifestação do grande número de cadeias entrelaçadas e interdependência, abrangendo todas as funções sociais que os indivíduos têm que desempenhar, e da pressão competitiva que satura

essa rede densamente povoada e que afeta, direta ou indiretamente, cada ato isolado da pessoa ...".

De outra forma, as sensações das experiências vivenciadas após liberação do expediente diário do trabalho profissional, nos fins de semana ou feriados com os colegas de trabalho, podem ser transportadas para o ambiente profissional, porque outros elementos contribuem para a associação das percepções como a relação de prazer criada com os companheiros fora da empresa.

Os reflexos no comportamento das pessoas provocados pelas predisposições aprendidas, conforme as representações sociais construídas ao longo da vida sobre o conjunto de reações em relação ao tempo, traduzem o conjunto de propriedades e qualidades em que as mesmas estão inseridas. A exemplo disso é possível observar homens e mulheres despendendo esforços para suprimir ausências em um outro tempo de sua vida - dedicação excessiva nas atividades profissionais em decorrência de frustrações experimentadas em outros momentos - ou ao contrário - tentativas de suprimir as emoções frustradas nas atividades profissionais em outros instantes, como no tempo livre -.

Nesses termos, a institucionalização do tempo das obrigações sociais em especial as profissionais - como o trabalho e o estudo - e o tempo livre - com as práticas socioculturais não obrigatórias (assistir um filme em casa ou no cinema, ir ao teatro, viajar, ler, praticar esporte ou simplesmente o *dolce farniente*) oferecem às pessoas informações características na constituição de suas representações sociais com maior e menor controle e regulação das pulsões naturais.

Tratando especificamente das questões envolvendo as práticas socioculturais no tempo livre e a intervenção profissional nesse campo, GLEZER faz um alerta citando G. J. WHITROW (1993, p.31) no sentido de resignificar o conceito de tempo, tendo em vista "o que distingue particularmente o homem da sociedade contemporânea de seus antepassados é que ele adquiriu crescente consciência do tempo".

Considerando de modo mais específico a constituição de um espaço para que seja dedicado exclusivamente às questões das práticas no tempo livre, no caso os clubes sócio-recreativos, a necessidade de repensar a prática profissional torna-se mais proeminente, porque os clubes sócio-recreativos se

constituem em representações simbólicas concretas da consciência que temos de tempo.

Dessa forma é preciso considerar que o tempo livre em nossas sociedades possui relativa autonomia. O tempo de um profissional que trabalha em uma empresa com flexibilização de horários é diferente de um profissional que cumpre uma jornada rigorosa diária com horário de início e término para refeição e, às vezes, uma possível parada de quinze minutos para o café da tarde. Talvez para nossa sociedade não seja mais pertinente utilizar o termo tempo livre, mas o tempo disponível.

Nesse espaço novos dados são reimplantados em cada novo membro do grupo como novas formas de ocupar o tempo livre com atividades socioculturais, aquisição de comportamentos específicos, vestuários, formas de controle, a própria organização desse tempo livre e outros, norteando seu comportamento e sua sensibilidade. Isto contribui para constituir ou reforçar o “habitus social, a partir do qual se desenvolvem nele os traços distintivos que o constatarão com os outros no seio do grupo ...” (ELIAS, 1998, p.19).

Essas considerações sobre a distribuição ordinária da vida condicionada ao tempo social, onde surgiram as discussões sobre o tempo livre relacionadas ao lazer, sugere entender que essa interpretação é uma demarcação temporal característica das sociedades onde o cotidiano é disposto por uma divisão relativamente rígida das atividades dos indivíduos e da própria sociedade para explicar comportamentos característicos desse espaço como o consumo, as tensões, os conflitos e outros. O significado de lazer nas sociedades ocidentais perde esta função a partir do momento que a relação trabalho e não trabalho se flexibilizam. Esta situação, apesar de restrita a determinadas profissões, tem apresentado maior frequência na atualidade.

Com isso devem ser repensados os valores atribuídos à dimensão social da vida do indivíduo marcados pelo tempo social para permitir acompanhar a dinâmica da vida cotidiana.

2. A INFLUÊNCIA DO TEMPO PRODUTIVO NO COMPORTAMENTO SOCIAL CLUBÍSTICO

A vida cotidiana está bem (de)marcada pela racionalização do tempo nas sociedades contemporâneas. Homens, mulheres e crianças contam com uma organização ordinária, individual e coletiva que distribui entre o intervalo de uma noite e outra o ciclo completo de uma rotina, seja ela de ordem natural ou social, onde os afazeres domésticos, cuidados pessoais, estudos, lazer e trabalho profissional, têm hora e lugar certos de serem executados.

Apesar das tarefas diárias desenvolvidas pelos grupos sociais serem da mesma natureza, os hábitos adquirem significados próprios influenciados pelo efeito da familiarização atribuída ao tempo, enquanto símbolo social, que influencia nas pessoas um modo específico de ser e de agir.

A interpretação do tempo nas sociedades mais complexas é orientada por uma hierarquia de valores atribuídas ao mesmo, subordinando seu comportamento e sua sensibilidade. A predominância de determinadas ideologias ou compreensões político-filosóficas de cada sociedade implanta na personalidade do indivíduo um conjunto de disposições que o orientam para a ação.

Considerando que a vida do ser humano foi cindida em vários tempos e que esses exercem uma influência mútua, havendo uma interpenetração dos valores em sua personalidade, o tempo produtivo excede os demais em intensidade e duração e distingue-se dos outros pela sua superioridade simbólica, favorecendo que haja a necessidade da idéia de tempo útil.

Construída a partir de um processo de longa duração, essa divisão do tempo, na qual se representa para sociedade sob uma hierarquização de valores, apresenta o trabalho como tempo social dominante e as demais sociedades circundam em torno dele.¹⁰

¹⁰ MAÑAS, Christian Marcello. **O direito social ao lazer.** Disponível em <http://www.machoadvogados.com.br>. Acesso em 26 de setembro de 2006.

A representação do trabalho torna-se concreta e abstrata, quantitativamente e qualitativamente, agindo objetivamente e subjetivamente na coação do comportamento em todas as esferas da vida dos indivíduos.

Adentrando na constituição do modo de ser das pessoas, a subjetividade do entendimento do trabalho está relacionada ao comportamento, aos sentimentos e às emoções, à forma que se estabelecem as relações sociais e outros (LUNARDI FILHO, LUNARDI, SPRICIGO, 2001).

Dessa forma, por representar esta trajetória, o significado do trabalho perpassa a estrutura socioeconômica, a cultura, as necessidades, os valores, bem como a própria subjetividade daquele que trabalha. Portanto, o sujeito não existe fora do contexto de sua cultura, de sua sociedade e de sua história.

A ampliação do significado do trabalho profissional como expressão que permite relacioná-lo prontamente com o tempo produtivo, expande para dentro e para fora de sua própria dimensão a lógica do tempo útil. Penetrando, dessa forma, a idéia da necessidade de que o indivíduo se discipline para a execução das tarefas laborais, sendo entendido o lúdico um empecilho em todas as esferas da vida, para que a mesma se concretize (MARIN, 1996).

A demarcação da rigidez no ambiente de trabalho inibe o prolongamento das sensações de alegria, de prazer. Essa manifestação de emoção está reservada para depois da jornada de trabalho, nos fins de semana, feriados e férias (MARCELLINO, 1990).

Diante dessa situação, tendo o trabalho como um indicador das sensações e comportamentos das pessoas há uma contribuição para transportar a associação do que é prazeroso e lúdico com restrições, em virtude do indivíduo carregar consigo as percepções do tempo do trabalho na dimensão do tempo de não trabalho ou das obrigações, o que leva a ter uma visão fragmentada da própria vida no que tange às emoções reforçada pela divisão institucional do tempo.

Nesse contexto duas situações ficam evidentes:

- ♦ a primeira - do distanciamento existente entre o trabalho e a associação do prazer; e

- ♦ a segunda - de alguns valores atribuídos ao tempo livre, impregnando nas pessoas um possível sentimento de culpa, pela disposição do tempo livre em suas vidas.

A exaltação do trabalho, do ser produtivo, em detrimento do tempo livre, da ociosidade, torna-se para a vida contemporânea um referencial nas condutas das pessoas e sociedades. Apesar dos diversos órgãos públicos, municipais, estaduais e federais apresentarem em suas políticas estratégias que visem incentivar os cidadãos à uma vida associativa mais intensa e ativa, essa está condicionada à posição fundamental do trabalho, ele deixa de ser supérfluo e passa a ser útil, compensando as frustrações, os desgastes físicos e a alienação dos trabalhos mecânicos (OLIVEIRA, 1986).

Assim, surgem os trabalhos com propostas de ocupar o tempo da criança com a recreação educativa afastando-a dos maus hábitos e da marginalidade; as atividades lúdicas criativas favorecendo a aquisição de habilidades que auxiliam a formação e o desenvolvimento das pessoas para a vida no trabalho; as programações com atividades físicas e esportivas que ajudam homens e mulheres a resistirem aos desgastes provocados pela vida no trabalho.

Ao fixar o trabalho como instituição principal de uma sociedade, estando todas as demais esferas da vida girando em torno do mesmo, encontra-se um lazer coagido a ser produto do trabalho, caso contrário o lazer é condenado a um espaço tempo carregado de preconceitos, nos quais as dificuldades econômicas do país são justificadas em parte pelo excesso de feriados e festas, responsabilizado também pela marginalidade, atribuído à indolência, sendo esse um modo de vida particular dos povos em países atrasados (OLIVEIRA, 1986).

A pressão social estabelecida na vida das pessoas, na qual é ético e moral ser produtivo, é uma forma de controle social silencioso e invisível onde os homens e as mulheres contraem uma necessidade de encontrar utilidade no tempo.

Essa sensação é reforçada pelas estruturas clubísticas quando inflam seus calendários com programações. A presença do fazer algo é tão latente que existem calendários de eventos com mais de 178 diferentes títulos de eventos programados para o período de um ano - uma proporção média de um evento para aproximadamente dois dias -. As tensões que resultaram a constituição de

calendários como esse são provocadas por necessidades e interesses políticos da diretoria, dos técnicos e, também, dos associados, os quais nem sempre são convergentes, mas nem por isso não são contemplados.

Outra forma de controle e exploração exercidos pelo trabalho, subordinando o tempo livre, é a necessidade de consumir o excesso da produção das indústrias. As práticas de lazer estão estruturadas ocupando o tempo dos indivíduos com a oferta de diversão e modos de ocupar o tempo livre, com práticas de lazer proporcionadas por mecanismos de apropriação de bens materiais como a indústria cultural representada pela indústria do turismo, do esporte e do lazer (CHAUÍ, 1990, p.48).

Dessa maneira, tempo livre significa tempo que permite consumir. Sob a influência de diversos meios de comunicação como o rádio, a televisão e outras estratégias de *marketing*, a consciência da população é massacrada com um grande volume de informações, sendo manipulada em direção aos desejos materiais (OLIVEIRA, 1986).

É correto considerar que a possibilidade de desfrutar de um maior número de horas livres durante o dia com a redução da jornada de trabalho é um mérito dos trabalhadores, entretanto é ingênuo imaginar que essa conquista não veio carregada de interesses da classe burguesa, tendo em vista a necessidade de consumo existente com o excedente da produção, gerando um ciclo vicioso, reforçando a hegemonia do tempo produtivo sobre o modo de vida das pessoas.

Na medida em que aumentam, concomitantemente, o poder de consumo e o tempo livre disponível, em si o tempo ideal de consumo, amplia-se o mercado consumidor, aumenta a produção como resposta imediata. O aumento da produção, por sua vez, amplia o mercado de trabalho que conseqüentemente, fará crescer o número de consumidores (REQUIXA, 1980, p.26).

Aproveitando a oportunidade de contar com um indivíduo com maior tempo livre e com poder de compra, em virtude das reduções da jornada de trabalho não terem sido acompanhadas pela redução dos salários (REQUIXA, 1980), a classe burguesa transformou essa situação em ganho para si. Com a produção de produtos descartáveis e de baixa qualidade o consumo de massa é incentivado pelas invenções fictícias de necessidade de consumo (CHAUÍ, 1990).

Todo tempo do trabalhador passa a ser tempo à disposição da lógica produtiva, o que realmente inibe as experiências das pessoas, uma vez que a situação do lazer está subordinada a fortes componentes de produtividade e consumo.¹¹

Apesar do capitalismo ter sido decisivo para a construção do racionalismo do uso do tempo livre como forma de mercadoria, reforçando o aspecto pernicioso do ócio, não é possível atribuir a ele toda a responsabilidade de ter-se constituído a valorização do trabalho em prejuízo a outras esferas da vida, em específico no lazer (CHAUÍ, 1999).

O que intriga é que a influência da representação social do significado do trabalho no *habitus* social das pessoas apresenta, no decorrer do processo civilizacional, uma transferência de posição que foi sendo demarcada no decorrer da história. Como afirma LAFARGUE (1999, p.67), "... traindo seus instintos, desconhecendo sua missão histórica, deixou-se perverter pelo dogma do trabalho. Duro e terrível foi seu castigo. Todas as misérias individuais e sociais nasceram de sua paixão pelo trabalho".

Essa superposição do trabalho em relação ao lazer não contemplava os ensinamentos seguidos pela palavra de Deus, na qual o castigo de Adão ao romper com Deus no paraíso era a privação do desfrute da vida, para a punição do trabalho. Ele deveria conquistar com o suor do seu corpo seu alimento (CHAUÍ, 1999).

Da mesma maneira, entendiam os povos Romanos e Gregos que viam o trabalho como uma atividade indigna submetida somente aos escravos, estando a elite designada a dedicar-se ao ócio para alcançar a plenitude da vida (REQUIXA, 1980).

Um aspecto relevante sobre a inversão que existe nos dias atuais, na qual o lazer deixou de ser um aspecto da manifestação da própria vida para ser um produto do mundo do trabalho, está relacionado com a relação entre o homem religioso e o homem econômico. Sendo que sob a filosofia do ideário protestante e a valorização do homem econômico com finalidades lucrativas do tempo, há

¹¹ MAÑAS, Christian Marcello. **O direito social ao lazer** Disponível em <http://www.machadoadvogados.com.br>. Acesso em 26 de setembro de 2006

uma privação moral do direito de desfrutar do tempo livre com práticas que não sejam úteis (REQUIXA, 1980).

Com isso, aspectos de caráter hedonísticos acabam cedendo espaço para algo considerado superior, a produção e aquisição de dinheiro. A filosofia de trabalhar para a apropriação de bens materiais constrange as sensações de sentir prazer (CHAUÍ, 1999).

Nessa lógica surge o que DUMAZEDIER (1980) chama de patologia do lazer, um sentimento de culpa na apropriação do tempo livre com práticas que não sejam produtivas. Essa impressão reforça a necessidade de atribuir às práticas socioculturais no lazer uma função de distração, compensação do trabalho para justificar a si mesmo sua prática ou consumo.

Essa instrumentalização da vida associativa das pessoas no tempo livre é considerada por MARCELLINO (1990) como uma visão funcionalista. A construção dessa representação social na vida desempenha um papel decisivo na forma com que se apropriam desse tempo, muitas vezes considerada como uma válvula de escape para as frustrações, carências e a exaltação das emoções reprimidas pelo mundo do trabalho.

O tempo necessário à realização da atividade produtiva atual revela-se complexo; perdeu-se a noção da jornada de trabalho clássica na sociedade, por outro lado, o tempo livre é visto tão somente como um tempo residual e acessório ao tempo de trabalho.¹²

Não há dúvida que o trabalho mais do que um direito é uma necessidade. Trabalhar para viver ainda é a regra da sobrevivência, entretanto a idéia de viver para trabalhar e condicionar todas as ações do cotidiano à mercê da coação imposta pela idéia de produtividade deve ser revista, uma vez que o trabalho também pode ser uma manifestação de realização do ser humano.

Essa descaracterização inicia-se a partir do momento em que se rompe a capacidade de interferência do trabalhador no processo de seu trabalho. Transforma a jornada em uma atividade sem capacidade inventiva e repetitiva

¹² MAÑAS, Christian Marcello. **O direito social ao lazer.** Disponível em <http://www.machoadadvogados.com.br>. Acesso em 26 de setembro de 2006.

que não exige ou possibilita a realização da capacidade humana. A relação com o produto de seu esforço não representa nada para ele (CHUAÍ, 1999).

O produto do trabalho e a própria atividade laboral distancia-se do trabalhador, torna-se uma atividade estritamente necessária para que o mesmo possa sobreviver, porque foi produzido por ordens alheias e não por necessidades e capacidades do próprio trabalhador e aparece como uma coisa existente em si e por si mesma e não como resultado da ação do trabalhador individual e a classe trabalhadora não podem se reconhecer como autores dos produtos de seu próprio trabalho (CHAUÍ, 1999).

Um fato que reforçou a forma alienante do trabalho, em nome da produtividade, foi a incursão do sistema fordista no século XX que introduziu um novo padrão de organização, racionalização de produção e consumo com o aumento do controle e pressão sobre a rígida jornada de trabalho.¹³

Todos esses aspectos são conseqüências do caráter complexo da relação do ser humano com as representações sociais atribuídas pela sociedade ao tempo, interferindo diretamente no modo de ser de cada um e de todos. Em todos os lugares e manifestações dos indivíduos há um grau de dependência predominando e sendo influenciado através da construção de referenciais.

Os clubes sócio-recreativos constituem-se como componentes para novos referenciais de análise; a sociedade que valoriza o trabalho e condena o lazer, estrutura um espaço específico destinado aos prazeres da vida. Como todas as demais esferas e ações da vida humana estão repletas de tensões, contradições, disputas de poder e outras formas de sociabilidade cabe saber que papel desempenha e como constitui sua representação social nessa relação complexa.

3. A BUSCA PELO LÚDICO E SEU SIGNIFICADO SOCIAL

A capacidade de brincar é um aspecto do ser humano que não se manifesta somente nas brincadeiras infantis, nos divertimentos ou jogos dos adultos, a extensão desse fenômeno no cotidiano das pessoas e das sociedades

¹³ MAÑAS, Christian Marcello. **O direito social ao lazer.** Disponível em <http://www.machoadadvogados.com.br/>. Acesso em 26 de setembro de 2006.

abrange diferentes formas de expressão e significados que revelam a forma com que uma determinada sociedade vive.

Quando as questões que envolvem o lúdico são abordadas sob uma ótica funcionalista e é atribuído a ele um sentido de utilidade para o desenvolvimento humano sua interpretação enquanto fenômeno social fica restrita. Isto se processa quando ele é associado aos métodos de ensino-aprendizagem realizados nas escolas como as dinâmicas de grupos para fins terapêuticos e no lazer como momento específico de experimentar sensações de prazer. Essa visão não dá conta de fornecer subsídios para responder à complexidade do lúdico na vida em sociedade e a sua representação na vida das pessoas, restringindo-o a uma lógica da utilidade.

Apesar da associação do prazer com o lúdico ser uma condição precípua desse objeto, existe uma predisposição em entender que as experiências lúdicas dos indivíduos estão presentes somente ou preferencialmente no lazer. Equívoco reforçado pela própria representação que as pessoas possuem em relação à apropriação do tempo social.

Outra contribuição para um entendimento restrito desse fenômeno humano é seu conhecimento enquanto abordagem de repertórios de jogos e ou brincadeiras, considerando lúdica a atividade e não a experiência da pessoa. A institucionalização de um jogo não garante o lúdico.

As experiências lúdicas dos seres humanos estão presentes em todos os momentos de sua vida, seja no trabalho profissional, no lazer, na escola, nas obrigações familiares. Manifestada em uma leitura de um livro, numa partida de futebol como espectador, em uma atividade didática na escola, numa conversa descontraída com amigos e outros (BOUSQUET, 1991).

O significado atribuído ao lúdico revela traços fundamentais da cultura de uma sociedade. A exploração dos esportes, brinquedos e espetáculos constituindo fonte de geração de renda, a necessidade de recompensar o resultado de um jogo ou uma competição, a livre participação com o fim nela mesmo. Cada grupo social imprime seu olhar conforme seus objetivos e a cultura predominante em relação a esse assunto.

O tema lúdico é fonte de grande discussão em diversas áreas do conhecimento como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia e outras e mesmo entre pesquisadores de uma mesma área não existe um entendimento comum sobre seu significado. A pluralidade de entendimentos construída durante todo o processo civilizacional tem fornecido subsídios, atribuindo significado para a representação social coletiva.

Discutir esse tema de forma mais articulada implica reconhecer os aspectos biológicos, psicológicos, históricos e culturais sem desconsiderar a inter-relação entre essas diferentes abordagens na constituição do que o lúdico significa para os indivíduos e para as sociedades em que vivem.

Apesar deste trabalho não tratar especificamente de conceituar o que vem a ser lúdico, seu entendimento permite discutir a sua influência na constituição do modo de vida das pessoas.

A necessidade de expandir a compreensão sobre o lúdico por vários ângulos ou áreas de conhecimento se dá pelo fato de que não é possível explicar esse fenômeno nas sociedades hodiernas somente por determinado prisma. Um exemplo disso é que mesmo o entendimento do lúdico se constituindo em um conjunto de representações para as pessoas, sendo formatado por um processo de aquisição no convívio no meio social, existem aspectos biológicos que devem ser levados em conta de forma relacional com outras abordagens.

Existem aspectos biológicos que determinam que esse objeto não seja exclusivo do resultado da evolução das sociedades, pois em diferentes graus todos os animais brincam, entretanto somente alguns, como o homem, conservam na fase adulta essa capacidade (BOUSQUET, 1991).

Esse argumento é confirmado por HUIZINGA (1993, p.3) quando destaca que o aspecto do “jogo é o fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana; mas os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica”.

Nas diversas formas de brincar, do jogo mais simples ao mais complexo, existe a presença de elementos constituintes que transcendem as exigências vitais de crescimento ou desenvolvimento, de suprir necessidades fisiológicas ou psicológicas. Em virtude disso aparecem grandes divergências quando há a tentativa de explicar os jogos somente por determinado aspecto, alguns atribuem

a participação no jogo como uma preparação da criança para fase adulta, como as meninas que brincam de boneca estarem desenvolvendo aspectos maternos de cuidado com as crianças para quando forem adultas e tiverem filhos. Outros afirmam que a manifestação da brincadeira é um aspecto que pertence à natureza do ser humano; também existem as teorias que entendem o jogo, a brincadeira, como um escape restaurador da energia despendida em alguma atividade unilateral (HUIZINGA, 1993).

Alguns autores que se dedicaram ao estudo do lúdico apresentaram o jogo como um ponto essencial dessa manifestação enquanto aspecto sociocultural. Esse entendimento é caracterizado, em partes, por atribuir a toda manifestação do ser humano como sendo uma forma de jogo.

A dificuldade existente sobre uma clara distinção do termo jogo, lúdico e brincar, no tratamento dado pelos autores que discutem questões conceituais do lúdico, está na diferenciação semântica de cada idioma para designar jogo e a tradução que foi sendo apropriada aos povos colonizados contribuiu para a diversificação de interpretações. No francês o termo é *jeu*, no inglês *play game* (BOUSQUET, 1991).

No português não existe uma palavra que contemple todos os significados do termo *play* em inglês. Dessa forma sua tradução restringiu à palavra jogo. Entretanto, o significado apresenta vários sentidos como a ação de participar de um jogo, jogar, o aspecto lúdico de algo, brinquedo e ou brincadeira, diversão, representar um papel (AYROSA; SAUERBRONN, 2002).

Embora haja algumas divergências no entendimento conceitual de lúdico existe uma visão geral de que o jogo, enquanto representação de sua manifestação, é uma atividade espontânea na qual não se espera nenhuma finalidade que não seja o prazer de vivenciá-lo. O jogo é o desejo do presente e não de algo que se espera encontrar (BOUSQUET, 1991).

Nessa perspectiva, a manifestação da expressão lúdica do indivíduo que realiza alguma atividade ou jogo não está condicionada à característica da mesma, mas à disposição que ele se prepara para a prática ou contemplação de sua ação. Assim, participar de uma partida de futebol enquanto lazer não lhe garante a possibilidade de experimentar as sensações possíveis na esfera do

lúdico, se os seus objetivos estiverem condicionados a obter algo mais que o próprio prazer de ter vivenciado o momento.

Isto diz respeito a uma das características do jogo, o caráter desinteressado. A participação no jogo coloca o sujeito numa situação como se rompesse momentaneamente da vida comum, como um intervalo da vida cotidiana. Tendo a realização centrada na própria realização da atividade e ou jogo (HUIZINGA, 1993).

Para compreender o lúdico deve se ter claro o entendimento que ele certamente oferece sensações do prazer e de convivência, mas essa sensação é interna de cada um - quem sente é o sujeito -, ainda que a associação possa harmonizar-se nessa sensação comum, porém um grupo como conjunto não sente, mas soma e engloba um sentimento que se torna comum.

Nas sociedades atuais dominadas pelo capital existe uma contínua invenção de novas necessidades deslocando o interesse no indivíduo do processo para o produto de sua participação no jogo. Reforçado pela indústria o jogo torna-se mercadoria, assim o lúdico é associado a objetos de consumo como televisão, cinema e outras formas de entretenimento (BOUSQUET, 1991).

O que se pode dizer sobre este aspecto é que existiu uma transição do divertimento ocasional para a existência de formas organizadas de competições. Isso pode ser observado na sistematização cada vez maior dos jogos, transformando-os em esporte, em coisa séria, não havendo nesse cenário mais espaço para o amador, para a espontaneidade, para a despreocupação, pois agora é o espaço do profissional (HUIZINGA, 1993).

Nessa transição de valores, provocada sobretudo pela influência do mercado, o lúdico passa por uma posição de manifestação gratuita sem interesse na forma para alcançar a representação de algo que pode ser conquistado, seja um bem material ou uma distinção entre os demais do seu grupo social. Por exemplo a conquista de medalhas pode dar certa posição de destaque em relação aos outros.

Essa crescente atribuição ao jogo, como um meio para se atingir determinados objetivos, orienta a relação que a sociedade tem com ele. Quanto maior a valoração do que se conquista com o resultado, menor a importância e presença do lúdico na vivência da pessoa (ORMESSON, 1991).

Existe um conjunto de estratégias, através dos diversos meios de comunicação, e, também, pelas instituições como família, igreja, escola e outras fornecendo informações que auxiliam a construção de significados sobre a prática de manifestações que sugerem a ludicidade. A sedução das campanhas publicitárias estimula as pessoas a consumirem práticas que estão desarticuladas de sua realidade e interesses, porém não pode encarar o homem somente como objeto dessa estrutura social, mas também como sujeito, pois existe um aspecto de resistência na essência do lúdico que impede a doutrinação (BOUSQUET, 1991).

Estabelecida uma determinada ordem pela lógica do capital na qual o resultado de determinado esforço, caso seja vencedor, será recompensado, os participantes de uma situação de jogo estão sujeitos a se utilizarem de formas ilícitas para obterem o resultado esperado. A atividade, nesse contexto, não apresenta as configurações essenciais para a conquista do prazer na própria participação, mas está condicionada a obedecer a certa regra, estabelecida pela coação do jogo, condicionada aos objetivos esperados (SCHEINES, 1991).

A utilização da trapaça no jogo desrespeitando as regras ou criando situações para que a interpretação de um árbitro, no caso de uma competição esportiva, seja confundida como o exemplo das quedas “cinematográficas”¹⁴ dos jogadores de futebol, destitui o caráter lúdico (HUIZINGA, 1993).

Diferente da brincadeira na infância, a criança quando brinca estabelece regras às quais se submete voluntariamente, mesmo num mundo do jogo imaginário no momento que ela não as cumpriu há um rompimento da sua atividade. A criança que ainda não absorveu os significados atribuídos pela sociedade à sua brincadeira não admite qualquer forma de comportamento transgressor, quando isso acontece cessa a vontade do brinquedo (SCHEINES, 1991).

A regra constitui elemento essencial na conquista do prazer de brincar, existe um determinado grau de liberdade no seu cumprimento. A essência do jogo consiste em que as regras sejam respeitadas espontaneamente. A limitação da

¹⁴ Destaque do Autor

ação imposta pela norma provoca uma tensão, proporcionando satisfação na execução do jogo (AMONACHVILI, 1991).

Essas regras não se apresentam somente na situação de uma atividade esportiva ou outra brincadeira no momento de lazer. As formas com que os indivíduos se envolvem em situações lúdicas – jogos, busca por atividades prazerosas no tempo livre, rodas de piadas num momento descontraído do trabalho, uma conversa informal e outras - são manifestações resultantes das características socioculturais do grupo que convivem, estabelecidas pelas regras de convivência. Observado por alguém estranho ao grupo, essas práticas provocam surpresa, ou seja, ele não compreende as regras estabelecidas no grupo social (COMOE-KOU, 1991).

Dessa forma é possível afirmar que o lúdico faz parte da própria vida cotidiana, presente desde as pequenas atitudes do dia-a-dia até as situações pontuais e efêmeras.

Do turfe ao cassino, da bocha aos diversos esportes (futebol, *rugby*, etc.), mas também nos comentários públicos dos acontecimentos ou dos *fait divers* mais ou menos espetaculares, assim como nas conversas sobre um filme ou uma peça de teatro, pratica-se a comunhão de emoções ou de sensações que, sem isso, perderiam a graça. Essa partilha de emoções ou de sensações - difundida nas ações mais comuns ou cristalizada nos grandes eventos pontuais ou comemorativos (aniversários, revoluções, movimentos de massa, greves, manifestações, etc.) – é, *stricto sensu*, o que funda a vida social ou o que lembra a sua fundação. O lúdico não é, portanto, um divertimento de uso privado, mas fundamentalmente o efeito e a consequência de toda sociabilidade em ato (MAFFESOLI, 2005, p.54).

Apesar da presença latente do lúdico na vida das pessoas existem aspectos inibidores dessa emoção, a pressão estabelecida pelas instituições sociais inibe os indivíduos de se entregarem gratuitamente à experiência lúdica. A participação no jogo é um modelo de convivência social, onde os homens acabam reproduzindo o clima de tensão provocado pela vida cotidiana da sociedade em que vivem (SCHEINES, 1991).

A destituição da brincadeira, jogo, como atividade espontânea sem fim específico a não ser nele mesmo para uma atividade eminentemente útil distorceu

o sentido autêntico do lúdico para torná-lo uma forma funcionalista de brincar (SCHEINES, 1991).

Um exemplo disso é tratado na obra de DE MASI (2000), a proposta de se entregar ao ócio e se deixar envolver pelas emoções e informações que o cercam, aproveitando absorver conhecimento que possa subsidiar ou alimentar as atividades laborais, retrata uma sociedade que atribui à experiência lúdica vivenciada no tempo livre um aspecto de ser produtivo.

O significado que o lúdico representa para o adulto difere da criança. A influência das instituições como a escola, a família, a igreja, submete a elas uma pressão, transmitindo ao longo de seus anos de vida os valores da sociedade em que vive. Esse processo contribui para que os estímulos externos moldem sua forma de brincar (AMONACHVILI, 1991).

Essa influência é constantemente reforçada dentro dos clubes quando as ações desenvolvidas estão carregadas de oferta de prêmios e brindes no intuito de motivar a participação dos associados. Essa estratégia muito explorada pelo mercado em geral, quando é lançado um novo produto ou serviço, é reproduzida pelos clubes sócio-recreativos. A dificuldade de tratar essa situação está na construção das tradições criadas dentro dessas instituições e o seu rompimento. Caso o clube não encontre estratégias de atrair seu quadro associativo para a prática de suas atividades pelo próprio prazer em encontrar aquilo que foi buscar, ficará fadado em ter manter a distribuição de prêmios e distinções.

O brinquedo da criança é considerado, muitas vezes, como algo não produtivo. Os pais motivados a fornecer condições para que seus filhos possam aproveitar seu tempo livre com práticas que venham a se somar com o conjunto de saberes adquiridos na escola para sua vida profissional quando adulto, tratam de procurar motivos para a diversão dos meninos e meninas.

Bloquear a brincadeira natural da criança contraria o processo de desenvolvimento natural, moldando sua personalidade com os aspectos dominantes da sociedade (AMONACHVILI, 1991).

4. INSTITUIÇÃO DE ESPAÇOS PARA AS PRÁTICAS ASSOCIATIVAS DE LAZER

Pensar na constituição de espaços para a prática ou consumo do lazer é considerar a existência de uma lógica da apropriação do espaço pelo homem. É pensar, em primeira instância, as ações humanas em um espaço urbano. Conceber a existência de um local, um espaço físico, para essas práticas remete à absorção de um considerável número de variedades em locais e formas em que o lazer é vivenciado.

Dentro dessa perspectiva é necessário ter como ponto de partida alguns aspectos que apresentam a constituição das cidades, principalmente os aliados ao processo inicial para o desenvolvimento dos primeiros estágios econômicos, sociais e políticos de uma comunidade.

Historicamente a invenção das cidades é considerada uma conquista inevitável, sendo vistas como gigantescos objetos tecnológicos que protegem o homem da natureza e que permitem a ele usufruir daquilo que não encontra no campo e tampouco na própria natureza. “Em parte nenhuma se tem a humanidade afastada mais da natureza orgânica que nas condições de vida características das grandes cidades” (WIRTH, 1970, p.618).

Por outro lado, é inegável que o crescimento desordenado das cidades deforma a existência humana ao elevar a níveis absurdos a brutalidade da vida cotidiana. O planejamento urbano responsável em solucionar as conseqüências trágicas de se morar numa cidade, na maior parte das vezes, é incapaz ou está associado a interesses econômicos, raramente conseguindo atender aos verdadeiros anseios dos habitantes (TEIXEIRA, 2001). “As influências que as cidades exercem sobre a vida social do homem são maiores do que o indicaria a proporção da população urbana, porque a cidade não é somente, em grau sempre crescente, o lugar da habitação e de trabalho do homem moderno ...” (WIRTH, 1970, p.619).

Pensar na constituição de espaços para a prática de lazer implica na estruturação dos centros urbanos com estilos e valores peculiares. Como toda a ocupação de uma cidade, mesmo considerando esses espaços como a possibilidade de um “desligamento” da vida funcional, também surgem

carregados de valores com o intenção de utilidade ou função social. Nesse cenário urbano são definidos novos padrões para um comportamento, uma estética e um estar junto com o outro muito particular.

Parece um paradoxo pensar na territorialização para as práticas de lazer, para o não fazer nada, no cenário que predomina a lógica da produtividade, mas sua ordenação torna-se imperativa para cumprir tal finalidade.

Estabelecer espaços para a ocupação da atividade profissional, a moradia, o lazer, a circulação, a educação, as práticas religiosas e outras manifestações sociais exige imaginação dos responsáveis pela apropriação das cidades. Entretanto a cidade gera uma dinâmica própria de ordenação que sem mecanismos de auto-regulação pode apresentar resultados desastrosos (REQUIXA, 1980).

A ordenação das cidades pode ser avaliada, de forma geral, por quatro principais agentes:

- ♦ o setor privado da economia, em particular o segundo e o terceiro, enquanto espaço da produção;
- ♦ o poder público com a função reguladora entre as necessidades sociais e de produção;
- ♦ as instituições sociais cujo papel está relacionado com as carências sociais; e
- ♦ a própria população como espaço para a própria subsistência.

Apesar da interação dinâmica entre esses agentes há o privilégio de um fio condutor em comum, o do espaço utilitário (REQUIXA, 1980).

“Enquanto identificarmos o urbanismo com a entidade física da cidade, encarando-o apenas como rigidamente delimitado em espaço, e procedermos como se os atributos urbanos cessassem de repente de manifestar-se além de uma linha divisória arbitrária, é provável que não alcancemos uma concepção adequada do urbanismo como modo de vida” (WIRTH, 1970, p.621).

A racionalização das cidades com foco na necessidade de produção, ou seja, que exista uma justificativa lógica que contemple a capacidade da cidade se desenvolver economicamente, desvia a possibilidade de contemplar um conceito humanista de espaço urbano (TEIXEIRA, 2001).

Os centros urbanos tornam-se realidades de conflitos e contradições. Sua expansão provocada pelo êxodo rural segue contornos desproporcionais. As

classes socioeconômicas dos estratos médios e altos na década de 60 e 70, em grandes centros urbanos como São Paulo, ocupavam os locais com melhores condições de serviços e equipamentos, enquanto as classes mais baixas são afastadas gradativamente para as periferias (REQUIXA, 1980).

Outro aspecto de grande influência no processo de estruturação das cidades, cujos reflexos apresentam repercussões sociais negativas, está associado ao valor comercial da terra. O preço da cidade é um aspecto que interfere no seu processo de ordenação. Com objetivo de obter maior maximização dos terrenos a verticalização das cidades ocupa no início dos anos 70 grande expansão. Esse fenômeno carrega consigo alguns reflexos como: aumento da densidade populacional por área necessitando de maiores recursos de infra-estrutura, redução do tamanho da moradia, dificuldade de circulação, carência de áreas verdes e espaços livres (REQUIXA, 1980).

Somada à essa visão mercantilista e a exploração imobiliária, a vida dos seres humanos fica restrita aos espaços construídos, funcionais, havendo pouca possibilidade das pessoas explorarem outra espacialização, com fim de obterem certos efeitos estéticos e de percepção da vida no tempo livre (PELLEGRIN, 1996).

Isso condiciona a alocação de pessoas, atividades e equipamentos sobre o território e constituiu um fator de regulação dos modos de vida das pessoas. Um exemplo disso são as manifestações indiretas causadas pelo aumento das distâncias entre moradia e o local de trabalho, pelo qual está ligado o grande número de horas que as pessoas despendem nas suas jornadas diárias em transporte para se deslocarem da habitação para o trabalho e o seu retorno.

Essa dificuldade para que os indivíduos possam dispor de mais tempo livre atrelada às poucas ou escassas áreas verdes com espaços livres que permitam a utilização para práticas contemplativas, de atividades físicas, o convívio lúdico espontâneo de crianças, jovens, adultos e idosos traduz algumas características comportamentais de uma população.

O surgimento de espaços de equipamentos para o lazer nos grandes centros urbanos do Brasil como cinemas, parques de diversão, teatros, bares e outros apareceram com o amadurecimento das condições para o consumo do lazer pela iniciativa privada. Concomitante as instituições públicas deram origem

aos parques públicos, às bibliotecas, os centros esportivos e às praças. A população também se organiza e estruturam os clubes sócio-recreativos (REQUIXA, 1980).

Apesar de existir algumas iniciativas da administração pública no planejamento de espaços e equipamentos de lazer para a comunidade ela é insuficiente para garantir uma equidade social. Existe uma predominância à privatização da oferta em termos de qualidade e quantidade, tornando o mesmo um produto do mercado. A parcela da população que não dispõe de recursos financeiros para pagar pelo uso de uma piscina, para ir a um estádio, fica excluída desse direito (PELLEGRIN, 1996).

As primeiras praças de esporte e centros de recreação surgiram nas décadas de 1920 e 1930 com o objetivo de oferecer à comunidade espaços que permitissem a prática de atividades físicas e os esportes. Reforçada pela lógica da produtividade e por questões higienistas, esses espaços tinham a função de promover a recuperação do desgaste provocado pelo trabalho e também para a melhoria da saúde e fortalecimento da nação (ALVES JR.; MELLO, 2003).

Note-se aí que, além da crescente expansão da cidade em busca de outros lugares, dois aspectos merecem a nossa atenção: o primeiro é o acompanhamento da ocupação desses espaços pelo que então se entende chamar por clube de esporte, que aparece como um criador de lugares e espaços por excelência pelo deslocamento de pessoas, o que acarreta a sedimentação de uma estrutura física permanente (LUCENA, 2001, p.24).

Apesar de nos dias de hoje as discussões acerca do lazer, enquanto um direito social, terem avançado de forma significativa e as várias instituições públicas contarem com secretarias específicas para tratar do assunto, quanto ao planejamento e oferta à população de melhores condições de acesso para o consumo e prática do lazer, o aspecto econômico do espaço impõe os contornos adotados nas cidades.

A partir da constituição do espaço existe o processo de ocupação do mesmo pela população. Nessa relação do indivíduo e espaço é atribuído significados, sendo feitas referências múltiplas a cada local. Essa ligação e associações de indivíduos e grupos promovem um conhecimento construído a partir da vivência das pessoas, da dimensão do cotidiano (MAFFESOLI, 2005). Com isso o bairro pode assumir “diversas modulações: pode ser delimitado por

um conjunto de ruas; pode ser uma área de investimento libidinal, pode fazer referência à uma área comercial ou a um terminal de transportes coletivos; pouco importa; trata-se, em todo caso, de um espaço público que conjuga uma certa funcionalidade e uma carga simbólica inegável” (MAFFESOLI, 2005, p.85).

A organização da estrutura urbana de uma cidade fornece elementos que condicionam as relações entre os indivíduos e ou grupos sociais, todavia a forma com que ela é compreendida é o resultado da construção da própria sociedade. Cada espaço propõe modificações na relação entre as pessoas, a informalidade, os modos de vida, os hábitos, as regras de etiqueta e outros.

Pertencer a um lugar específico permite com que as pessoas estabeleçam uma territorialidade e a fixação de vínculos sociais em um determinado universo simbólico. Bases identitárias são estruturadas, rituais estabelecidos, formas individuais ou de pequenos grupos são concebidas (FREITAS, 2000).

A leitura que se faz dos espaços, conjuntamente com a vida ali presente, é carregada de idéias preconcebidas, muitas vezes desarticuladas com interpretação dos moradores ou usuários freqüentes, pois, os significados estão profundamente enraizados no imaginário coletivo que só é constituído pelo cruzamento de situações, de momentos, de espaços e homem. De resto, a sua expressão é, na maioria das vezes, a dos estereótipos mais banais (MAFFESOLI, 2006).

Dentro do conjunto urbano: bairros, ruas, praças, os bares, as revistarias, etc., a forma de sociabilidade é estabelecida de acordo com o interesse e necessidade das pessoas ou grupos. Essa acomodação que oferece os referenciais para a especificidade de cada bairro ou local da experiência humana (MAFFESOLI, 2005).

CAPÍTULO 2. O COTIDIANO DOS CLUBES SÓCIO-RECREATIVOS

Os diversos espaços nas cidades, públicos ou privados, compõem um cenário dinâmico de sociabilidade. Os bares, as praças, os parques, as quadras de esportes, as igrejas, os clubes sócio-recreativos, os cinemas, os escritórios, as escolas, as casas, a própria rua e outros lugares constituem um sistema repleto de significados que, conforme as representações que têm para cada grupo social, são apropriados.

É na convivência entre o público e o privado que transitam executivos, professores, alunos, vendedores, médicos, bancários, operários, policiais, padres, mendigos e outros personagens que representam as formas de sociabilidade e o funcionamento de uma sociedade.

Essa multiplicidade de papéis que é vivida pelas pessoas, na qual a mãe passa a ser a executiva, o pai passa a ser o professor, a criança passa a ser o aluno, os papéis da função social orientadas pelo mercado deixam de ser aparentes para ocupar lugar ou outro momento dessa convivência. E, assim, desprendida das obrigações profissionais, familiares, políticas ou sociais surge uma nova dimensão das experiências humanas, a do lazer. Assim, a executiva passa a ser a espectadora no cinema, o professor torna-se o companheiro das partidas de futebol, o aluno assume a figura do espectador e ator nas conversas no grupo de amigos.

Nessa perspectiva em que as relações sociais se constroem a partir das experiências concretas no tempo fora das obrigações, surgem os espaços disponíveis para o exercício dessa vida associativa, alguns com características voltadas para esse determinado fim como as praças esportivas, as academias, os parques, os cinemas e teatros, os museus, os bares e outros concebidos para outros fins como habitação e o deslocamento das pessoas como as casas e as ruas, respectivamente.

Nesse trânsito entre os espaços e equipamentos públicos ou privados das cidades em busca da prática ou consumo de lazer é disposto a um público que goza de recursos financeiros para desfrutar de serviços e produtos pagos, uma espécie de privatização da vida associativa - os clubes sócio-recreativos.

Dessa forma, desenhar o cenário, as redes de relações, as formas de sociabilidade no universo que pertencem direta e indiretamente aos clubes sócio-recreativos permitem estabelecer as relações existentes com a cidade e os cidadãos, favorecendo compreender melhor as manifestações da vida urbana.

Assim, entender os clubes sócio-recreativos enquanto fenômeno urbano, especificamente sobre a dinâmica das relações no lazer e as formas de sociabilidade com a cidade, permite estabelecer uma conexão entre a vida dentro e fora dos clubes. E, ainda, se existe a transferência de hábitos adquiridos nos clubes para outros momentos ou ambientes da vida dos associados permite verificar se as experiências vividas nesses ambientes fazem parte de um sistema dinâmico de trocas numa relação de interinfluências contribuindo para a construção de significados e modos de vida nas pessoas.

Na abordagem sobre a constituição e o cotidiano dos clubes sócio-recreativos o significado atribuído aos mesmos ultrapassa os aspectos formais da concepção, contemplados em estatutos e ou códigos civis, como instituições com fins não econômicos, com objetivos de lazer para o espaço-lugar da sociabilidade, do encontro. Nessa perspectiva é apropriado discorrer sobre a manifestação lúdica na vida das pessoas, tratando de aspectos específicos do cotidiano clubístico. Para isso, optou-se por analisar as atividades físico-desportivas, considerando que as mesmas apresentam considerável predominância nos calendários dessas instituições, em relação a outras manifestações de lazer, como as atividades artísticas.

1. CLUBES SÓCIO-RECREATIVOS: um “pedaço” da cidade

É difícil ficar indiferente à presença das estruturas físico-arquitetônicas dos clubes na paisagem urbana, muitas vezes o imaginário individual e coletivo das pessoas faz um exercício na tentativa de desvendar a vida corrente dentro dos grandes muros que cercam a área pertencente a esse espaço privado de lazer.

Somente em Curitiba 39 entidades estão cadastradas no Sindiclubes¹⁵, atendendo um universo considerável de cidadãos que pagam mensalmente para poderem usufruir da estrutura disposta a um restrito público.

Situadas como sociedade civil com personalidade jurídica sem fins lucrativos, os clubes passam com a reformulação do Código Civil Brasileiro de 2002 - Título II, Capítulo II, Artigo 53º - a se constituírem enquanto "... associações pela união de pessoas que se organizem para fins não econômicos".

A forma de administração consta no Título II, Capítulo I, Artigo 43º no qual o "estatuto social definirá a forma de tomada de decisões, se de forma monocrática (via presidência) ou colegiada". Ficando clara a restrição do uso: "associação é destinada exclusivamente ao grupo social que a compõe".¹⁶

A definição conceitual de REQUIXA (1980) sobre espaços físicos destinados à prática de lazer permite situar os clubes sócio-recreativos enquanto equipamentos específicos de lazer, ou seja, estruturas físico-arquitetônicas que foram construídas especialmente para que as pessoas possam apreciar ou praticar atividades para o desfrute no tempo disponível. Dentro dessa categoria estão contemplados equipamentos de:

- ♦ pequeno porte - estruturas que estão limitadas a atender um único interesse cultural do lazer¹⁷. Como exemplo os centros infantis, os cineclubes, os ateliês de artesanato e outros, com propostas bem definidas dirigidas a um público de interesses bem definidos;
- ♦ médio porte - voltados ao atendimento de maiores parcelas da população com instalações que atendam diferentes interesses do lazer (físico/desportivos, sociais, artísticos, intelectuais, manuais); e
- ♦ grande porte - situados os clubes de campo (REQUIXA, 1980).

Outra classificação de espaços onde são vivenciadas as práticas de lazer são os equipamentos não específicos de lazer - estruturas físicas arquitetônicas que, na sua concepção, foram construídos com objetivo específicos como moradia, trânsito, etc. -. Porém, de forma total ou parcial, são utilizados para a prática do lazer, como a exemplo: a casa onde seu objetivo original é a habitação,

¹⁵ Sindicato patronal dos clubes sócio-recreativos no Estado do Paraná.

¹⁶ Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm. Acesso em março de 2006.

¹⁷ Classificação proposta por DUMAZEDIER, que se refere às aspirações e aos interesses

mas constitui-se em um excelente espaço para o lazer. Outro exemplo são as ruas, bares e restaurantes que ultrapassam suas finalidades de trânsito, comer e beber, respectivamente para um ponto de convívio social urbano (REQUIXA, 1980).

Nestes dois casos estariam os equipamentos compatíveis com a necessidade de espaços para a prática de lazer diário, pois a localização, preferencialmente, em áreas residenciais proporciona fácil acesso à população.

Vale ressaltar que se tratando de um equipamento de lazer como um micro equipamento sua criação tem certa facilidade, visto que não vem a ser exigida grande área e ou materiais, já para oferecer uma diversidade de interesses do lazer exige-se áreas maiores, projetos arquitetônicos especializados, etc.

Ainda, complementando a sugestão de REQUIXA (1980), SANTINI (1993) considera os equipamentos de lazer, além do espaço, como os objetos que organizam o lugar para cumprir a função de determinada atividade.

A idéia de entender os equipamentos de lazer como o local, um espaço físico, destinado à prática do lazer, é confirmado por SOUBRIER, citado por REQUIXA (1980), quando ele menciona que estes se tratam essencialmente de bens imóveis.

No Brasil, os clubes sócio-recreativos podem ser encontrados nas três dimensões de tamanho apresentados por REQUIXA (1980). Como microambiente por disporem ao seu quadro associativo somente uma determinada possibilidade de vivência do lazer - um campo de futebol ou ainda um clube de sinuca, somente com mobiliário para esta atividade -. No caso das estruturas de dimensão média até os macros, são os equipamentos nos quais é grande a diversidade de atividades possíveis de serem realizadas em cada interesse cultural do lazer (físico-desportivos, artísticos, manuais, intelectuais, sociais e turísticos¹⁸).

Contudo a classificação desse autor não atende, no dias atuais, à verdadeira dinâmica dos equipamentos específicos de lazer, pois a diversificação dos serviços oferecidos, atrelado às inúmeras inovações tecnológicas com a necessidade de inserção no mercado, tem estimulado empresas privadas ou

predominantes que os indivíduos têm nas diversas áreas do lazer (DUMAZEDIER, 1980).

¹⁸ Está inserido nos interesses culturais do lazer proposto por DUMAZEDIER (1980), o interesse turístico, proposto por CAMARGO (1992).

públicas a concentrarem um maior número de serviços em um único local. Mesmo espaços com pequena estrutura física têm encontrado formas criativas de oportunizar variedade de propostas.

No caso dos clubes sócio-recreativos a situação fica ainda mais destoante, tendo em vista que não é incomum encontrar grandes áreas verdes dentro de grandes centros urbanos, mesmo que pela classificação de REQUIXA (1980) seriam considerados clubes de campo e estariam localizados fora da cidade. Em Curitiba, Clubes como o Graciosa Country Club, o Duque de Caxias e Três Marias Clube de Campo são exemplos de equipamentos que na sua concepção localizavam-se em uma área não urbana e que com o tempo foi absorvida pelo desenvolvimento da cidade tornando parte do cenário urbano. A sede do clube Duque de Caxias localizada no bairro Bacacheri em Curitiba, era considerada o clube de campo da entidade, dispoñdo de uma outra sede social na região central de Curitiba.

Outra situação que reforça a necessidade de avançar a partir dessa classificação é que mesmo que um equipamento específico de lazer, mais especificamente um clube sócio-recreativo ou esportivo, disponha de somente uma atividade tem-se o exemplo dos clubes de golfe divergindo da categoria que tenta tratar do assunto pela dimensão do equipamento, tendo em vista que sua área de ocupação para a construção de um campo está próximo a 20 alqueires ou 480.000 metros quadrados.

Para dar maior liberdade ao entendimento as duas formas de referência devem ser tratadas de forma independente, com isso para fins de aproximação com a realidade existente hoje na sociedade brasileira, a sugestão de classificar os equipamentos sócio-recreativos na proposta que segue dá condições de melhor situá-los na atual conjuntura.

Dessa forma, podem-se situar os equipamentos específicos de lazer quanto à localização e à oferta de serviços. Quanto à localização a proposta é classificar esses espaços em equipamentos específicos em áreas urbanas e áreas naturais - rurais e não rurais -. A justificativa para essa classificação está centrada nos objetivos e intenções das pessoas quando optam pelo espaço para a vivência de sua prática de lazer, associado à finalidade a que se presta tal equipamento.

Como equipamentos específicos de lazer em áreas urbanas estão os equipamentos que fazem parte do cotidiano das pessoas, sejam eles de uso diário, semanal ou mensal. Mesmo em algumas cidades como Curitiba, onde é expressiva a quantidade de parques com grandes áreas verdes e matas, a predisposição do indivíduo quando busca por esses espaços é diferente quando vai até uma reserva ecológica ou outro espaço fora da cidade.

No que tange aos equipamentos específicos de lazer em áreas naturais rurais existe uma mudança de ambiente, um contato com um tipo de vida e um ritmo diferente do urbano. Esses ambientes permitem contato mais próximo à natureza, mas também com identidades culturais como a comida, o trabalho e o lazer, característicos à vida no campo, como a agricultura, a pesca (CAMARGO, 2007).

As características dos equipamentos específicos de lazer em áreas naturais não rurais que as diferenciam dentre as outras, pois permitem ao agente social um olhar mais atento às propostas de lazer aos usuários que estão à procura de atrativos como praia, montanhas, rios, florestas, independente da ação do homem para a exploração dos incentivos como trilhas, acampamentos e outros.

Essa classificação não está centrada em uma divisão essencialmente geográfica, pois devido à dinâmica expansão urbana não há condições de analisar os espaços por esse ângulo, tendo em vista a proximidade que se tem das áreas rurais e urbanas, como também exemplos de grandes reservas nativas ou de atrativos naturais meio a centros urbanos, a exemplo das praias em cidades como Camboriú - SC e Rio de Janeiro - RJ. É nesse convívio dialético e aparentemente distinto que o agente tem que situar sua prática profissional respeitando os limites da cada um.

Esta ampliação de entendimento dá condições para que o agente que se propõe a desenvolver sua prática profissional nesses diferentes ambientes possa potencializar o contexto com as ações, caso contrário a reprodução de práticas realizadas no cenário urbano em ambientes naturais rurais ou não limitará a possibilidade das pessoas encontrarem outras formas de vivenciar o tempo livre.

Quanto aos serviços oferecidos, é possível um avanço a partir da classificação das atividades de lazer proposta por DUMAZEDIER (1980),

contemplar a interface existente entre as diversas categorias apresentadas pelo autor, visto que a intenção do mesmo não é estabelecer uma ordenação estática desta formatação, mas apresentar uma forma didática de visualizar a diversidade de ações possíveis no campo do lazer, isto sem vincular a idéia da dimensão do equipamento.

Mesmo considerando que não é possível explicar a manifestação das pessoas no campo do lazer somente por esta proposta, ela permite ao agente social uma visualização ampla para a realização de planejamentos na área.

Assim, a classificação proposta é dispor os equipamentos inerentes ao lazer em conteúdos polivalente e específico, sendo que, enquanto, o primeiro atende dois ou mais interesses culturais do lazer (físico-desportivos, artísticos e ou outros), o outro atende somente um.

Um alerta sobre a forma de administrar os equipamentos de lazer quanto ao conteúdo sociocultural oferecido é feito por BRAMANTE (2006), onde o autor afirma que, apesar de existir um número considerável de associações que permite a vivência de diferentes interesses culturais do lazer, há a predominância desproporcional das atividades esportivas em relação às outras, como: futebol, voleibol, basquetebol, natação, peteca, punhobol, badminton, handebol, sinuca, truco, bocha, tênis de campo, tênis de mesa e outras. Prevalecendo o que ele chama de monocultura do lazer.

Mesmo se considerar a possibilidade de oportunizar a diversifica o de experiências no ambiente esportivo   possível verificar a existência de determinadas predominâncias em cada institui o. Alguns fatores que contribuíram para isto estão relacionados com a origem da etnia fundadora e seus objetivos na época e, principalmente, com a política administrativa dos dirigentes.

Nesse sentido BRAMANTE (2006) faz um alerta sobre a “monocultura da monocultura do lazer” quando observa em sua pesquisa sobre as AABBs¹⁹, a predominância maciça de uma determinada prática nessas institui es - o futebol -. Um dos fatores preponderantes para que isso aconteça se deve ao fato do espaço para essa prática ser uma constante em todos os clubes pesquisados.

¹⁹ Clube sócio-recreativo constituída pelo Banco do Brasil com objetivo de oferecer serviços de lazer aos seus funcionários – Associa o Atlética do Banco do Brasil.

Apesar do acesso aos clubes ser restrito a estreitas parcelas da comunidade, sua participação na constituição do cenário das práticas esportivas da sociedade urbanizada foi primordial para o processo de montagem da estrutura esportiva no Estado do Paraná (MEZZADRI, 2000).

Essa abrangência da prática esportiva nas esferas dos clubes sócio-recreativos é representativa e figura um cenário de relevância nacional, provocando a discussão pelo Estado sobre sua constituição e dinâmica de funcionamento no que tange à vida esportiva da sociedade brasileira.

Essas discussões contribuíram para seu reconhecimento enquanto entidade de prática esportiva na definição da Lei Pelé, conforme artigo 10, essas entidades de prática são pessoas jurídicas de direito privado, com ou sem fins lucrativos, constituídas na forma da lei, mediante o exercício do direito de livre associação com organização e funcionamento autônomo. Terão as competências definidas em seus estatutos, que poderão estar filiadas às entidades nacionais de administração do desporto, as confederações (SILVA; SCHMITT, 1997).

De outra forma, a possibilidade dos clubes sócio-recreativos se constituírem enquanto sociedade com fins lucrativos se consolidou à medida que o Estado permitiu, segundo o Art. 11º dessa lei, transformar-se em sociedade comercial com finalidade desportiva para tratar do esporte profissional. Como a exemplo do J. Malucelli Futebol S/A que era denominado como Malutrom S/A, fundado em 27 de dezembro de 1994, transformado em S/A no mês de julho de 1998, tornando-se o primeiro clube empresa no país.²⁰

A evolução das discussões sobre a influência dos clubes sócio-recreativos na constituição do panorama nacional do esporte, seja ele como prática de lazer ou profissional, favoreceu que o Ministério do Esporte o reconhecesse como integrante do Conselho Nacional do Esporte e Lazer (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2005).

A constatação de que a prática esportiva nos clubes sócio-recreativos ocupa grande espaço no tempo dos associados, apresenta que a oferta de lazer ao quadro associativo é restritiva. É carente em quantidade e qualidade a oferta de oportunidades de lazer que contemplem todos os interesses culturais do lazer

²⁰ Disponível em: http://www.jmalucelli.com.br/index.asp?pag=malutrom_principal

como literatura, artes, bailes, exposição de quadros, festivais literários, cinema, teatro, trabalhos manuais e outras.

Apesar da inserção do Ministério do Esporte na constituição de normativas que orientam a vida esportiva nos clubes sócio-recreativos, o direcionamento das ações administrativas que determinam a vida recreacional dispõe de relativa autonomia, porque com o novo Código Civil Brasileiro (Capítulo III, das Associações) fica claro que as mesmas são manifestações da vontade de grupos que se organizam e consolidam instituições para o exercício da vida associativa.²¹

Considerando a iniciativa de grupos específicos na constituição de suas entidades representativas, MEZZADRI (2000) apresenta quatro diferentes categorias, construídas a partir do referencial teórico de ELIAS, sendo que cada um dos clubes apresenta uma configuração própria na sua concepção, seja no âmbito da disposição política, cultural e social ou ainda no auxílio da consolidação da sociedade paranaense.

Estas características que se referem à constituição dos clubes no começo do século XIX apresentam agrupamentos ligados às entidades culturais, literárias e políticas, nas quais os indivíduos compartilhavam o mesmo posicionamento político ou estavam representando uma mesma manifestação cultural e literária. Em outra ponta, como segundo grupo observou-se as entidades constituídas por pessoas de alto poder aquisitivo cujo objetivo era perpetuar os comportamentos sociais da elite. No terceiro grupo os clubes foram os organizados pelos imigrantes europeus que objetivavam a manutenção das tradições de seus países, sob os mais diferentes aspectos. Por fim, o quarto grupo formado pelos clubes beneficentes, entidades criadas para auxiliar nas dificuldades dos operários, classe que estava em processo de consolidação, mas que já se encontrava relativamente organizada (MEZZADRI, 2000).

Essa separação em grupos distintos possibilitou visualizar a formação dos clubes não apenas pelo viés das classes econômicas e sociais, mas sim pelas diferentes alternativas organizacionais existentes na sociedade paranaense.

²¹ .Disponível em www.presidencia.gov.br/civil. Acesso em março de 2006.

Dentro dessa realidade verificaram-se, a seguir, as nuances de cada um dos quatro grupos delimitados.

Apesar das configurações apresentadas pelo autor dispor, cada uma, de aspectos filosóficos e políticos motivadores distintos para a concretização desses empreendimentos é pertinente destacar duas diferenças estruturais básicas.

A primeira diz respeito aos clubes de classe nos quais determinada categoria profissional dispõe de um equipamento específico de lazer como os clubes de empresas com característica privada, sendo mantido por determinada instituição como benefício a seus funcionários e dependentes, ou ainda pela colaboração mensal dos mesmos como no caso do Banco do Brasil, da Volvo, da Associação da Copel, da Associação do Boticário e de outros com a mensalidade sendo debitada, geralmente, em folha de pagamento com o consentimento do empregado.

Em segundo encontram-se os clubes que surgiram da sociedade civil com objetivos de atender determinadas comunidades étnicas, como o Duque de Caxias com a comunidade alemã ou como empreendimentos imobiliários como o caso do Santa Mônica Clube de Campo. Estes, por sua vez, comercializam um título de propriedade para pessoas físicas e ou jurídicas.

Apesar da especificidade de cada um quanto à concepção e objetivos de criação, eles se identificam em diversos pontos como a clientela permitida a usufruir os benefícios das entidades contribui periodicamente através de uma taxa que geralmente é mensal, chamada comumente como TMD (Taxa de Manutenção e Desenvolvimento), onde para pertencer ao quadro associativo das instituições é necessária a aquisição de um título, estando vedada, em alguns casos, esta possibilidade às pessoas jurídicas. O pretendente é submetido a uma apreciação pelo quadro diretor com suporte a informações sobre a vida particular do interessado, como a pesquisa de possíveis antecedentes criminais ou estar respondendo a algum processo judicial. O proprietário do título adquire uma cota da empresa, ou seja, ele se torna proprietário com direito a votar e ser votado; são dirigidos por profissionais de áreas diversas que dedicam, sem remuneração, seu tempo livre, para administrá-los, onde são, geralmente, eleitos pelo voto direto dos associados por tempo determinado (SANTA MÔNICA, 2001).

Os clubes sócio-recreativos apresentam características bem peculiares que os diferem de quaisquer outros segmentos no campo do lazer. Constituem-se em uma rede de sociabilidade complexa - pelas inúmeras relações com as diversas instituições da sociedade, sendo predominante e influenciando a convivência social dos indivíduos - e dinâmica - por exprimir as diversas formas de sociabilidade do cotidiano das pessoas -.

As instituições clubísticas, independente de sua origem e forma com que foram constituídas, representam para a sociedade um conjunto de referências que fornece significados à população, seja ela pertencente ou não ao quadro associativo. Sua representação social transmite à população um modo de vida característico dos freqüentadores desses espaços.

Para fundamentar essas concepções foi utilizado como referencial teórico MAGNANI (1998), mais especificamente a perspectiva da categoria de “pedaço”²² formulada pelo autor. A opção por esse referencial teórico tem intenção de contribuir para avançar nas discussões sobre as redes de relacionamento estabelecidas dentro desses espaços.

A institucionalização dos espaços de lazer para a prática associativa de grupos específicos representa a necessidade de dispor aos membros pertencentes a uma determinada categoria social, uma referência espacial na qual os mesmos disponibilizariam para marcar presença. Dentro dessas esferas de lazer privado, os códigos de reconhecimento ultrapassam as questões burocráticas e avançam para as estabelecidas pelas formas de comportamento no desfrute das atividades lúdicas, nos trajes utilizados, nos assuntos discutidos nos diferentes grupos e em outras formas de comportamento, e permitem que se estabeleçam as comunicações entre eles - associação de indivíduos que se unem por um objetivo comum, não quer dizer complementaridade -. Conforme a observação de MAGNANI (2002, p.12) sobre as regras que presidem o uso do tempo livre por intermédios dessas formas de lazer:

Verificou-se que sua dinâmica ia muito além da mera necessidade de reposição das formas despendidas durante a jornada de trabalho: representava, antes, uma oportunidade, por meio de antigas e novas formas de entretenimento e encontro, de

²² Destaque do autor.

estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem uma rede básica de sociabilidade.

A partir desse binômio espaço-tempo foram construídos outros significados para essa manifestação. Não basta ter a disposição algumas horas durante os dias da semana é necessário, também, certo espaço onde você irá se relacionar com seus iguais.

A demarcação do espaço, sua institucionalização, determinando o grupo de freqüentadores como pertencentes à uma rede de relações, rompe com a idéia que MAGNANI tem de “pedaço” quando o autor afirma que as relações não estão fixadas em aspectos formais impostos pela sociedade. Isto quer dizer que não basta a demarcação dos equipamentos delimitando o território físico e nem freqüentá-lo sistematicamente, pois são alguns elementos de ordem das relações sociais que estabelecem quem pertence ou não ao “pedaço” (MAGNANI, 2002, p.12).

Apesar da característica espaço físico ser um elemento relevante para a constituição da idéia de “pedaço”, esse entendimento passa a ser usado para designar um tipo particular de sociabilidade e apropriação do espaço urbano (MAGNANI, 1998, p.12).

O grupo constrói aspectos simbólicos que permitem às pessoas pertencentes a determinadas redes de relacionamentos se reconhecerem. Representado pelo que constitui determinado contexto, seja de forma objetiva ou subjetiva, pelas roupas, comportamentos e linguagem usados no meio (MAGNANI, 1998).

Esse regime de associação entre as pessoas permite que haja uma transferência das relações construídas nos clubes, bem como a transposição de hábitos assimilados em qualquer esfera da vida dos atores sociais. Isto porque essas exposições são responsáveis pela dinâmica no cotidiano dos indivíduos, sendo considerados dois pólos de uma relação que circunscrevem (MAGNANI, 2002).

Os clubes sócio-recreativos representam o interesse de determinados grupos sociais em instituírem formas de regular a convivência dos atores

estabelecendo, nessa apropriação do tempo livre, regras implícitas e explícitas que orientam as relações sociais.

As redes de relações sociais dentro dos clubes são estabelecidas a partir dos códigos que identificam as pessoas pertencentes a determinado núcleo, no entanto não se constituem em momentos isolados da vida das pessoas. Algumas dessas podem ser oriundas da convivência no trabalho, nas práticas religiosas, na vizinhança como também podem ser construídas a partir das experiências dentro do próprio clube. De outra forma, também é possível afirmar que essas redes de relacionamento se estendem para fora dos clubes e, ainda, para outros tempos além do lazer, como as relações no trabalho, religião, etc.

Os clubes sócio-recreativos necessariamente não se constituem enquanto “pedaço”, mas existe a possibilidade de encontrar vários “pedaços” dentro desses equipamentos, construídos por diferentes grupos com códigos de identificação próprios.

A busca pela participação em atividades oferecidas pela instituição a qual pertence não pode ser considerada somente como possibilidade de extravasar ou recuperar as energias das tensões provocadas pela correria da vida diária, tampouco ser considerada como consumo inconsciente. Todavia deve-se estar alerta para os possíveis significados atribuídos à prática de lazer nos clubes a fim de melhor compreender outras variáveis que estimulam os atores a optarem por essa característica privada de lazer. As motivações estão além das atraentes estruturas físicas.

A estrutura administrativa que envolve o desenvolvimento de estratégias com intuito de promover ou direcionar as práticas de lazer é um fator que oferece o contorno das ações a serem desenvolvidas no clube e exerce significativa influência na forma com que as pessoas se relacionam com sua prática de lazer. Ela se depara com uma configuração funcional bem distinta de outros segmentos empresariais privados, pois se encontra um ambiente de constituição privada sem fins lucrativos, administrado por uma diretoria voluntária eleita através do voto direto do quadro associativo.

É comum encontrar nos clubes uma disposição em dois níveis administrativos distintos quanto sua relação trabalhista com a empresa, um deles está relacionado com o nível estratégico ou diretivo com responsabilidade por

fornecer as diretrizes da instituição. Essas funções são ocupadas, geralmente, por indicações vinculadas pelos compromissos políticos assumidos em campanha eleitoral que necessariamente não possui formação e nem envolvimento profissional direto com a área específica de atuação dentro do clube, como exemplo a Diretoria de Esportes, a Diretoria Social, a Diretoria Administrativa, etc.

No entanto é comum encontrar diretores que possuem envolvimento pessoal com determinadas áreas, como exemplo: uma Diretoria de Tênis ser ocupada por um tenista, uma Diretoria de Sauna ser ocupada por um associado que frequenta assiduamente a sauna, e um outro profissional no nível tático que seria o técnico com formação e experiência na área específica contratado geralmente sob o regime da CLT – Consolidação das Leis do Trabalho.

Considerando essas duas posições, as propostas de lazer oportunizadas aos associados estão condicionadas à atuação desses dois profissionais. De um lado a necessidade de contar com a vontade política do administrador político em promover o desenvolvimento do lazer, seu conhecimento sobre a área, os aspectos filosóficos partidários influenciando sobre o assunto, os compromissos políticos assumidos em campanha e outras disposições. Do outro lado o profissional técnico, por sua vez, necessita de conhecimento teórico e compromisso político para com a área específica e também conhecimentos sobre os aspectos da administração que envolvem a rotina de trabalho.

Dessa forma o posicionamento adotado pelos dois profissionais é conduzido por duas posturas bem identificáveis, uma com maior disposição política e outra com maior ênfase no posicionamento técnico. A ação política tende a estar mais direcionada a compromissos assumidos na campanha política e, também, a vínculos estabelecidos com os diferentes grupos de poder que apoiaram a candidatura do partido.

Da mesmo modo com que o político de carreira exerce cargos públicos com salário, o administrador eleito pelo voto direto do associado passa por um processo eleitoral, havendo disputas e campanhas políticas. Nessas campanhas é possível observar as articulações com grupos de influência, refletindo diretamente nas decisões do dia-a-dia da instituição. Muitas vezes reforçada por compreensões restritas do objeto em específico, distanciada dos objetivos e

princípios filosóficos que estariam à prática de lazer no desenvolvimento de uma determinada população.

Por outro lado o profissional técnico contratado, no nível tático, deve pautar sua atuação profissional conduzida por preceitos teóricos que envolvem a área, mas se vê pressionado a acatar decisões que, às vezes, destoam da realidade financeira, organizacional ou, ainda, da demanda existente.

É comum ouvir relatos por parte dos técnicos quanto à insatisfação por alguns direcionamentos que os clubes tomam em virtude do vínculo político ao qual a instituição está subordinada, em geral essas insatisfações não são levadas ao plano da diretoria. Também é comum a crítica dos profissionais, principalmente dos níveis tático e tático operacional sobre decisões que são tomadas em assuntos aos quais os mesmos devem oferecer suporte técnico, sem a consulta dos mesmos.

O administrador político no clube não realiza essa função como sua principal atividade profissional em virtude de exercê-la de forma voluntária, ou seja, sem qualquer vínculo empregatício ou remuneração, utilizando uma parcela de seu tempo livre para se dedicar a assuntos pertinentes à área para a qual foi designado. Com isso conseguir interpretar as variáveis administração e política nos clubes sócio-recreativos e as conseqüências em uma relação de interinfluências permitirá uma compreensão mais ampla sobre o universo da vida associativa nesses ambientes e entender de forma mais clara o porquê dos contornos existentes nos hábitos e comportamentos dos associados na apropriação das práticas de lazer.

Nesse ambiente de tensões entre os interesses dos associados, as vontades dos dirigentes e as dos técnicos existe outro componente que tem papel relevante nesse conflito. Alguns clubes têm criado as diversas Comissões ou Coordenações que são formadas por grupos de associados que freqüentam os setores, sendo cada uma composta pela representatividade de seu setor, porém essa representatividade torna-se questionável a partir do momento que é a diretoria quem sugere e elege os membros da mesma, fato comum nos clubes. De uma forma ela também pode ser considerada como uma estratégia política da diretoria em contar com membros simpáticos à administração mais próximos da rotina dos associados. De outro modo, independente dessa articulação política,

devido à sua relativa autonomia, o grupo se constitui como um instrumento articulador reivindicando as necessidades que julgam necessárias para melhoria do seu setor.

Mas essa representatividade também não apresenta características isentas de interesses restritos, visto que em alguns casos as reivindicações junto à diretoria não são resultados de alguma pesquisa feita com os freqüentadores do setor e ou os esforços da Comissão têm, também, uma direção restrita. A exemplo disso é possível citar as Comissões de setores onde convivem os associados com prática regular de atividades para fins de competição e os demais interesses na atividade, a qual é constituída por pais de atletas, onde as reivindicações estão centradas na busca de melhorias que atendam esse segmento específico.

A partir dessa leitura deve-se pensar em possíveis encaminhamentos na construção de políticas que permitam uma melhor relação entre o técnico profissional e o político administrador, favorecendo um trabalho pautado em planejamento a partir de referencial teórico-prático, o que por sua vez pode evitar investimentos financeiros e esforços em obras ou projetos desarticulados das reais necessidades do quadro associativo. Tais posturas também contribuirão para estruturar diretrizes que não se percam a cada eleição onde pode ser alterada a diretoria eleita.

Dessa forma, descrever as possíveis influências na construção de diretrizes para o desenvolvimento do lazer nos clubes sócio-recreativos, provocadas pela relação entre uma administração político amadora e técnico-administrativa, permite entender como se processa a gestão estabelecendo possíveis diretrizes que possam permear uma política de desenvolvimento do lazer e analisar a influência nos hábitos e comportamentos dos associados na prática do lazer dentro dos clubes sócio-recreativos.

Para tratar da administração dos clubes sócio-recreativos devem ser considerados cargos administrativos ou gerenciais aqueles que diretamente apresentam-se ligados às suas atividades outras pessoas de quem dependem para a sua realização.

A composição da estrutura administrativa de um clube sócio-recreativo pode ser disposta em níveis que são geralmente classificados em três:

- ♦ a alta administração ou diretoria, estando no nível mais alto do organograma;
- ♦ a administração média ou gerência no nível intermediário;
- ♦ os níveis operacionais, sendo os cargos de coordenação, supervisão e ou chefia (SILVA, 2002).

Considerando os papéis de cada nível hierárquico, a alta administração ou diretoria responde pelo direcionamento maior e pelas operações da organização, sendo geralmente representada pelo presidente, pelo vice-presidente e pelos diretores.

É responsabilidade da diretoria, também, desenvolver políticas, estratégias e estabelecer metas para a organização como um todo. Essa estabelece os objetivos (que serão desmembrados em metas) e os repassam aos níveis hierárquicos mais baixos, até os níveis operacionais da organização (SILVA, 2002).

Todos os diretores dos clubes sócio-recreativos são cargos políticos os quais são disputados em eleições, por um mandato que varia entre dois a três anos, conforme o estatuto da instituição.

As chapas como são chamados os grupos que se constituem na disputa da direção dessas associações - que se pensarmos na esfera pública denominam-se de partidos políticos - são formadas por associados titulares com idade superior a 18 anos que disputam, através do voto direto dos associados proprietários do título, a direção do clube.

A composição da diretoria depende do tamanho e da complexidade da empresa e também da estratégia política da chapa concorrente, podendo entre uma gestão e outra alterar a composição dos cargos diretivos. Assim, a estrutura diretiva não está diretamente dimensionada pela necessidade administrativa do clube.

Numa empresa de grande porte a alta administração compreende o executivo principal, o presidente ou diretor geral, e os diretores logo abaixo. Acima do cargo executivo principal não há outros ocupantes de cargos com poder executivo. No entanto, os executivos principais e os diretores, muitas vezes, não administram sozinhos e compartilham sua autoridade por meio de alguma forma de administração colegiada (MAXIMILIANO, 2000).

Apesar de não existir alguma exigência legal para compor a estrutura diretiva de um clube, eles apresentam geralmente essa administração colegiada composta por: uma Assembléia Geral como órgão normativo, deliberativo e decisório de última instância; pelo Conselho Deliberativo que é o órgão deliberativo e decisório de segunda instância e também pelo Conselho Diretor, órgão executivo, normativo no âmbito de suas atribuições e decisório em primeira instância; e por último pelo Conselho Fiscal, órgão fiscalizador da execução orçamentária e da gestão financeira. O que na prática esses órgãos colegiados fazem parte da alta administração, junto com o executivo (SANTA MÔNICA, 2000).

A média administração ou gerência, em geral é conhecida em muitas empresas como gerência de departamento ou gerência de setor, tem na sua responsabilidade a tarefa de planejar, organizar, dirigir e avaliar as atividades de seu setor ou departamento.

Fazendo o elo entre a direção e a administração operacional, coordenando as atividades deste último, os gerentes têm a responsabilidade de determinar que produtos ou serviços sejam providos ao quadro associativo, estipulando que público-alvo será alcançado. E também que estratégias gerais e políticas serão transformadas em metas para a atividade da administração no nível operacional (SILVA, 2002).

A administração operacional ou coordenação é diretamente responsável pela execução dos serviços, cuidando dos especialistas, técnicos, professores e outros profissionais envolvidos. De todos os níveis administrativos, a supervisão é o mais relacionado com a execução das atividades do dia-a-dia da organização.

Outra maneira de classificar os níveis administrativos é considerar um plano estratégico que corresponde à alta administração, pois determina os objetivos de longo prazo e a direção para a organização como um todo. O plano tático que corresponde à gerência, pois coordena e decide que produtos ou serviços serão produzidos e ou realizados. E o operacional que corresponde à supervisão, pois coordena a execução das tarefas de todo pessoal operacional (MAXIMILIANO, 2000).

Um ponto importante para melhor compreender a funcionalidade da estrutura administrativa de um clube é esclarecer quais são as habilidades ou

destrezas específicas correspondentes à cada nível administrativo. Dessa forma, deve-se considerar basicamente três tipos de habilidades para que o administrador possa atuar eficazmente no processo das suas atividades, variando o grau de intensidade conforme a posição hierárquica ocupada no organograma da empresa.

As habilidades técnicas são aquelas relacionadas ao desempenho de funções ou trabalhos especializados dentro da organização e consistem no conhecimento, métodos técnicos e equipamentos para a realização de tarefas específicas. As habilidades humanas são aquelas relacionadas ao tratamento com pessoas e consistem na capacidade e no discernimento para trabalhar com pessoas, compreendendo suas atitudes e motivações, exercendo a liderança. As habilidades conceituais são as relacionadas à capacidade de ver a empresa de maneira total e consistem na capacidade de compreender as complexidades da organização, de modo global, e promover o ajustamento do comportamento dos participantes da organização (MAXIMILIANO, 2000).

Para estabelecer a intensidade da habilidade em cada nível de administração é necessário relacioná-la com a responsabilidade para com a execução da tarefa a ser realizada. Dessa forma é possível afirmar que é necessária pouca quantidade de habilidade técnica, mas grande quantidade de habilidade conceitual para a diretoria ou alta administração. A média administração ou gerência necessita relativamente de menor quantidade de habilidade conceitual do que a alta administração, porém, a necessita em maior quantidade do que a supervisão (MAXIMILIANO, 2000).

A administração operacional, por outro lado, necessita de grande quantidade de habilidades técnicas, por causa da necessidade de resolução rápida dos problemas operacionais que dependem mais do conhecimento técnico do que de qualquer outra variável (MAXIMILIANO, 2000).

As habilidades humanas são fortemente exigidas em todos os níveis hierárquicos da organização, no entanto quando ocorre um crescimento hierárquico as habilidades humanas se deslocam de intragrupo para intergrupais.

Independente do nível hierárquico em que o profissional se encontra na estrutura burocrática de uma empresa, o conhecimento da missão, ou seja, do

motivo pelo qual foi concebida permite ao mesmo melhor compreensão da própria atuação profissional.

Apesar dos clubes sócio-recreativos serem instituições sem fins econômicos para sua administração é primordial que tenha claro para o corpo diretivo e funcional a sua missão, ou seja, a definição da razão de ser como qualquer empresa com fins econômicos. Isto porque, esse é um aspecto essencial para a administração conseguir traçar suas metas e objetivos. Porém pela falta de conhecimentos técnicos e teóricos é comum que o gestor não consiga defini-la com clareza. A dificuldade existente está na confusão que é feita com o próprio produto e ou serviço oferecido pela instituição (ANDION; FAVA, 2002).

Um fato sobre este aspecto está na abrangência de entendimento no senso comum que se tem de lazer, pois cada pessoa tem alguma definição sobre o assunto independente da formação ou área de atuação, geralmente estimulada a partir de sua própria experiência pessoal.

Um caso comum é a confusão existente sobre a relação esporte e lazer, sendo considerado este primeiro lazer somente quando não há algum tipo de competição em evento oficial. Ainda, em alguns casos considerando a participação dos associados atletas amadores em competições de nível estadual ou nacional, como esporte profissional.

Mesmo com a participação de associados em eventos de nível regional, estadual ou internacional, não pode ser analisada somente por este foco a dimensão atribuída ao nível de participação (lazer ou profissão). É comum encontrar nos clubes, dentre outros exemplos, associados com uma atividade profissional bem definida, com uma prática regular nas atividades de seu interesse e cuja há representação em campeonatos, mas não há todo um conjunto de variáveis que compõe o cenário profissional para essa caracterização, como registro em carteira, ser sua fonte de renda, ter um compromisso com horários para treinamentos, ter que responder pelos resultados perante a instituição, etc.

Apesar do cenário amador, o que acontece, também, por parte desses associados é uma cobrança de atenção, investimentos e outros reproduzindo o cenário do atleta profissional do esporte espetáculo.

Nesse caso, para que os clubes possam aprimorar sua visão sobre seu negócio é necessário atribuir às propostas de lazer oferecidas pelos clubes a categoria de produto e se posicionar como um prestador de serviços e que se tem na sua dimensão uma grande variedade de serviços e ou produtos possíveis de serem oferecidos aos associados.

Independente dos clubes sócio-recreativos não apresentarem uma regularidade em termos da oferta de espaços e ou materiais, tanto na qualidade como na quantidade, há uma variedade de materiais como bolas, esteiras, bicicletas ergométricas e outros para as diversas práticas esportivas e, também, de estruturas físicas construídas como piscinas, campos de futebol, saunas, salões de festas, bibliotecas, etc. No entanto, o motivo principal pela busca das estruturas oferecidas por essas instituições está condicionado às experiências que serão obtidas, ou seja, o aspecto físico é um meio para se atingir um determinado fim.

Dessa forma o que se oferece aos associados são serviços. Os serviços estão relacionados às experiências adquiridas com a prática ou a apreciação de alguma atividade, com exemplo: participar de uma aula de ginástica, jogar uma partida de futebol, assistir uma peça de teatro, etc. São atos, não podem ser experimentados, sentidos ou testados antes da própria experiência (LAS CASAS, 1991).

Em virtude da forma intangível como que se constituem os serviços, a necessidade de se conhecer princípios que norteiam a razão de ser da empresa, tornam-se ainda mais incontestes. Saber qual a essência do serviço para que possa, efetivamente, atender às necessidades do público que pertence às determinadas instituições. A falta de conhecimento favorece que haja uma invenção do que os administradores acreditam ser oferecido aos associados. Ainda fornecendo idéias preconcebidas orientadas pelo que cada um entende do objeto em específico (COURTIS, 1991).

Considerando que as práticas lúdicas vivenciadas nos clubes sócio-recreativos são compostas maciçamente pelas práticas esportivas, sendo

observado em alguns casos a “monocultura da monocultura” do lazer é primordial discorrer sobre o esporte e sua relação com essas estruturas²³.

²³ BRAMANTE, Antonio Carlos. **Realinhamento dos fatores críticos de sucesso na gestão de clubes social-recreativos baseado no conhecimento dos sistemas internos e externos: o caso das AABBs** Disponível em www.quality.com.br. Acesso em março de 2006.

2. ESPORTE: abrangência e influência na construção dos hábitos nos clubes sócio-recreativos.

O cotidiano do associado no clube está envolvido de forma muito presente nas atividades de características físico-desportivas, seja inscrito em algum curso de modalidade esportiva, na participação informal com os amigos ou como espectador - assistindo aos campeonatos, às apresentações de artes marciais, de ginásticas rítmicas ou outras -. A presença marcante da atividade física e do esporte pode ser observada, também, pela divulgação de sua oferta nos diversos meios de comunicação que os clubes têm com o associado.

Em virtude da dimensão que essa característica de atividade de lazer tem na vida do associado dentro do clube, a opção de apresentar uma discussão sobre esporte mais detalhadamente tem como propósito demonstrar o cotidiano dos associados e suas práticas.

Quando se aborda a questão do esporte, principalmente relacionada à formulação de políticas de atuação, um primeiro aspecto a se considerar é exatamente a sua abrangência e seu entendimento para que se possa estruturar as estratégias de ação a partir do tratamento que será dado ao assunto, considerando seu objetivo fim.

É preciso também entender que o esporte é um fenômeno social gerado historicamente e que em cada época da sociedade ganhou significados distintos quanto sua prática ou consumo, seja ela de aprendizagem, de treino, de competição, de prática regular, de recreio e de tantas outras identificadas nas abrangências das dimensões sociais do esporte.

À medida que a sociedade foi sendo redimensionada em seus fatores de desenvolvimento orgânico, suas técnicas de produção e industrialização, suas manifestações culturais e seus sistemas de reconhecimento e relacionamento social, também o desporto adquiriu novas funções e definições sociais, e, com elas outras possibilidades de análise (MARCHI JUNIOR, 2005, p.126).

Para que os clubes sócio-recreativos possam fixar diretrizes de atuação é preciso estabelecer sua abrangência de ação, situar qual o papel do esporte dentro do clube e delinear os objetivos das propostas a serem desenvolvidas, pois

as instituições que promovem o esporte devem centrar suas ações conforme o público, seus interesses, objetivos e a finalidade para as quais foram constituídas; dessa forma é pertinente a opção pela descrição proposta pelo Ministério do Esporte.

As dimensões do esporte, reconhecidas pelo MINISTÉRIO DO ESPORTE (2005), são diferenciadas de acordo com o ambiente em que se aplica ou pratica o esporte: a educativa, a participação das pessoas comuns e, também, no rendimento, isto é, o esporte-educação, esporte de lazer ou recreativo e o esporte-performance ou de alto rendimento.

O esporte-educação é entendido no processo educacional de formação das pessoas e deve, também, ser considerado como um caminho essencial para o exercício pleno da cidadania, no futuro individual dessas pessoas, cuja responsabilidade deve ser assegurada pelo Estado (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2005).

Praticado especificamente nos sistemas de ensino, no âmbito curricular da Educação Física ou como atividade extracurricular, tem como finalidade sua formação corporal e as próprias potencialidades, preparando-o para o lazer e o exercício crítico da cidadania, voltado para o crescimento e desenvolvimento humano, com o fim de proporcionar o prazer, a evolução da consciência, a construção da cidadania e a introdução de uma cultura de lazer (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2005).

A dimensão social do esporte referenciado com o princípio do prazer lúdico e que tem como finalidade o bem-estar social dos seus praticantes, trata do esporte-lazer ou recreativo, que ocorre no tempo livre, fora das obrigações da vida diária. De um modo geral, tem como propósitos a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e as relações entre as pessoas. Tem na participação o aspecto social mais relevante, pois exerce papel decisivo em todo processo que tem como finalidade maior a democratização, a melhoria da qualidade de vida (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2005).

O esporte-lazer não pode ser entendido de maneira restrita, como oportunidade de refazer energia para poder aumentar a produção, como válvula de escape para aliviar as tensões diárias ou conveniente para resolver os problemas sociais como delinqüência e marginalidade, mas como ação essencial

de livre ocupação dos momentos de ócio, para servir de base para o crescimento e desenvolvimento social e político, pois à medida que começa a promover a aproximação das pessoas provocará o debate e o estímulo às ações a serem realizadas em horários ociosos nas escolas, nas ruas e praças, nos clubes e nas associações de bairro.

Por sua vez, o esporte *performance* ou de alto rendimento traz consigo os propósitos de novos êxitos esportivos, a vitória sobre adversários nos mesmos códigos, sendo exercido sob regras preestabelecidas pelos organismos nacionais e internacionais de cada modalidade. Há uma tendência natural para que sejam praticados principalmente pelos chamados talentos esportivos. É também a dimensão social que propicia os espetáculos esportivos (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2005).

Esta manifestação esportiva pode ser organizada e praticada de dois modos:

- ♦ profissional - deve ser pensada como trabalho e as suas implicações sociais, culturais e políticas; precisa proporcionar retorno quer como consequência do aumento de venda, quer como institucionalização de uma imagem positiva de qualidade. Não se pode esquecer, também, que quando se fala de rendimento, de qualidade, de negócio começa-se a falar de talentos, de seleção e, portanto, de elitização, pois deixa de ser para todos e passa a ser privilégio apenas para alguns, podendo comprometer de forma sensível os princípios democráticos existentes dentro do clube sócio-recreativo. Para sua consolidação deve haver entre o atleta e a instituição de prática esportiva a formalização de um contrato de trabalho;
- ♦ não profissional - está caracterizada a ausência de qualquer formalização de característica trabalhista entre o atleta e a instituição que o mesmo pratica a atividade, sendo que o mesmo pode receber incentivos materiais e patrocínio.²⁴

Contando com diversas equipes ou atletas de modalidades individuais e coletivas participando de competições em níveis regionais, estaduais, nacionais e

²⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L9615consol.htm>

internacionais, os clubes, em geral, não têm tratado do esporte profissional. Uma situação restritiva está no alto custo que é manter equipes profissionais competindo pela instituição, vinculada à satisfação que a Diretoria tem que prestar ao associado que paga a mensalidade do clube quanto ao direcionamento das receitas adquiridas. Dessa forma, a relação com o atleta e, assim, com o esporte não é profissional, ou seja, não existe carteira assinada e não recebe para desenvolver suas atividades de treinamento e ou para representar o clube em eventos esportivos. A obrigatoriedade de comparecer nos treinos e apresentar resultados está na exclusão ou manutenção do mesmo na equipe, condicionado pela própria *performance*, onde o privilégio de participação está relacionado a índices técnicos.

Ele também é elitista e não somente pela seleção de poucos atletas que muitas vezes não são associados, mas também pela ocupação dos espaços e horários do clube, pois os lugares para uso dos associados estão, muitas vezes, reservados para esses grupos restritos o que tem sido alvo de atenção das Diretorias dos clubes sócio-recreativos. A estrutura que envolve seu treinamento assemelha-se ao esporte profissional, pois ele tem uma rotina de treinamento, técnico e equipe de apoio e conta com índices para participar das competições de nível nacional e internacional, competindo, algumas vezes, com atletas profissionais e contam com apoio financeiro da instituição no pagamento de taxas federativas, viagens, etc.

Para situar-se como esporte profissional ele precisa ser focado como espetáculo, negócio, qualidade, como produto da ação integrada do Estado com a iniciativa privada, com finalidade de conquistar resultados, integrar pessoas e as comunidades e institucionalizar imagem de qualidade (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2005).

Apesar da Lei do Esporte permitir que os clubes sócio-recreativos tratem da atividade esportiva profissional, mesmo enquanto associações sem fins econômicos, a estrutura financeira dos mesmos não dá condições para que isso se efetive. Mesmo na década de 80 onde os clubes contavam com o benefício da Lei 5.939/73, regulamentada pelo decreto n.º 77.210 de 20 de fevereiro de 1976, “que dispõe sobre a concessão de benefícios pelo Instituto Nacional de

Previdência Social ao jogador profissional de futebol e dá outras providências”²⁴, o esporte não conseguiu atingir a dimensão de negócio. Com a necessidade de gerar renda para justificar a manutenção desse benefício, muitos clubes tiravam os borderôs²⁵ de algumas partidas para acusar receita, pois a lei tratava de beneficiar o futebol e mesmo considerando o “Art. 3º Equipara-se à entidade abrangida pelas disposições deste decreto a associação desportiva que comprove manter a prática de pelo menos três modalidades de esportes olímpicos e ter participado de competição oficial em cada uma dessas modalidades”, os clubes sócio-recreativos não conseguiram manter o benefício.

Isto porque, com a releitura da lei pelo órgão competente, todos os clubes que contaram com o benefício e não conseguiram se enquadrar na lei tiveram que pagar ao INPS o valor referente aos anos que ficaram sem recolher o imposto patronal. Alguns clubes efetuaram o pagamento e outros ainda estão na justiça, a partir daí os clubes iniciaram o processo de redução das equipes desportivas de rendimento em função do custo para sua manutenção.

Para tratar do esporte profissional a Lei Pelé apresentou a proposta de alteração da constituição jurídica dos clubes para entidade jurídica com fins econômicos - clube empresa -, no entanto esse aspecto não despertou mobilização das instituições. Existem clubes como o Paraná Clube que tem a constituição de entidade sem fins econômicos, onde convive o esporte profissional, no caso o futebol, e as demais práticas de lazer.

Da mesma forma, o Clube Atlético Paranaense mantém sua organização enquanto “[...] uma pessoa jurídica de direito privado sem fins econômicos, constituída sob a forma de associação [...]” apesar de dispor somente do desenvolvimento do esporte profissional. Outro fator em dissonância com o praticado apresenta-se na finalidade do Clube quanto o mesmo “tem por finalidade o desenvolvimento das relações sociais através da prática de atividades recreativas, culturais, artísticas e esportivas”. Apesar da inexistência de qualquer outra forma de expressão do esporte na associação fica claro que é distinta da administração do esporte quando afirmam que “ao lado da prática de esportes

²⁴ Disponível em: [http://portal.esporte.gov.br/cedime/legislacao/leis_federais/1976_NormasJuridicas \(Texto Integral\)_DEC_077210_20_02_1976.jsp](http://portal.esporte.gov.br/cedime/legislacao/leis_federais/1976_NormasJuridicas (Texto Integral)_DEC_077210_20_02_1976.jsp)

²⁵ Espécie de documento referente a execução de serviço (n.a)

amadores, mas completamente separados, o Clube manterá quadros de esporte profissional, observadas às disposições específicas que regem a matéria”.²⁶

Apesar de não ser o propósito deste trabalho questionar a intenção dos dois Clubes em manter sua constituição jurídica atual, parece existir um descompasso entre o que está escrito no Estatuto da instituição e o que acontece na prática.

Alguns clubes no intuito de controlar a administração, especificamente no que tange ao esporte profissional, deixam claro em seus estatutos que:

por ter objetivo oferecer atividades diversificadas de lazer com abrangência de interesses de todo o quadro associativo, é vedado [...] constituir-se em entidade mantenedora de equipes ou grupos representativos de área específica de atividades desenvolvidas no Clube, com direcionamento a competições esportivas profissionais.²⁷

No entanto se comprometem com o desenvolvimento das atividades competitivas, ou seja, o esporte de rendimento não profissional, com as restrições estabelecidas no estatuto:

[...] pode promover competições amadorísticas internas em quaisquer atividades de lazer e, ocasionalmente e com prévia autorização do Conselho Diretor, conceder subsídios parciais a equipes ou grupos de associados amadores representativos do Clube em competições amadorísticas externas. Para tais atividades, pode ainda acolher patrocínios.²⁸

Essa situação contribui para que a Diretoria dos clubes tenha mais claros os limites do esporte ao qual a instituição se destina e saiba qual a proporção de desenvolvimento da modalidade que está condicionada a fazer.

A política que poderá constituir em espaço de desenvolvimento da sociedade deve estar vinculada às três esferas do esporte (educação-lazer-rendimento), pois a interdependência existente entre elas garante o melhor desenvolvimento do esporte. Enquanto o esporte-educação e participação geram a quantidade de praticantes contribuindo para a construção de valores para o hábito esportivo, fornecendo assim uma maior possibilidade de escolha pela

²⁶ Disponível em: <http://www.atleticopr.com.br/o-cap/estatutos/index.php>

²⁷ Santa Mônica Clube de Campo, 2002.

²⁸ Santa Mônica Clube de Campo, 2002.

qualidade e quantidade para o esporte de rendimento, o esporte espetáculo gera receitas, abre fronteiras e favorece através do fenômeno chamado efeito-imitação, o modelo, incentivando a participação, como por exemplo exerce grande influência no esporte popular (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2005).

Da mesma forma deve ser tratado nos clubes sócio-recreativos, excluindo a dimensão esporte-educação em virtude de corpo teórico e da prática distinta de um clube, sendo que a relação de interdependência existente entre o esporte de rendimento e o esporte-participação fornece subsídios ao estímulo da prática na esfera do clube. Os associados criam vínculos com a modalidade de maior destaque em competições gerando uma maior participação em variadas faixas etárias e nos cursos esportivos para a composição das equipes.

A decisão sobre o desenvolvimento do esporte profissional dentro dos clubes sócio-recreativos deve ser permeada por fatores que contemplem a vida associativa dos mantenedores da instituição. A constituição de equipes profissionais não pode ser motivo de depreciação desse cotidiano, onde receitas destinadas à manutenção da estrutura, implementação de novos serviços e investimentos em novas obras seja disputada com as despesas dessas equipes.

A elaboração de diretrizes que possam auxiliar um plano político de desenvolvimento da prática esportiva em um clube sócio-recreativo deve levar em consideração a dimensão apresentada pelo MINISTÉRIO DO ESPORTE (2005) quando trata do assunto nas perspectivas educacional, de participação e de rendimento, com duas premissas fundamentais: a democracia do esporte enquanto elemento da cultura de um povo e a melhoria da qualidade de vida. Dessa forma, considera-se democratizar o esporte como assegurar a igualdade de acesso à prática esportiva para todas as pessoas.

Para que seja caracterizado como um meio de democratização é necessário que não seja entendido somente como um bem de consumo e que as minorias não sejam priorizadas em detrimento da diversidade de pessoas que possam ser atendidas como as crianças, os jovens, os adultos, os idosos independente do gênero ou da condição física apresentada. Esta percepção distorcida e reducionista não permitirá que o fenômeno esporte chegue a usar o seu potencial de meio cultural para o desenvolvimento de seus praticantes.

É necessário um alerta sobre os possíveis efeitos que possam causar a utilização do esporte por parte da administração dos clubes, caso os fins não estejam claros, ou ainda, se os mesmos forem objetos de promoção individual ou de um grupo específico.

Isto porque os gostos esportivos são dependentes dos usos diferenciados do corpo nas práticas esportivas, as quais são marcadas por representações que induzem modelos de prática, segundo os lugares que se ocupa no espaço das posições sociais e também segundo a imagem dominante dos padrões feminino e masculino nesta mesma posição social (TUBINO, 1991).

Isto é confirmado nas ações dos próprios técnicos que reproduzem, de forma inconsciente, os padrões estéticos ditados pela sociedade quando o discurso fala de qualidade de vida e as imagens colocadas nos murais das academias são de pessoas que apresentam definições musculares próprias de atletas profissionais; a representação social de qualidade de vida neste caso está erroneamente condicionada a fatores estéticos.

Dentro dessa lógica o trabalho dos clubes sócio-recreativos deve se profissionalizar exigindo que os técnicos conheçam com propriedade teórico-prática o fenômeno esportivo. O cenário do universo do esporte constitui-se na mesma proporção que o campo econômico ou cultural, um espaço de práticas sociais. E como tal, “existem formas de disputas, lutas e concorrências na busca pela hegemonia de determinadas práticas, além da distinção social das pessoas envolvidas conforme seu potencial de poder simbólico” (MARCHI JR, 2004, p.38).

Independente da abrangência de atuação (lazer ou profissional), o que denota o conhecimento de tal objeto por determinadas especificidades, como tentar explicar a busca por práticas esportivas somente pela abordagem em aspectos fisiológicos da atividade, condiciona o agente social à reprodução inconsciente. Desta forma é necessário que esse profissional dialogue na sua prática também com a Sociologia, a Antropologia e com outras áreas correlatas.

A história do esporte nas sociedades modernas apresenta várias passagens onde ele foi objeto de interesses políticos e econômicos, entendido enquanto indicador de pertencimento social, meio de autocontrole das emoções, conotações moralizantes e outras interpretações.

A inobservância da complexidade que envolve o ambiente de lazer dos clubes sócio-recreativos, vivenciados a partir do esporte, contribui para a manutenção de valores questionáveis para o bem-estar do associado. Os hábitos de lazer são, em grande escala, determinados pelos diversos agentes socializadores, particularmente pelos meios de comunicação de massa, moldando tendências que se caracterizam muito mais por uma atitude consumatória de eventos/atividades do que pelas vivências conscientes de uma experiência que transcenda o senso comum, na busca do pleno desenvolvimento pessoal e social.

A propagação das influências causadas pelas práticas esportivas nos clubes sócio-recreativos pode ultrapassar as questões da opção da atividade escolhida, seja para ocupar seu tempo livre ou ainda para uma prática mais aprimorada enquanto profissional, com a possibilidade de provocar mudanças nas formas de morar, no processo educativo, no trabalho e nas relações com familiares e grupos não pertencentes ao mesmo núcleo no qual o associado teve a oportunidade de adquirir os hábitos esportivos (LUCENA, 2001).

As possibilidades quantitativas de vivências da prática esportiva em um clube sócio-recreativo estão condicionadas à estrutura física disponível, porém a qualidade dessa prática está intimamente ligada à forma com que é entendido e como é tratado o esporte nas esferas administrativas.

Em função do cargo diretivo ser ocupado por um profissional que exerce essa função voluntariamente no tempo que lhe resta após as obrigações profissionais e pessoais, durante um determinado período de gestão, é primordial que a pessoa contratada para a função administrativa tenha competência técnica para executar os planejamentos e conceitual para fornecer subsídios que possam auxiliar a construção das propostas de desenvolvimento do esporte nesses ambientes.

Considerando o clube sócio-recreativo enquanto um equipamento específico de lazer, ou seja, um ambiente que foi concebido para a realização das práticas lúdicas no ambiente do tempo livre de seu quadro associativo, é necessário estabelecer enfoques metodológicos para desenvolver as práticas esportivas que correspondam à natureza do mesmo. Dessa forma a compreensão das finalidades do esporte-participação e o esporte de alto rendimento irão permear as diretrizes na elaboração de políticas para o esporte.

Considerando que o termo empregado pelo MINISTÉRIO DO ESPORTE (2005) como esporte de alto-rendimento não atende à realidade em diferentes contextos, por entender que a dimensão alto conota uma visão questionável e subjetiva do rendimento, a proposta é utilizar o termo esporte de rendimento para tratar de competição, seja profissional ou não.

É necessário estar ciente das influências que as propostas políticas têm na construção do modo de vida das pessoas dentro e fora da esfera dessas instituições, para que seja compreendido o compromisso que a administração tem para com a vida de seus associados.

Os temas abordados até aqui demonstram que a constituição do cenário apresentado sobre os clubes sócio-recreativos revela uma complexa rede para a análise sobre o funcionamento e utilização dessas instituições pelos associados. Mesmo considerando que as oportunidades de lazer oferecidas aos associados são restritas, mais especificamente as práticas de atividades físico-desportivas e, às vezes, a predominância de determinadas atividades esportivas, é de se considerar que isso é um aspecto motivador existente para suprir outra necessidade, mais latente, o da relação com o outro.

A forma das propostas de lazer que os clubes sócio-recreativos apresentam na atualidade é o resultado de um processo construído ao longo dos anos, procurando satisfazer uma determinada expectativa das pessoas em determinado contexto histórico.

A concorrência existente entre os clubes sócio-recreativos na atração e manutenção de seu associado e na diversidade de opções de lazer que a sociedade oferece hoje tem contribuído para que essas instituições atualizem os serviços ofertados aos quadros associativos com novas propostas de lazer; no entanto os clubes ainda são mantenedores de diversas tradições o que dificulta a inovação em vários aspectos, como exemplo edições de eventos com mais de 10 anos de realização como festivais esportivos e campeonatos são comuns.

Alguns desses eventos perderam a necessidade de sua existência em virtude de não encontrar mais espaço para sua realização no próprio calendário interno e nem motivação dos associados em participar.

Existe um aspecto característico do ser humano que determina a ação de buscar por situações, especificamente no tempo livre, que contemplem atividades

economicamente improdutivas vinculadas à participação com outras pessoas, ainda que esse desperte o interesse em conceber estruturas físico-arquitetônicas para situar o lugar onde são realizadas. Para elucidar esse assunto serão tratadas as formas de sociabilidade.

3. OS CLUBES SÓCIO-RECREATIVOS E AS FORMAS DE SOCIABILIDADE

A constituição da sociedade urbanizada dinamizou as relações sociais. A diversidade dos espaços e suas funções sociais contribuíram para alterar a forma de se relacionar do homem rural e do homem urbano. Além da mudança da própria forma de relacionamento da família, variados grupos específicos formais e informais de sociabilidade se constituíram nas cidades, são os do trabalho, da escola, da igreja, do bar, do futebol e, também, a emergência de grupos consolidados pela mobilização popular, dentre eles estão condomínios residenciais fechados, as confrarias, as cooperativas, os clubes sócio-recreativos e outros, onde cada um conta com normas e regras de convivência social específica, conforme os objetivos estabelecidos sejam eles de troca, de status, afetivos, políticos, de segurança, esporte, lazer, entre outros.

Tratando-se especificamente de lazer, a busca dos indivíduos por esse tipo de sociabilidade contribuiu para a constituição dos clubes sócio-recreativos. A sociabilidade em espaços fechados e a integração desses equipamentos urbanos à paisagem das grandes cidades são movimentos que se consolidaram no final do século XIX e início do século XX, com força até a década de 70.

Inúmeras explicações podem ser dadas para tal predileção: ausência de alternativas públicas para o exercício de experiência comunitária; estratégia para manutenção de aspectos culturais de determinadas etnias, insegurança dos espaços públicos em decorrência da violência urbana e outras, variando conforme a época e a realidade social que se encontram as iniciativas associativas clubísticas, mas o que parece ser inquestionável é a disposição das pessoas em aprofundar um tipo de sociabilidade, o da ludicidade.

Nos dias atuais a possibilidade de ressurgir movimentos impulsionadores de novos empreendimentos é questionável, uma vez que, atualmente, a luta é pela sobrevivência tendo em vista inúmeros clubes que fecharam as portas como

o Clube XXI de Abril, ou fizeram fusão como a tentativa frustrada dos Clubes Literário e Cultural, e o trabalho que os clubes têm feito para reduzir a evasão dos associados.

O empreendimento mais recente e também uma ação isolada é a concepção do Clube Panorâmico em 1995, localizado na Região Metropolitana de Curitiba - no município de Pinhais, os demais clubes sócio-recreativos contam com 40, 50, 60 e mais anos de existência.

O próprio fenômeno que vem sofrendo os clubes sócio-recreativos pela crescente evasão dos associados delinear, daqui para frente, a relação que o clube tem com seu quadro associativo e, assim, as formas de sociabilidade nele vivenciadas.

Serviços oferecidos aos associados como cursos de inglês e de informática, salão de beleza, fisioterapia e outros de caráter utilitário têm se apresentado cada vez mais comuns. Essa alteração do objetivo principal da característica das atividades oferecidas nos clubes é uma estratégia de fidelização do associado, visto o fato de oferecer um conjunto de atividades consideradas não supérfluas com um preço abaixo do praticado no mercado por empresas constituídas para este fim como escolas particulares, clínicas de massagens ou fisioterápicas, salões de beleza e outros.

O custo do serviço cobrado não é o único diferencial, já que alguns preços praticados nos clubes podem ser compatíveis aos de mercado, outro fator de apelo ao associado é a possibilidade de conjugar as atividades de lazer com outra necessidade socialmente construída - atender uma necessidade da família em oferecer ao estudante formação complementar para sua vida profissional, como aula de idiomas, disponibilizar atividades conjugadas com a atividade esportiva -, assim os pais terão mais esse argumento a favor de frequentar o clube na hora da tomada de decisão.

Essas alterações na constituição das propostas dos clubes sócio-recreativos favorecem aos associados outro tipo de relação com a instituição. É comum encontrar os que justificam o pagamento de sua manutenção pela economia que faz em comparação com a realização dos serviços em uma empresa privada, como aulas de natação em uma academia.

Esse é um fator preocupante por diversos fatores, dentre os quais podem-se citar dois: um centrado na administração do clube, pois se tem um grupo de associados que não usa os setores ou poucos freqüentam o clube pagando para os que conseguem vagas nas atividades, devido à limitação óbvia dos espaços; outro está na percepção que se constrói na relação da sociabilidade vivenciada com o clube, ou seja, o viés utilitário-racional consome parte da motivação lúdica.

No universo dos clubes sócio-recreativos são identificáveis dois tipos de sociabilidade que fluem em relativa autonomia, condicionado por diversos fatores, mas também pela relação interdependente entre um e outro - a relação que a Diretoria condiciona o associado às suas predisposições pela forma com que conduz a administração do clube; a forma com que se constituem as sociabilidades entre os associados freqüentando as áreas e ou participando dos serviços oferecidos nos clubes -.

Nessa segunda situação, apesar da busca pelo lazer indicar a forma de sociabilidade com diversos aspectos distintos de outros momentos da vida social, alguns fatores limitam a vivência social espontânea. Regras de convivência definidas pelo estatuto e também pelas normas administrativas reforçam um descontrole controlado da emoção.

A partir da construção de relações com uniões mais breves ou mais duradouras, o ambiente dos clubes sócio-recreativos se apresenta como um cenário repleto de tensões. A constituição de diferentes grupos de interesses, a disputa de forças na conquista de benefícios para o setor que freqüenta, as articulações políticas e outras formas sociabilidade são constantes.

Mesmo caracterizando a busca pela sociabilidade nos clubes como a procura por uma forma mais espontânea de convivência, motivado por aspectos não racionais, mas afetivos, ela não está isenta dos conflitos existentes em quaisquer outros ambientes e formas de sociabilidade.

Da mesma forma que nos centros urbanos onde é identificável grande diversidade de grupos sociais, como: os surfistas, os skatistas, os punks, etc., os clubes sócio-recreativos apresentam composições diversas de grupos específicos de interesses, cada qual apresentando uma disposição que permite na imagem visual a identificação específica que o diferencia dos demais. A distinção entre os grupos, às vezes, é de tal maneira significativa que a materialização de seus

valores enquanto alvo de ambição pelos membros do grupo que gera intolerância aos exteriores, provocando até mesmo confrontos corporais (COUTINHO, 2006).

A identificação mais acentuada na constituição dos grupos nos clubes sócio-recreativos é o fator motivacional que aproximou às pessoas o que é vislumbrado a partir das vivências nas atividades, assim tem-se o grupo dos peladeiros, dos bochófilos, dos sinuqueiros, dos sauneiros, dos truqueiros, dos tenistas, do bolão e outros.

Com a intenção de permitir uma compreensão da sociedade moderna, onde o indivíduo se dilui em sujeito coletivo, MAFFESOLI (2006) apresenta a categoria tribalismo ou neo-tribalismo como novo paradigma da sociedade.

Nas observações sobre as tribos urbanas MAFFESOLI (2006) propõe que as pessoas estabelecem os contatos de convivência desprezando a predominância de aspectos formais de organização social, sendo que a aproximação se consolida pela emoção, levando em consideração o fato das pessoas estarem juntas, de assimilar as experiências desse contato, não dão conta de responder algumas situações existentes nos clubes sócio-recreativos, pela própria constituição da forma de sociabilidade existente nesse espaço - o indivíduo precisa se associar, isto é, se submeter a uma série de procedimentos formais - e - pelas inúmeras formalizações existentes entre os próprios associados, organizando clubes dentro dos próprios clubes -. A existência de vários grupos internos que se consolidam formalmente com estatuto, eleições para diretoria, cobrança de taxas mensais, realização de atividades marginais às propostas pela instituição e outras ações não é incomum, isto denota certa necessidade do indivíduo fortalecer a constituição da coletividade.

Esse formato organizacional de determinados grupos contribui também para que as sociabilidades vividas nos clube não sejam efêmeras. Apesar da situação efêmera da constituição de alguns grupos, pode-se dizer que não é da mesma forma a densidade na qual ela é vivenciada. Existe um engajamento por parte do indivíduo de tal forma que, às vezes, ele é capaz de colocar a disposição do grupo sua própria integridade física, moral ou psicológico devido seu forte envolvimento emocional (MAFFESOLI, 2006).

Um exemplo está na organização dos torcedores de futebol, pode-se dizer que essa aliança construída não assegura que as amizades estabelecidas no

grupo tenham continuidade, isso porque não existe um motivo mais sólido que exprime um objetivo. Essas configurações são pontuais, criadas a partir de rede de amizades que cumpre o papel desejado no momento (MAFFESOLI, 2006).

A pouca ou quase nula extensão da duração dos laços de amizades estabelecidos nas tribos é confirmada por FEATHERSTONE (1997) quando ele sustenta a idéia de que essas coletividades são instituídas pelos aspectos afetivos do sentimento de pertencimento de forma transitória.

Isto perde densidade conforme a periodicidade com que as atividades são realizadas, quanto menor regularidade maior a possibilidade dos vínculos afetivos serem efêmeros e transitórios. As sociabilidades constituídas nos bailes, cuja realização tem um período de intervalo com variação mínima de pelo menos um mês entre dois eventos desta natureza, denotam claramente esta situação pontual. Dessa forma é possível afirmar que o que favorece a constituição de vínculos afetivos mais duradouros ou até que se expandem além da prática no clube é a periodicidade.

A composição desses grupos, diferentemente das relações de parentesco, é movida pela possibilidade em dispor de uma experiência coletiva. Da necessidade do indivíduo sentir-se familiarizado com o contexto (local, pessoas, atividade) sedimentado por um forte sentimento de pertencimento (MAFFESOLI, 2006).

Entrar no grupo é conseqüência de uma atração. Apesar do contexto apresentar determinadas configurações, cada um procura e busca entrar no grupo levado por motivos e circunstâncias muito particulares. O que fixa a relação são as similaridades enquanto práticas de interesse, gostos e valores atribuídos (MAFFESOLI, 2006).

Essa manifestação coletiva de viver é considerada por MAFFESOLI (2006) como ética da estética. Há uma transposição dos valores racionais das sociedades modernas para viver em comum, um ambiente dominado pelo afeto, pela emoção.

A proposta de MAFFESOLI (2005) quanto ao entendimento de ética da estética está relacionado este primeiro com a forma mais simples do significado de estética e ele estabelece a ética enquanto uma atitude moral adotada

espontaneamente para fazer parte do grupo. A ética da estética faz do sentir algo junto com outros um fator de socialização.

Essa compreensão é compartilhada por FEATHERSTONE (1997), pois o que vale nessa perspectiva não são projetos racionais futuros com base em projetos de vida, mas a experiência afetiva e estética do presente. Afetos momentâneos são os fatores determinantes no modo como o indivíduo se situa no mundo.

O reconhecimento dos grupos acontece pela imagem e se traduz como uma linguagem que favorece a identificação dos sujeitos, a forma de se vestir, os modos de vida, os comportamentos de consumo adotados na sociedade e outras formas de expressão partilhada. A partir de um narcisismo coletivo as pessoas deixam de ser anônimas para serem reconhecidas (MAFFESOLI, 2005).

Cada grupo apresenta características que o diferenciam do restante das pessoas, os aspectos podem ser a partir de estilos musicais, da prática ou dos gostos esportivos, das roupas utilizadas e de outras formas. Outra característica bem evidente é a linguagem utilizada, os termos e as expressões criados ou adotados, mesmo que sejam gírias ou termos técnicos, muitas vezes, não são reconhecidos por quem é externo ao grupo.

O desconhecimento das distinções reconhecidas pelos grupos constituintes nos setores como trajes reconhecidos para a prática (tênis de campo com roupas predominantemente brancas), ainda no exemplo desta modalidade a conduta durante o jogo, mais especificamente, a necessidade de silêncio para não atrapalhar a partida das quadras ao lado, denuncia quem não pertence ao grupo, sendo estes denominados de turistas pelos associados.

Dessa forma os diversos grupos se constituem em estruturas reforçadoras dessas imagens, onde o agrupamento é aproximado pelos mesmos interesses, impulsionados por essa lógica da ética da estética que marca os limites intangíveis e tangíveis, distinguindo a identidade dos sujeitos do grupo.

O deslocamento do indivíduo e suas características pessoais para o grupo altera a lógica da identidade que é individual para a que é coletiva. Mais específico no segundo caso, identificação está relacionada à imagem que cada um percebe de si em relação ao outro (COUTINHO, 2006).

Isso é reforçado pelos associados que freqüentam quase que diariamente o clube, independente do setor ou atividade de preferência. Há uma identificação que o distingue daqueles que comparecem ao clube geralmente em temporadas de verão, estes são denominados de aventureiros, ou seja, existem eles e nós.

O pertencimento a um grupo deixa algumas situações contraditórias bem evidentes. Existe um sentimento de orgulho por ser diferente dos outros, porém existe o prazer de ser igual aos do seu grupo. Essa distinção, muitas vezes, influencia na relação de consumo, de tal forma que os objetos e ou serviços passam a ser cobiçados, já que a apropriação desses é essencial para definir se o indivíduo é pertencente à tribo (COUTINHO, 2006).

Existe uma preocupação sobre a questão da identidade, seja dos indivíduos pertencentes aos grupos ou dos próprios grupos sociais. No caso dos indivíduos o pertencimento a uma determinada estrutura constituída pelo agrupamento de interesses torna-se um problema quando a pessoa perde a referência da própria identidade. Da mesma forma os grupos quando os seus referenciais, seus valores ficam desordenados com os valores morais e éticos da sociedade que pertence (BURITY, 2001).

Mais especificamente a preocupação está relacionada às práticas implicadas em racismo, posicionamento de intolerância quanto aos diferentes e outros comportamentos. Grupos como os *skinheads* ou carecas que são jovens simpatizantes do nazismo com posturas intolerantes com minorias, introduzindo, muitas vezes, à força idéias racistas de combate a negros, judeus, homossexuais e nordestinos é um bom exemplo dessa situação. Mas em outras proporções, não menos relevante, a disputa de interesses dentro dos clubes sócio-recreativos pelos diferentes grupos, provocada por diversos fatores, deve ser vista com certa atenção. Dentre eles, a articulação política junto à diretoria para que sejam direcionados investimentos ao setor freqüentado, também a criação de normas inibindo a participação de pessoas não pertencentes ao grupo como os associados novos e outras formas de controle. Geralmente esses grupos minoritários pela sua articulação e organização contam com atenção a reivindicações que nem sempre são de interesse da maioria.

Mesmo sendo comum nos clubes sócio-recreativos encontrar associados que freqüentam somente um determinado setor e ou atividade, as formas de

identificação das pessoas a partir de suas vivências nos grupos assumem formas de múltiplo pertencimento, ou seja, os indivíduos podem pertencer a diversos grupos de interesses. Essas constituições contribuem para a construção de redes sociais de relacionamento no campo do associativismo, como a de movimentos sociais ou a de participação em grupos de alcance restrito²⁹.

Esta situação de pertencimento a múltiplos grupos minimiza as possibilidades de um olhar restrito sobre as outras áreas e ou outros grupos. Com uma visão melhor articulada sobre a vida do clube existe a possibilidade do associado analisar de forma mais relacional as reivindicações de seu setor.

Mesmo não havendo a formalização burocrática de associação em determinados grupos de interesses esse estágio do processo de agrupamento social estabelece alguns pontos em comum como pertencer a um lugar específico, estabelecer uma territorialidade e vínculos sociais em um determinado universo simbólico, construir bases identitárias, inventar rituais, narcisismo de pequenas diferenças, ou seja, um individualismo de pequenos grupos ou tribos.³⁰

A estrutura geral e as posições dos atores nessas redes moldam as suas ações e estratégias, constringendo inclusive as alianças e confrontos possíveis. Ajudam a construir as preferências, os projetos e as visões de mundo, já que esses "bens imateriais" também circulam e se encontram nas redes e dão acesso diferenciado a recursos de poder dos mais variados tipos que, em inúmeros casos, são veiculados pelas redes - desde *status* e prestígio até recursos mais facilmente mensuráveis, como dinheiro e informação -.³¹

²⁹ BURITY, J. A. **Globalização e identidade**: desafios do multiculturalismo. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/tpd/107.html>, acessado em 20/11/2006.

³⁰ BURITY, J. A. **Globalização e identidade**: desafios do multiculturalismo Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/tpd/107.html>, acessado em 20/11/2006.

³¹ BURITY, J. A. **Globalização e identidade**: desafios do multiculturalismo Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/tpd/107.html>, acessado em 20/11/2006.

CAPÍTULO 3. AS REPRESENTAÇÕES NOS CLUBES SÓCIO-RECREATIVOS

A discussão aqui apresentada é resultado das análises do cotidiano dos associados de clubes visitados a partir de entrevistas com funcionários, dirigentes e associados, acompanhamento da participação dos associados nas atividades desenvolvidas nos clubes, questionários, leitura de documentos institucionais e outras fontes de consulta.

Foram realizadas visitas e coletados dados em 4 clubes localizados na cidade de Curitiba/Pr e ou Região Metropolitana. Os clubes pesquisados foram identificados pelas letras A, B, C e D, da mesma forma os sujeitos entrevistados ou que preencheram os questionários por números correlacionados à letra do respectivo clube. As entrevistas ou respostas dos questionários apresentados receberam os códigos alfanuméricos: 1A, 2A, 1B, 2B e assim por diante. Para melhor reconhecimento dos atores sociais foram incluídas as letras: D, T e A para identificar o Diretor, o Técnico e o Associado, respectivamente.

O **Clube A** está localizado em um bairro na zona oeste de Curitiba, com 23.119 habitantes³², conforme dados do censo de 2000. Atualmente o clube conta com um número aproximado de 1.600 associados titulares³³ e estima-se um número de 4.200 computados os dependentes. Possui uma área de 87.500 metros quadrados, proporcionando aos seus associados piscinas, canchas de futebol de areia e de futebol suíço, ginásio poliesportivo, um pavilhão para a prática do bolão, quadras de tênis, sala de ginástica e musculação. Também oferece saunas secas e duas úmidas, sala de jogos, churrasqueiras, pista de *skate*, *playground* e dispõe de salão de eventos para bailes, casamentos, formaturas e outros eventos.

Disponibiliza atendimentos de Fisioterapia e Psicologia para os associados. Inaugurou recentemente um espaço para convivência com um conjunto de possibilidades de ocupação com bar, sala de TV, telão para *clips*, *Lan house*, Clube de Xadrez e Salão de Sinuca, à disposição do associado; este local apresenta um novo conceito para o sócio, tendo em vista o objetivo pelo qual foi

³² Disponível em <http://www.ippuc.org.br/>. Acesso 19 de fevereiro de 2007.

³³ Informações fornecidas pelo diretor do clube que respondeu o questionário, identificado como sujeito 1A.

concebido - dispor de um local para a confraternização, para o estar junto -, sem que necessariamente o freqüentador tenha que participar de alguma atividade. Este espaço merece destaque, pois dentre os clubes pesquisados é o único que apresenta a preocupação com esse tipo de local de convivência. Independente dos outros clubes, também, terem à disposição espaços semelhantes, a concepção foi direcionada com outros propósitos. Mesmo as lanchonetes nos outros clubes dispõem de uma forma restrita de uso, condicionando o usuário ao consumo do alimento.

Uma característica que se destaca neste clube em relação aos demais pesquisados está na predisposição de terceirizar as atividades fins para outras empresas, como exemplo a sala de musculação com todas as suas atividades e, também, um espaço que está em reforma e será destinado às crianças.

Este clube contou por um longo período com um destaque significativo em uma de suas atividades que era oferecida aos associados e não associados, estes com participação restrita. A Gincana deste clube mobilizava enormes quantidades de pessoas, mas, conforme relato do diretor entrevistado, foi suspensa devido ao alto nível de profissionalização que estavam adquirindo as equipes e pelos problemas internos e externos ao clube que fugiam do controle dos organizadores, vale destacar como problema a condução de veículos pelas vias de Curitiba na realização de algumas provas.

Apesar dos clubes sócio-recreativos pesquisados apresentarem uma programação similar composta em grande parte por atividades esportivas e, também, cumprindo um calendário festivo dos feriados e datas nacionais como: páscoa, festa junina, dia das crianças, dia das mães, dia dos pais, natal e outras, algumas características ficam marcadas conforme a relevância que a administração atribui. No caso deste clube um fato que se sobressai na composição de sua festa junina e que sempre é exaltado diz respeito à sua fogueira que é considerada a mais alta da Região Metropolitana de Curitiba.

Outra atividade de grande destaque na instituição e que ganha dimensões além do clube são os campeonatos de futebol, visto que o nível das disputas o faz ser reconhecido pelos outros clubes sócio-recreativos.

É comum encontrar associados cujo hábito de freqüentar o clube tem sido passado de geração a geração, existem casos que estão na quarta geração da família.

Dentro da constituição dos tipos de associados, este clube oferece a possibilidade de ingressar no clube e gozar dos serviços e espaços físicos sem a necessidade de comprar um título, situação que tem sido debatida por outros clubes como alternativa para atrair novos associados.

Diferente dos demais clubes visitados, a diretoria constituiu o Conselho de Ética e Disciplina, com a participação de 6 (seis) associados, responsável para tratar de assuntos disciplinares. Nos outros clubes pesquisados estes assuntos são tratados pela Diretoria Executiva e pelo Diretor de Segurança.

Os sujeitos pesquisados estão distribuídos em números de 1A até 14A, sendo o sujeito 1A o diretor do clube e os demais associados.

O **Clube B** está localizado em um bairro central da Cidade de Curitiba/Pr, a 3.104 metros do marco zero, no lado norte da cidade. O bairro caracteriza-se pela influência de imigrantes italianos e alemães. No censo de 2000 foi levantado um número de 11.148 habitantes³⁴. Apesar do bairro ser localizado em uma região aparentemente composta por famílias com poder sócio-econômico privilegiado, em virtude da localização e também da aparência das residências, o clube pela precariedade de suas instalações e equipamentos, destoia. O número de associados titulares está próximo de 1.000, com uma estimativa de 3.000 considerando os dependentes³⁵. Possui uma área de 26.142 m² com sala de jogos (bilhar e truco), campos de futebol de grama e areia, quadra de tênis, parque aquático, academia de musculação, lanchonete, salões de festas, pista de *cooper*, churrasqueiras, cancha de punhobol, sauna, biblioteca, ginásio de esportes, salão de beleza, clínica de fisioterapia e estética, massagens. Também dispõe de espaços para aulas de música, dança de salão e jazz.

Devido à negociação que o clube fez com uma de suas sedes, com empresa do ramo da construção civil - a Sede da Alberto Folloni como forma de pagamento -, a outra sede chamada ainda de Sede Campestre receberá em forma de permuta um investimento aproximado de R\$ 2.000.000. Foram

³⁴ Disponível em <http://www.ippuc.org.br/>. Acesso 19 de fevereiro de 2007.

³⁵ Informações fornecidas pelo funcionário do clube, identificado como sujeito 2B.

construídas três piscinas aquecidas, sendo uma semi-olímpica, outra infantil e uma para a prática de hidroginástica. No projeto está prevista a construção de um salão para festas com capacidade para 800 pessoas sentadas com palco e salão vip, um novo pavilhão de bolão e sala de jogos. Este investimento irá revitalizar o clube, visto que seu salão de festas é pequeno, antigo e carece de reforma e de ampliação da oferta de atividades aos associados.

Um aspecto interessante neste clube está relacionado à atividade de maior frequência, visto que diariamente apresenta uma constância pequena até próximo às 18 horas quando começam a chegar os adeptos do futebol. Como a instituição dispõe somente de dois campos para a prática de futebol suíço, sendo um de areia e outro de grama, os dias da semana são distribuídos por idade e ou habilidade. Neste ponto surgiu uma característica distinta dos demais e que merece destaque - em um determinado dia da semana existe o dia do “bola murcha” que é reservado para as pessoas com maior idade e ou com menor habilidade -; a constituição deste grupo é levada a sério de tal forma que quando algum associado já identificado como freqüentador dos outros dias, pela condição técnica ou idade, comparece no local neste dia o grupo não permite que ele participe da atividade.

A sociabilidade iniciada com a partida de futebol prossegue após o horário e termina no restaurante do clube, onde os grupos se organizam para a preparação de jantares ou simplesmente para conversar degustando os produtos da lanchonete.

Outra particularidade deste clube em relação aos demais é a forma como dispõe o espaço e o horário para a prática do bolão – atividade semelhante ao boliche -. O pavilhão de bolão é reservado para a utilização de grupos determinados, restando somente o domingo pela manhã para a utilização de quem não está associado a algum grupo. Apesar de haver um estímulo para novos componentes ingressarem nos grupos, essa concessão está vinculada a critérios que autorizam um não iniciado a fazer parte do grupo, como por exemplo a condição técnica.

Situações como esta são também recorrentes em outros clubes. O clube D dispõe de um grupo restrito que se constituiu ao longo dos anos na prática do

futebol e, devido à influência política na instituição, tem horário e dia com campo reservado.

A constituição desses grupos nos clubes sócio-recreativos denota, além de uma maior proximidade e formalização entre seus parceiros, uma privatização do uso público do espaço. Tal atitude é prejudicial à instituição tendo em vista que, a princípio, não está sendo respeitado o direito de igualdade estabelecido pelos estatutos e, ainda, a condição que uniformiza os direitos - o pagamento das taxas -.

Classificar a utilização de determinados espaços com públicos específicos, conforme idade e sexo pode ser uma forma administrativa encontrada de distribuir o tempo e locais disponíveis da estrutura física, garantindo o direito de participação. Entretanto, formalizar o privilégio a grupos específicos reduz a possibilidade desses espaços se constituírem em democráticos.

A constituição de grupos específicos não é de exclusividade das modalidades esportivas. A sauna pode ser considerada um excelente espaço para convivência devido à condição que a mesma oferece para passar o tempo, favorecendo o “não fazer nada”; esta disposição remete a uma percepção do tempo diferente do influenciado pelo trabalho. Agregados a outras estruturas como bar, sala de jogos e televisão esses ambientes tornam-se o ponto de encontro para um bate-papo descontraído e com isso, também, surgem diversos grupos que ampliam sua sociabilidade para outros momentos e ou recintos com programações festivas.

Como os demais clubes este também oferece serviços que ultrapassam o foco principal desses equipamentos específicos de lazer, como aulas de idioma, tratamento de estética e fisioterapia.

A freqüência do público masculino neste clube, bem como nos demais clubes visitados é consideravelmente maior do que o feminino. Um aspecto que contribui para esse comportamento está relacionado à oferta das atividades; a participação maciça dos homens nos esportes é incontestável, seja no basquetebol, no truco, no futebol de salão, na sauna, na musculação. As atividades que apresentam um número visivelmente mais expressivo de mulheres são a hidroginástica, as aulas de ginástica, dança e outras.

Os sujeitos pesquisados estão distribuídos em números de 1B até 14B, sendo o 1B o presidente do clube, 2B e 3B funcionários e os demais associados.

O **Clube C** está localizado na região noroeste da cidade de Curitiba e apresentou no censo de 2000 um número de 23.106 habitantes³⁶. Colonizado por imigrantes franceses, alemães, italianos, suíços, suecos e ingleses, seu desenvolvimento está ligado ao tráfego em direção à estrada da Graciosa³⁷. O clube que foi fundado por alemães e conta com uma área de 100.000 m², tem em torno de 3.000 associados titulares e estimando o número de dependentes chega a um número total de 12.000. Disponibiliza aos associados quadras de tênis de campo, campos de futebol e punhobol, ginásio poliesportivo, churrasqueiras, academia de musculação, piscinas, sala de jogos, sauna, salão para bailes, formaturas e outros eventos sociais. Mantém, também, um grupo folclórico alemão preservando alguns traços da cultura dos imigrantes que fundaram o clube.

A atividade que apresenta grande destaque é o punhobol, modalidade de origem alemã, que conta com uma estrutura física privilegiada para sua prática na instituição. Sua participação no cenário nacional é alvo de orgulho dos associados mais antigos.

Os sujeitos pesquisados estão identificados pelo código alfanumérico 1C até 8C, sendo o 1C o diretor do clube, 2C e 3C funcionários e os demais associados.

Neste clube aparece uma situação que demonstra a relação de interdependência entre a diretoria e os associados; para resolver um problema de ordem administrativa que era o corte de um conjunto de árvores, devido a alguns problemas técnicos a diretoria apresentou aos associados uma justificativa para o trabalho a ser realizado conjuntamente com um plano de reestruturação.

Em entrevista com os sócios deste clube foi exaltada, por diversas pessoas, a satisfação que tinham em ir ao clube e contar com a paisagem e as sombras das árvores.

O **Clube D** está localizado na região metropolitana de Curitiba/Pr, mais especificamente em Colombo. No início havia poucas casas no entorno, com o

³⁶ Disponível em <http://www.ippuc.org.br/>. Acesso 19 de fevereiro de 2007.

³⁷ Disponível em <http://www.ippuc.org.br/>. Acesso 19 de fevereiro de 2007.

crescimento urbano diversas áreas próximas foram invadidas. Ocupa uma área de 1.731.600 metros quadrados. Atualmente possui um número aproximado de 8.000 associado titulares e estima-se um número de 25.000 sócios, incluindo os dependentes. Disponibiliza quadras de tênis, campos de futebol suíço, campo de golfe, pavilhão de bocha, sala de jogos, com sinuca e tênis de mesa, estandes de tiro, saunas feminina e masculina, piscinas, ginásios poliesportivo, quadras de *squash*, parque Infantil, sala de karatê, musculação e ginástica, grupo escoteiro, churrasqueiras, salões para atividades sociais.

Destaca-se entre os demais clubes visitados pelo volume de serviços oferecidos e, também, pela estrutura física construída e área verde, contando ainda com alguma mata nativa. Sua primeira constituição dispunha de 18 alqueires e hoje conta com 74 alqueires, a diretoria afirma que ele é considerado o maior clube sócio-recreativo da América Latina.

Apesar de ser o clube mais distante da cidade de Curitiba, sua frequência diária é grande e os espaços para a prática das diversas atividades são todos tomados. É comum aos finais de semana a frequência da família com programação para permanecer no clube durante todo o dia, para tal a instituição criou diversos serviços de apoio que foram pioneiros na Região Metropolitana de Curitiba, como brinquedoteca, ludoteca e babyteca. Estes espaços destinados às crianças tinham como objetivo principal oferecer atendimento às crianças de 01 a 14 anos com jogos e brincadeiras, enquanto seus pais participavam dos programas oferecidos pelo clube.

Devido ao volume de associados é comum a realização de grandes eventos, dentre os quais se destacam a Festa Junina com um público aproximado de 10.000 pessoas. Neste evento também havia uma fogueira considerada a maior da região construída com suporte natural. Em virtude da associação da imagem da instituição com questões ecológicas, a mesma não foi mais construída.

Também possui um grupo folclórico, o CTG – Centro de Tradições Gauchescas, com uma diretoria específica subordinada à diretoria do clube, desenvolve atividades de gastronomia, dança e outras relacionadas com essa cultura. Apesar de contar com ações específicas como a participação em campeonatos regionais, estaduais e nacionais, também atende o associado em

geral com almoços característicos da culinária gaúcha e com apresentações nos eventos.

Os sujeitos pesquisados estão identificados pelo código alfanumérico 1D até 16D, sendo 1D o presidente do clube, 2D e 4D funcionários e os demais associados.

Todos os clubes pesquisados oferecem aos seus associados, além da infra-estrutura construída, vários serviços como campeonatos, festivais esportivos, olimpíadas, festas temáticas como: junina, da páscoa, das crianças, de natal, festividades do dia dos pais, do dia das mães e outros. Também são oferecidos cursos esportivos diversos, bailes, etc.

Apesar da carência aparente de manutenção em alguns setores dos clubes visitados, todos estavam realizando pequenas obras de manutenção. Os clubes que apresentaram melhores condições em suas estruturas físicas no aspecto aparência foram os C e D.

Encontram-se, também, à disposição dos associados dos 4 clubes visitados algumas estruturas de apoio como lanchonetes e restaurantes, berçários, departamentos médicos e estacionamentos.

Foram realizadas entrevistas, conforme anexo 1, com os sujeitos 1B, 7B e 2D. Os demais optaram por responder ao questionário na presença do pesquisador, excetuando-se os sujeitos 1C, 4C a 12C e 8B.

Algumas questões respondidas somente pela afirmativa sim ou não reduziram as possibilidades de análise e apesar da variação do número de sujeitos pesquisados, o tamanho da amostra não alterou os resultados, tendo em vista a saturação dos dados devido à repetição das respostas.

A inserção do pesquisador em um clube permitiu, também, melhor contato com o meio, e, assim, fazer anotações de situações corriqueiras da vida associativa das pessoas, bem como conversas informais com associados, diretores e funcionários que enriquecessem a fonte de dados para o exame criterioso das informações que se seguem. Alicerçado por alguns referenciais teóricos foi permitida uma visão mais articulada do clube e da vida associativa, favorecendo um olhar que ultrapassasse as idéias construídas durante o envolvimento pessoal e profissional do autor com os clubes.

Discutir a compreensão do tempo e sua interferência no comportamento das pessoas, em específico, no tempo livre com práticas economicamente improdutivas, propiciou um alerta sobre alguns aspectos extremamente relevantes na disposição das pessoas quando participam das atividades e ou serviços oferecidos.

Fato como a participação em eventos, mais especificamente aqueles com característica de disputa - que geralmente são esportivos e nos quais existe uma premiação pela conquista de algum resultado da participação -, influencia o condicionamento da pessoa em manter um controle focado no resultado. Isto porque direciona a preocupação do participante para o produto a ser alcançado, inibindo o “degustar” de cada instante, como realmente se estivesse saboreando cada segundo da vivência. Essa situação é confirmada pela observação da constante reivindicação à diretoria ou aos técnicos de melhoria dos prêmios ou até de ampliação das categorias premiadas nas atividades esportivas. Discussões sobre a necessidade de receber troféus a cada etapa participada, solicitações de outros tipos de premiações, além de medalhas e troféus são comuns aos participantes mais assíduos.

Esse fator de significativa relevância considerando o espaço-tempo em que são vivenciadas as práticas de lazer, provocado na existência de premiação, tem efeito na percepção em relação ao tempo. Ela atua como instrumento de (re)significação da própria ação do ser humano condicionando predisposições.

Quando se almeja o resultado ou uma meta a ser alcançada, ao contrário de se lançar no desafio ou à atividade sem a preocupação com o que será conquistado, não é possível ou é mais difícil se concentrar no momento. Todo instante é acusado a preocupação de verificar como está a “meta”³⁸ (MAFFESOLI, 2006).

As formas de recompensas são diversas como quadros expositivos dos destaques, fotos em meios de comunicação da instituição, certificados distinguidos e até mesmo prêmios em dinheiro.

Muitas vezes a Diretoria cede ao pedido dos associados. Nesse aspecto a posição tomada pela diretoria em relação a atender a algumas questões de

³⁸ Destaque do autor.

solicitações de associados ou grupos específicos pode ser identificado pelo que ELIAS (1998) chama de relação de interdependência, provocada pelas tensões estabelecidas na rede de relacionamentos do contexto existente.

Sobre isto se pode dizer que a diretoria dispõe de relativa autonomia, ela vive em uma rede de funções interdependentes que só lhe é possível ir até onde essa rede de dependência permite. A diretoria de um clube sócio-recreativo é formada e mantida em relação a outras funções (associados, funcionários, fornecedores, comunidade externa e outros componentes da rede social). No caso de atender às reivindicações dos associados torna-se mais clara a relação de interdependência entre as funções de diretoria e associados, na qual a constituição diretiva do clube é formada a partir de eleições diretas. Por isso, para entender as tomadas de decisões da diretoria, que nem sempre parecem ser as mais razoáveis, é preciso entender toda a relação de funções interdependentes que se estabelece no contexto (ELIAS, 1998).

Ainda tratando da necessidade demonstrada pelo associado pela premiação, observada pelo pesquisador durante a atividade profissional desenvolvida no clube D, é importante destacar qual o valor atribuído a esse aspecto e o quanto ele pode interferir na construção ou reprodução de referências para a prática de lazer ou outros momentos de sua vida.

A partir de relatos de associados do clube D, durante a atividade profissional do pesquisador, foi comum ouvir sobre a dificuldade encontrada em guardar medalhas e troféus em suas residências, sendo que, às vezes, algumas dessas premiações são entregues para filhos ou netos brincarem. Entretanto a cobrança pela premiação é latente pela quantidade e qualidade.

Para explicar esse comportamento ELIAS (1998) fala da necessidade das pessoas disporem de uma posição de diferenciação entre as demais, ou seja, a necessidade de receber o prêmio não está necessariamente na aquisição de um objeto, mas o valor de distinção que o mesmo lhe confere. Trata de um processo de individualização desenvolvido a partir do percurso do homem enquanto ser social, mesmo considerando as qualidades humanas a partir das características biológicas, fornecendo especificidades entre os seres humanos, à medida que aumenta o controle das forças naturais, aumentam as diferenças em seu comportamento. À medida que cresce a diferenciação das sociedades e

conseqüentemente a “individualização dos indivíduos, esse caráter diferenciado de uma pessoa em relação a todas as demais se torna algo que ocupa lugar particularmente elevado na escala social de valores” (ELIAS, 1998, p.118).

A constante busca pela diferenciação e por uma posição de destaque é o reflexo de uma sociedade que coloca o indivíduo, mesmo sem que ele perceba, em constante competição. No entanto essa característica passa a ser um componente da própria identidade do indivíduo e como outros aspectos do autocontrole ela não é um componente natural, mas construída por um processo de aprendizagem social (ELIAS, 1998).

Considerando, ainda, o exemplo das premiações atribuídas aos associados quando da participação nos eventos é possível fazer algumas amarrações - as possíveis articulações entre referenciais teóricos construídos demonstram a complexa trama existente nas ações vivenciadas dentro de um clube e, assim, como as ações desenvolvidas dentro dos mesmos desencadeiam uma série de referências, representações e significados nos modos de viver dos associados -.

Um exemplo da influência das ações da estrutura administrativa no processo de (des)educação do associado pode ser dado a partir do fato vivenciado pelo pesquisador no desenvolvimento de sua atividade profissional no clube D. Este dispunha de uma atividade mensal desenvolvida no período da tarde onde se reuniam aproximadamente 50 pessoas, durando de quatro a cinco horas. Por um bom tempo era realizada sem premiar algum vencedor que por ventura existisse, mas alguns destes associados também freqüentavam outro clube sócio-recreativo (clube A) que iniciou a mesma atividade e como fator de incentivo utilizou premiar as pessoas que dela participavam. Com isso os freqüentadores da primeira instituição iniciaram um processo de reivindicação para que também houvesse premiação.

Essas atitudes dos associados também recaem sob a influência do significado atribuído aos clubes sócio-recreativos pela sociedade em geral, o qual é carregado de idéias preconcebidas, preconceitos e valores a eles atribuídos. De um lado as pessoas que não fazem parte desse meio atribuem no seu imaginário coletivo representações que refletem os significados referentes ao seu próprio cotidiano e a relação com os clubes. Do outro os sujeitos que usufruem a oportunidade de conhecer e conviver “dentro dos muros” dos clubes, constroem

representações com referência à sua vivência, influenciada pelo referencial adquirido na sociedade em geral.

Independente da posição ocupada pelo sujeito, em relação aos clubes, as representações construídas na sociedade sobre essas organizações conduzem a diversos anseios a serem encontrados e supridos na vida associativa do clube.

Dessa forma existe um aspecto muito peculiar no que diz respeito à intenção das pessoas, elas acreditam que nesse espaço os serviços oferecidos vão dar condições para que sejam alcançados alguns objetivos que permitam aos mesmos conquistar a tão desejada felicidade, seja por meio de práticas compensatórias, recuperação dos desgastes físicos, morais ou psicológicos do trabalho; busca pela estética para satisfazer contornos corporais idealizados pela indústria do consumo; para contar com uma posição de destaque em vários meios sociais por pertencer a uma estrutura conhecida no senso comum como elite, ou, ainda, por uma visão romântica acreditando que é nesse espaço que estão as oportunidades do “paraíso”, onde algumas de suas frustrações, sonhos e desejos podem ser encontrados e realizados.

Nessa direção as pesquisas e entrevistas com os técnicos dos clubes, os dirigentes e os associados se complementam, ao apontarem algumas evidências de que é atribuída ao clube uma parcela de responsabilidade na construção de hábitos e comportamentos sociais. Menções ao clube como espaço que tem como função contribuir para a formação e educação da família, permitir que as crianças cresçam em um local sadio longe de drogas e marginalidade, relaxar do estresse do dia-a-dia, moldar o indivíduo para um convívio social, favorecer uma familiaridade, denotam, de forma geral, uma tendência a uma visão funcionalista do clube.

O material de investigação construído teve a intenção de possibilitar a compreensão da representação que tem os clubes sócio-recreativos para os entrevistados a partir de sua percepção para com o significado atribuído aos clubes e a relação com a vida deles.

As respostas dos questionários e entrevistas convergiram para alguns pontos de forma bem recorrentes, mesmo em questões diferentes apareceram alguns comentários que complementavam ou confirmavam essa recorrência. E para tratar das análises sobre o material coletado optou-se por dividir os mesmos

em temas, apresentando relatos sobre cada assunto para representar o ponto enunciado.

Para analisar os dados obtidos foram adotados os seguintes procedimentos: após as entrevistas foram transcritas as gravações e organizados os relatos dos questionários, foram revistos os objetivos e questões teóricas discutidas no estudo. Terminada esta etapa foram mapeados os discursos, conforme os temas emergentes. Esses agrupamentos permitem a apreensão dos significados, a associação de idéias e a captação da variedade de pensamentos sobre os clubes sócio-recreativos.

Finalizando, foram confrontados os significados apreendidos a partir da fala dos sujeitos entrevistados com as experiências cotidianas. Nesta etapa, foi levada em conta a atribuição de significados em relação às práticas no contexto dos clubes.

Dessa forma foram constituídos quatro temas distintos, mas interligados. A divisão didática para fins de descrição não tem intenção de hierarquizar os assuntos por relevância. A riqueza do significado presente no senso comum traz à tona o sentimento, a emoção, o entendimento e o sentido que os sujeitos sociais dão à sua realidade.

O primeiro tema foi denominado **compensatório** e as frases de maior associação foram: “baixar o nível de estresse, antiestresse, diminuir o estresse, tende a baixar o estresse, extravasar o estresse, recuperação mental e corporal, aliviar a tensão, estresse do dia-a-dia, espaço para extravasar o estresse, sem estresse.”

Tem-se nessa situação a representação de que o clube é um lugar para que as frustrações, os desgastes físicos e emocionais sejam recuperados. A busca por esse equilíbrio mais evidente sob aspecto físico também é ressaltada na expectativa da instituição oferecer complementação de uma boa educação para as crianças.

O segundo tema foi denominado **romântico-paternalista** e as frases de maior combinação foram: “continuação da casa, faz aproximar a família, faz uma família, ambiente familiar, extensão da casa, congrega o grupo dentro de um ideal esportivo, cultural e social, melhorar o ritmo da vida, convivência em sociedade em ambiente familiar, continuação da casa, oferecer um ambiente familiar, espaço

para conviver com a família, melhorar relacionamento com a família, lazer de modo saudável, segundo lar, quintal da casa, a gente fica família, visando dar bom encaminhamento nas amizades de meu filho.”

Apesar de ser um espaço de convivência agradável, existem os conflitos. A tolerância está limitada na invasão do direito da outra pessoa. O clube não se constitui nesse espaço ideal de convívio, mesmo o contexto oferecendo condições favoráveis para que as pessoas se relacionem de forma mais harmoniosa. A associação pelo grau de parentesco eleva esta situação a uma aproximação que dá melhor conforto à pessoa, sentir-se em casa e assim com seus familiares. Apesar das diversas situações que as pessoas têm que resolver na sua rotina, há uma constituição do cenário (tempo-espaço-lúdico) que minimiza o efeito latente de discussão sobre o assunto. Nesse momento ele cede espaço para melhor fluir às sensações de prazer.

Neste aspecto é verificada também a contradição existente entre o comportamento do associado como ambiente público e privado (a casa e o clube). Apesar dos associados exaltarem o local como a continuidade da casa é visível a unilateralidade perceptiva, ou seja, isto acontece quanto é atendido as reivindicações pessoais mas não é na mesma proporção quando o associado deve preservar os espaços e materiais da instituição. É constante solicitações de associados que intencionam a prevalência de preferências individuais em detrimento das preferências coletivas.

O desabafo do Presidente do Conselho Deliberativo do Clube Curitibano, exemplifica bem a postura paternalista que o associado deseja do clube:

“É natural que os associados gerem demanda de novas realizações, de melhorias pontuais e procurem preservar situações pessoais mais benéficas em detrimento da coletividade. É neste momento que temos que parar e pensar se, financeiramente, o Clube suporta atender um rol interminável de realizações e aspirações pessoais dos associados, conjugado com a estagnação de suas receitas. (Revista do Clube Curitibano, n. 133, maio/2007)”

O terceiro tema foi denominado **pragmático** e as frases de maior associação foram: “parque que paga, atender a necessidade dos sócios, economicamente viável, dispõe de serviços mais baratos, próximo de casa, diversidade de opções em um mesmo local, baixo custo, várias atividades em um

só local, espaço para encontrar várias atividades esportivas, qualidade na estrutura com preço competitivo, ambiente para sair da rotina, bom relacionamento para reciprocidade nos negócios, melhorar o condicionamento físico, evitar vida sedentária.”

Essa é uma característica mais preeminente em novos associados, onde a tomada de decisão por um clube sócio-recreativo tem sido avaliada por outros aspectos além da relação afetiva com a instituição, mais comum em gerações que cresceram no clube e após completarem a idade limite para continuar dependente, adquirem o título. Aspectos como qualidade e variedade dos serviços oferecidos, custo-benefício, distância em relação à residência são pontos fundamentais no critério estabelecido para se associar.

Uma palavra que apareceu com bastante destaque e merece maior atenção está relacionada com a questão de segurança. A recorrência desse assunto nas diversas questões denota uma preocupação latente com a preservação da integridade pessoal e indica uma falta de confiança na administração pública.

Com uma análise que ultrapassa a dimensão dos clubes sócio-recreativos sobre a preocupação com a segurança, demonstra um comportamento da sociedade em buscar soluções privadas que garantam maior sensação de segurança. Dentre essas alternativas está a constituição da forma de moradia, com o crescente número de condomínios residenciais fechados. Em Curitiba, movimentos de moradores tem se articulado no sentido de fechar as ruas e torná-las restritas aos moradores, como o caso do Condomínio Mirante da Serra localizado no bairro Uberaba³⁹.

Da mesma forma que o condomínio residencial, os clubes sócio-recreativos são uma forma de auto-segregação onde um determinado grupo social, de modo voluntário, se agrupa em determinada área.

Esse tipo de indicativo é um fenômeno que deve ser mais bem visto pelas autoridades públicas e também pelos cidadãos, pois à medida que aumenta a segregação, maior serão os problemas sociais. À proporção que as pessoas

³⁹ Condomínio residencial fechado constituído a partir da mobilização dos moradores de um região do bairro Uberaba, no qual foram fechadas algumas ruas de acesso e também colocado portaria nas entradas principais.

encontram um desfecho para seu problema de segurança menor será a manifestação popular em busca de soluções. Essas soluções privativas de segurança poderão ser insuficientes ao longo dos anos, considerando a ausência da população nas discussões em torno do assunto e aumento da violência, decorrente dessa ausência.

Uma frase que marcou mais este aspecto foi a entrevista com o sujeito 5AC - casado, com 49 anos, aposentado -, quando o mesmo afirmou que o “clube é uma ilha”, ele é “diferenciado, equilibrado socialmente”, ressaltando a distinção que ele faz do ambiente que frequenta com o resto da sociedade. O mesmo explicou que os problemas existentes na sociedade não fazem parte do clube, mais especificamente no quesito segurança; ele se sente seguro, sabe que “seu carro está no estacionamento”. Apesar de entender que o clube é um lugar para fazer novas amizades afirmou que “tem que ser um lugar para um número de pessoas restrito, tem que ter controle para a entrada de novos associados”.

O controle a que este sujeito se refere não está relacionado com a quantidade de pessoas, mas com o seu julgamento de qualidade, onde os novos associados devem “ser apresentados por associados para ter um aval à pessoa”.

O quarto tema foi denominado **sociabilidade** consiste na busca pela construção e ou manutenção de laços afetivos com outras pessoas e as frases de maior associação foram: “interação com pessoas amigas, confraternização com amigos, local para se cultivar amizades, criar círculo de amizades, estabelecer condições de convívio social, aprendeu viver em grupo, participação social na comunidade, formar o maior volume de amigos possíveis, manter círculo de amigos prospectando novos contatos sempre que possível, integrar o ser humano, entrosamento inter e intrapessoal, promover a sociabilização.”

Vários desses temas foram confirmados na entrevista concedida pelo sujeito 2TD, - homem, casado, administrador de empresas, 43 anos, desenvolve suas atividades profissionais na empresa há 22 anos - quando questionado sobre como ele define e entende qual a função de um clube sócio-recreativo, com maior evidência na visão romântica:

Eu vejo que os clubes sócio-recreativos, Ruiz, **têm um papel fundamental na educação da família** partindo do princípio que o interessado quando se associa a um clube sócio-recreativo ele

está buscando qualidade de vida, não só para ele, mas principalmente **procurando manter uma integração entre ele e seus familiares** e depois como entra já em segundo **plano a formação do cidadão** que é a relação com sua família e os associados pertencentes a esse quadro sócio-recreativos.

O clube tem o **papel na sociedade de conscientizar o cidadão para que ele possa pertencer a um grupo social**, e a pessoa quando participa de um clube sócio-recreativo ela tem a oportunidade de se integrar com várias culturas, com pessoas de vários conhecimentos, e até mesmo, assim, no que diz respeito até a parte no nível cultural dessas pessoas isso faz com **o clube desenvolva nessa pessoa uma forma dele poder se conceituar dentro da sociedade** e poder participar de uma certa forma, na vida dele, **contribuir para que ele possa se moldar dentro de um perfil ...**⁴⁰

Considerando o tema compensatório e romântico-paternalista é possível afirmar que esses significados atribuídos aos clubes sócio-recreativos são os reflexos do próprio valor funcionalista atribuído ao lazer. Essa abordagem é considerada por MARCELLINO (1990) como uma forma restrita de entender o lazer, sendo o mesmo um meio para manter o equilíbrio social como assimilador de tensões. Dessa forma a possibilidade de parar para pensar, do encontro consigo mesmo, é minimizada. Isto ficou bem caracterizado na fala do sujeito 7AB – homem de 35 anos, casado, professor de Educação Física, associado há 8 anos - quando indagado sobre a possibilidade do clube influenciar em seu estilo de vida:

... tendo a possibilidade de estar sócio de um clube, **viver, digamos assim, no dia-a-dia mais feliz, ter uma válvula de escape, digamos assim do estresse do dia-a-dia, correria e tal**, final de semana, sempre que possível durante a semana, a gente vem ao clube, justamente para poder ter esses momentos que em casa não teria, então **com certeza influenciou no estilo de vida fazendo com que a gente fique mais feliz menos estressado ...**⁴¹

Esta visão compensatória também foi confirmada pelo sujeito 1DC - 57 anos, casado, aposentado e diretor do clube há 5 anos -, onde ele faz uma crítica em relação a este comportamento, quando indagado sobre a definição que ele faz dos clubes sócio-recreativos:

⁴⁰ Destaque do autor.

⁴¹ Destaque do autor

Deveria ser extensão da nossa casa. No entanto **o estresse da vida tem transposto os portões** e o clube muitas vezes acaba sendo o **depósito de ansiedades e coisas mal resolvidas lá fora**, pelo fato de pagar a mensalidade o associado acha que pode “tudo”.

Apesar de ser pertinente a crítica deste sujeito, sua fala também contempla um tema destacado para análise. O fato do mesmo acreditar que o clube deva ser a extensão da casa do associado, inconscientemente autoriza que o freqüentador direcione suas frustrações no ambiente de convívio do clube. Isto porque essa relação romântica com o lar carrega consigo todas as formas de sociabilidade vivenciada na moradia, pois é neste lugar que o sujeito se libera de algumas variáveis inibidoras de sua expressão para agir de forma mais voluntária.

Outra posição manifestada pelos entrevistados e nos questionários de todas as categorias (associados, dirigentes, técnicos) com destaque diz respeito à convivência social. Dentre as diversas colocações como: “aproximar das pessoas, conviver em grupo, ampliar a rede de amizades, interação com outras pessoas, lugar para fazer amigos e outras tem uma que pode retratar essa expectativa: “o ser humano não foi feito para viver só”⁴².

A transparente necessidade identificada de convívio social pelos associados dos clubes sócio-recreativos pode ser explicada por MAFFESOLI (2006) quando afirma que existe um processo de sentimento de “ajuda mútua” que ultrapassa as dimensões da relação de boa vizinhança. Ela não está somente ou diretamente relacionada a suprir necessidades de auxílio, mas existe um sentimento de pertencimento que move essa atitude.

Outro aspecto que merece atenção é a representação social que pode ser atribuída a um clube enquanto um símbolo de *status*. Conforme a resposta do entrevistado 2TD - casado, administrador de empresas, 43 anos, desenvolve suas atividades profissionais na empresa há 22 anos -, isso poderia ser diferencial há 20 ou 30 anos passados. Atualmente pertencer a um clube está mais relacionado à busca de serviços que possam atender suas necessidades.

Já foi, **já foi no passado, quando, há cerca de duas décadas atrás**, essa associação assim de agregar algum valor entre você ser ou não associado de um clube, ela tinha algum tipo assim de

⁴² Entrevista concedida pelo sujeito 1DB, casado, 62 anos, empresário, diretor há 30 anos.

validade e até mesmo de distinção, mas hoje não existe mais esse conceito porque quem é associado de um clube **hoje, ele é associado porque de certa forma ele usa esse clube, os serviços oferecidos atendem uma necessidade dele**, e ele não vê mais como fator principal o aspecto social. ... não é o comportamento da sociedade hoje, **quem procura por clube procura porque ele precisa de um tipo de serviço**, ele quer em troca algum tipo de serviço ...⁴³

O sujeito 1DB - casado, 62 anos, empresário, diretor há 30 anos - apesar de acreditar que pertencer a um clube sócio-recreativo não oferece na atualidade um aspecto de *status*, afirma que a distinção social pode estar vinculada a pertencer a determinados clubes que apresentam uma imagem de clubes de elite, ou seja, clubes freqüentados por pessoas de classes economicamente melhores favorecidas: "... ser associado de nosso clube não por ser um clube pequeno e de bairro, talvez um clube maior como o Curitibano ou o Graciosa".

Essa alteração que sofre os significados atribuídos aos clubes, durante o longo dos anos, é influenciada pelos vários meios de comunicação, reforçada, às vezes, pela família, escola, igreja e outras instituições. Em cada "período social", época da sociedade, existe aspectos políticos, ideológicos e científicos que são disseminados pela literatura, teatro e outras formas de expressões sociais e modos de vida das pessoas que afeta o conjunto de regras de conduta consideradas como válidas (MAFFESOLI, 2005).

As idéias que podem desaparecer e reaparecer, conforme o contexto histórico-sócio-cultural do período, se apresentam de forma absoluta para qualquer tempo, lugar ou grupo de pessoas, atravessando civilizações. Ainda, podendo também, manter-se dependente e de forma relativa a pequenos grupos ou tribos (MAFFESOLI, 2005).

Dessa forma é prematuro afirmar que mesmo um clube, com uma imagem de destaque entre os demais considerando o aspecto socioeconômico, a distinção social, ou *status*, tenha sido o fator motivante preponderante para a aquisição de um título de um clube. Isto seria analisar a situação somente por uma variável, desconsiderando um conjunto de referências e o contexto do sujeito. É complexa a constituição de elementos que traduzem em referências pessoais.

⁴³ Destaque do autor

A representação não é um simples reflexo da realidade, ela é uma organização significativa. E esta significação depende, ao mesmo tempo, de fatores contingentes (as circunstâncias, como diz FRAGMENT) – natureza e limites da situação, contexto imediato, finalidade da situação – e de fatores mais globais que ultrapassam a situação em si mesma: contexto social e ideológico, lugar do indivíduo na organização social, história do indivíduo e do grupo, determinantes sociais, sistemas de valores (ABRIC, 1998, p.28).

Os clubes sócio-recreativos são instituições estabelecidas na sociedade por um longo período de existência. É comum encontrar clubes com 40, 50, 60 até 100 anos ou mais. Da mesma forma, apesar da grande evasão de associados que os clubes têm sofrido nos últimos 10 anos, provocadas por um conjunto de variáveis como: titular de 2 ou mais clubes, o associado pressionado pela sua própria situação econômica teve de optar somente por um clube, associados que normalmente não freqüentavam o clube formalizaram sua exclusão do quadro associativo, o aumento da concorrência com diversos serviços de entretenimento oferecidos por esta indústria e outros, é comum encontrar associados com mais de 10 anos no quadro associativo, sócios de duas ou mais gerações de uma família e situações nas quais o título é repassado de pai para filho.

Mesmo com a construção de novos empreendimentos de lazer, como por exemplo: parques temáticos, jogos eletrônicos, Internet, a sofisticação dos televisores e acessórios, academias, construção de condomínios residenciais com estrutura de lazer: quadras esportivas, auditórios, sauna, entre outros, aumentando a concorrência com clubes, é possível afirmar que eles estão investidos de legitimação social. Eles construíram para e de si uma auto-imagem que se enraizou num imaginário próprio e que é repassada não apenas para os seus associados, mas também para a sociedade no seu conjunto (FREITAS, 2000).

Atentando para o aspecto da representação social e a sua influência nos modos de vida da sociedade, ALEXANDRE⁴⁴, apresenta o conceito de MOSCOVICI como “uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos”, ou seja, as representações sociais construídas na sociedade, em geral sobre os

⁴⁴ ALEXANDRE, Marcos. Representação social: uma genealogia do conceito Disponível em: <http://www.facha.edu.br/publicacoes/>. Acesso em 10 de janeiro de 2007.

clubes sócio-recreativos e por vezes reforçados na própria instituição, orientam a forma com que os indivíduos se relacionam com esses ambientes.

Tratando em específico os usuários ou associados dessas instituições, as formas com que se relacionam com os conteúdos apreciados ou praticados são orientadas pelo conjunto de referências que possuem, assimilados dentro e fora dos clubes. O exemplo disso pode ser apresentado um comportamento que pode ser chamado de “profissionalização do lazer” por parte do usuário⁴⁵. Essa forma de se relacionar com sua atividade de lazer especificamente nos clubes é a condição exigida do associado para a prática de sua atividade.

Um exemplo concreto dessa disposição aparece no clube D que oferecia uma quadra esportiva para a prática de modalidades coletivas. No processo de apropriação do espaço pelos usuários surgiram algumas dificuldades de relacionamento, talvez pela falta de habilidade do convívio social na determinada situação. Com isso foram apresentadas algumas reivindicações:

- ♦ a primeira era dispor de um funcionário que pudesse organizar as equipes;
- ♦ depois de um determinado tempo era de dispor de um árbitro profissional para as partidas; e
- ♦ por final foi solicitado um segurança para acompanhar os jogos.

Dessas reivindicações só não foi atendida a contratação do segurança. Atualmente nem o árbitro profissional existe no local.

Nesse caso fica claro o processo de assimilação de conhecimento com base em referências e assim a adoção de posturas compatíveis ao mesmo. À medida que a instituição profissionalizava a atividade de lazer, os associados se comportavam como tal reproduzindo o comportamento de atletas profissionais.

Outro exemplo está relacionado à diferente postura adotada por um determinado grupo de participantes às diferentes formas de organização da mesma atividade. Da primeira à terceira forma os sistemas de controles ampliam:

- ♦ primeira situação - existe a participação coletiva nas chamadas “peladas” com a presença de um árbitro da própria instituição e não está condicionada a qualquer recompensa ou premiação;

⁴⁵ Destaque do autor.

- ♦ segunda - comumente chamado de “cumbucão”⁴⁶ com um controle maior, conta com a presença de um árbitro oficial da Federação e também com alguns critérios de controle no regulamento de participação, vinculada à oferta de premiação – geralmente medalhas;
- ♦ terceira - além de contar com a presença do árbitro da Federação Paranaense de Futebol, dispõe da presença de um segurança e resulta de um processo maior de formalização, tanto no procedimento da composição das equipes como de congresso técnicos, tabelas de jogos e outros. Apesar da estrutura ser mais burocrática, a premiação é semelhante à segunda configuração apresentada – medalhas e troféus -.

Para cada um desses eventos é visível a alteração na forma do jogo. De uma brincadeira descontraída com alguns xingamentos sem muita relevância para agressões físicas e ofensas morais.

Poderia se atribuir aos clubes a responsabilidade pelas atitudes adotadas pelos pretensiosos atletas de fim-de-semana, entretanto o conhecimento assimilado acerca de determinados objetos é preenchido de valores, motivações e normas que por sua vez pertence a um contexto maior, o da sociedade em que os mesmos vivem. Com isso fica claro o papel do clube enquanto fornecedor de condições para que haja a reprodução de significados absorvidos nas diversas instituições sociais, pois nem todo o conhecimento assimilado no clube pode ser considerado como representação social. Somente o conhecimento adquirido como parte da vida cotidiana dos indivíduos que permite ao mesmo pensar, agir sobre a sociedade está nessa situação⁴⁷.

Considerando um dos princípios filosóficos do lazer, a conquista da autonomia, pode-se afirmar que esse processo de excessiva formalização das atividades de lazer nos clubes sócio-recreativos está contribuindo para tornar o associado dependente da organização. Inibindo, dessa forma, a possibilidade do mesmo desenvolver sua capacidade de se organizar e gerir seu próprio lazer.

⁴⁶ O nome desse formato de atividades está vinculado com o sistema de sorteio das equipes e se dá através de um recipiente onde são colocados todos os nomes dos participantes e formadas as equipes.

⁴⁷ ALEXANDRE, Marcos. Representação social: uma genealogia do conceito Disponível em: <http://www.facha.edu.br/publicacoes/> Acesso em 10 de janeiro de 2007.

Essa relação de dependência não é saudável para a instituição, primeiro por questões práticas a destinação orçamentária para suprir gastos com premiações; e segundo o associado cria uma dependência da estrutura para gerir sua própria prática de lazer, reproduzindo significados e modos de vida da sociedade.

Foi investigada a influência dos clubes na aquisição ou alteração do modo de viver. As repostas foram afirmativas, a aquisição de hábitos esportivos e a convivência em grupo tiveram destaque, conforme relato do sujeito 14AA – 43 anos, casado, contador, associado há 2 anos -: ” ... passei a me interessar por esportes que antes não praticava”.

Isto é confirmado pelo sujeito 3TD – casado, 35 anos, professor, funcionário há 11 anos - quando questionado se o clube influencia de alguma forma no estilo de vida do associado, onde afirma que “... de acordo com o grupo que cada um faz parte até mesmo a forma de falar, de se vestir e até de agir é influenciável”.

Nesta afirmação fica demonstrado que a constituição de diversos grupos age como regulador de uma identidade coletiva, onde os pertencentes ou não a determinados grupos são reconhecido por alguns símbolos como gestos, roupas e formas de comportamento.

Essa afirmação pode ser confirmada no depoimento do sujeito 1DA quando o mesmo diz que “... o clube acaba mudando o seu estilo, se tornando mais esportivo, mais social emfim(sic), se adequando ao estilo das atividades”.

Apesar dos clubes sócio-recreativos se constituírem em espaço de sociabilidade, por excelência, e também favorecerem a assimilação de cultura, a partir da aquisição de novos conhecimentos com a participação nas atividades oferecidas, isso não garante que sejam fornecidos elementos relevantes para a construção de novas representações sociais ou significados no modo de vida das pessoas.

Em cada cultura existe um grande acervo de conhecimento consensual sobre coisas, eventos e fenômenos da vida diária. Os atores sabem sobre cadeiras e rodovias, desemprego e desordem mental. Nem todos esses objetos, no entanto, serão suficientemente relevantes para se chamar os conhecimentos a eles associado de representação social. Portanto, representações sociais referem-se apenas a objetos ou questões socialmente relevantes. Estes podem ser considerados relevantes se o padrão

de comportamento dos indivíduos ou grupos muda em sua presença (WAGNER, 1998, p.18).

Da mesma forma que os comportamentos são orientados pelos aspectos simbólicos construídos a partir das representações sociais, os clubes sócio-recreativos também são reflexos dessas orientações, pois as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as elaboram. As lutas de representações têm tanta importância quanto às lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os seus valores, o seu domínio⁴⁸.

Para que haja efetivamente alteração na representação social ou significado atribuído a determinado objeto é necessário que esse conhecimento adquirido mude completamente o núcleo central da representação.

“A identificação do conteúdo de uma representação não basta para o seu reconhecimento e especificação. A organização deste conteúdo é essencial: duas representações definidas por um mesmo conteúdo podem ser radicalmente diferentes, caso a organização destes elementos, portanto, sua centralidade seja diferente” (ABRIC, 1998, p.31).

Outro exemplo refere-se à própria constituição dos clubes sócio-recreativos, apesar de diferentes configurações na concepção de cada estrutura, com especificidades em relação à vida e a cultura instituída no ambiente as representações sociais responsáveis pela configuração da estrutura clubística pertencem ao mesmo núcleo central - a disposição de um espaço de lazer para a convivência em grupo -.

Esse núcleo central da representação social atribuída aos clubes sócio-recreativos foi construído mesmo antes da concepção da estrutura formal e ou da demarcação de um espaço físico para esse fim. Considerando, ainda, sua concepção um processo de longa duração é possível afirmar que a configuração de clubes que conhecemos não foi algo planejado. Eles são resultados da tensão de uma rede de funções interdependentes num processo civilizacional (ELIAS, 1998).

⁴⁸ ALEXANDRE, Marcos. **Representação social: uma genealogia do conceito** Disponível em: <http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/>. Acesso em 10 de janeiro de 2007.

As instituições surgem das tipificações dos hábitos no decorrer de uma situação social que perdura no tempo. Para eles todas as instituições são produtos históricos e implicam controle social. A partir da historicidade as instituições adquirem objetividade e passam a ser experimentadas como se possuíssem realidade própria⁴⁹.

A constituição de instituições ou estruturas específicas obedece a certa lógica social. Sob a ótica da constituição dos clubes sócio-recreativos fica a identificação de uma forma de coexistência social descaracterizada da praticidade, da utilidade, ou seja, a forma lúdica de sociabilidade. O prazer de estar junto é o fator essencial (MAFFESOLI, 2006).

O sentimento de pertencimento associado à busca por uma vida cotidiana mais hedonística manifesta, informalmente, em pequenos grupos novas maneiras de ser. Onde as caminhadas, o esporte, o bate-papo, ganham lugar especial na vida das pessoas. A passagem de uma forma para outra é o reflexo da estabilização dos grupos, surgindo assim os clubes esportivos, culturais, literários, e outros (MAFFESOLI, 2006).

Um exemplo da atualidade sobre os argumentos apresentados é visível no clube A, no princípio era uma chácara que reunia os amigos para se confraternizar e foi aos poucos ampliando a rede de relacionamentos. Os amigos traziam novos amigos de seu contato pessoal externo ao grupo de freqüentadores da chácara, para que os homens pudessem jogar futebol e passar mais tempo no local era necessário levar as esposas e filhos, ampliando ainda mais a rede de relacionamentos e sendo necessária a ampliação das atividades oferecidas, com isso o grupo resolveu constituir o clube.

A chácara denominada Sítio do Pica Pau Amarelo, local aprazível do Bairro São Braz, onde um homem idealista e apaixonado, José Pinto Ribeiro, recebia seus amigos para desfrutar suas horas de lazer, era, segundo seu pensamento, um pequeno paraíso terrestre, porém grande demais para ser desfrutado por tão poucas pessoas; daí surgiu uma idéia de transformar este recanto em um clube de campo. Assim, no dia 1o. de janeiro de 1966 foi fundado o 3 Marias Clube de Campo, que recebeu este nome em justa homenagem à sua esposa e às suas duas filhas, Maria Helena, Maria Antonieta e Maria José, respectivamente.⁵⁰

⁴⁹ ALEXANDRE, Marcos. Representação social: uma genealogia do conceito. Disponível em: <http://www.facha.edu.br/publicações/comum/>. Acesso em 10 de janeiro de 2007.

⁵⁰ Disponível em: <http://www.3marias.com.br/fundacao.html>. Acesso em 18 de fevereiro de 2007.

Outro exemplo interessante é o Clube Germânia no Rio de Janeiro, com 185 anos de atividades ininterruptas. No princípio um grupo de jovens se reunia para conversar informalmente. A constituição formal da instituição foi um processo não planejado.

No ano da graça de 1821 - relata-nos Luiz Edmundo - o Rio de Janeiro era uma cidade praticamente sem atrativos. Limitando-se a vida no centro, tendo as suas ruas nomes pitorescos como: rua do Cano (atual Sete de Setembro), rua do Ouvidor, rua do Ourives, rua Matacavalos (atual Riachuelo)... Paradoxalmente, já tinha, porém, apreciável vida noturna, pontilhada de boêmios incorrigíveis, que peregrinavam pelos bares e vielas, à luz mortiça dos lampiões. Poucos eram os alienígenas, a não ser os oriundos da chamada então Mãe-Pátria, Portugal, mormente após a chegada de D. João VI e sua corte. Mesmo assim, imigravam para o Brasil homens de outras terras, à cata de novos horizontes, propiciados pela generosa e acolhedora terra brasileira.

Havia, nessa boa e tranqüila época, um restaurante, à rua dos Ourives - atual Miguel Couto - número 109, dizem-nos os arquivos, ponto de reunião de homens vindos da Europa principalmente de terras onde viviam alemães.

Embora já integrados no nosso meio, que os assimilou, e ali se encontravam habitualmente, cavaqueando - diz-se hoje "batendo papo" - sobre a pátria distante, trocando idéias e prestando, também, culto ao mitológico Baco, representado pela loura cerveja, então importada.

Dessa habitualidade nasceu a idéia de se fundar um clube, com sede no próprio restaurante, batizado, em 20 agosto de 1821, com o nome de "Sociedade Germania".

Vinte anos depois, ou seja, em 1841, a diretoria do clube alugou uma casa à Rua Fresca n.º 130, pagando os sócios, já que a caixa - eterno problema! - não dispunha de fundos, os móveis e utensílios que a deviam guarnecer.

A sociedade crescia, integrada por brasileiros e europeus, e, no ano de 1862, D. Pedro II, Imperador do Brasil, aprovou o estatuto pelo decreto número 2.698, de 6 de setembro, com o seguinte texto, respeitada a grafia da época:

*Tudo isso está contido no artigo 1º do estatuto da Germania: "A SOCIEDADE GERMANIA, fundada nesta cidade em 20 de agosto de 1821, é uma Sociedade Civil Brasileira, de intuítos não lucrativos, sendo seus objetivos difundir e desenvolver o espírito de cordialidade entre seus associados, bem como promover reuniões culturais, recreativas e sociais e fomentar o intercâmbio cultural e social brasileiro-alemão".*⁵¹

Da mesma forma com que os clubes se constituíram de forma não planejada foi configurada a oferta de atividades desenvolvidas. Atualmente os clubes sócio-recreativos, em geral, possuem uma presença destoante da atividade esportiva em relação às demais atividades de lazer, considerando os

⁵¹ <http://www.sociedadegermania.com.br/historia.htm>. Acesso em 05 de janeiro de 2007.

interesses culturais do lazer. Isto confirma a pesquisa de BRAMANTE (1999) quando relata a predominância de uma monocultura do lazer. A rotina dos clubes sócio-recreativos é eminentemente esportiva, entretanto ao analisar a forma e objetivo da constituição dessas entidades fica claro que a atividade esportiva nem sempre foi o motivo da criação das mesmas.

Uma hipótese dessa configuração está relacionada com o fato da associação da atividade física ter assumido um papel relevante na sociedade enquanto instrumento de fortalecimento da raça, com fins eugenistas e higienistas. Reforçado ainda pela disseminação de novas modalidades esportivas, sendo propagadas pelas elites, a partir dos estudantes que voltavam da Europa, e pela característica dos profissionais que atuam nesse seguimento, o profissional de Educação Física, com seu objeto de intervenção restrito a um lazer esportivo, inibindo a possibilidade de serem desenvolvidas outras práticas como o teatro, o canto, as artes plásticas e outras manifestações.

O processo de estruturação dos clubes segue certa ordem social, resultado do próprio produto da sociedade brasileira, assim os clubes sócio-recreativos se apresentam dotados de sentido coerente para cada época. Dessa forma fica claro que as características dos clubes no Brasil é resultado da significação adquirida através do cotidiano das pessoas ao longo dos anos. Possivelmente as configurações que se apresentam esses espaços de lazer provocariam distorções às pessoas de outras culturas ou de outros países se a lógica das relações sociais e culturais foram construídas por outros referenciais.⁵²

Assim é possível afirmar que os clubes sócio-recreativos se constituem em espaços para reproduzir significados e influenciar no modo de vida das pessoas. A disposição que os associados são expostos a prática de lazer, mesmo que na grande maioria seja de característica físico-desportiva, fornece um conjunto de informações e referências diretamente relacionadas com os modos de vida.

É comum ver nos clubes sócio-recreativos as pessoas se iniciarem nas práticas esportivas de lazer, sejam eles crianças, jovens, adultos ou idosos. Indivíduos que descobrem no futebol, no tênis, na pesca, na dança e outras

⁵² ALEXANDRE, Marcos. **Representação social: uma genealogia do conceito** Disponível em: <http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum23/Artigo7.pdf>. Acesso em 10 de janeiro de 2007.

atividades referências como vestimentas, posturas, idiossincrasias específicas de cada grupo que mudam seus hábitos e estilos de vida.

Apesar da influência dos clubes na constituição de novos hábitos, sejam eles esportivos ou a capacidade de integração social, é importante compreender que eles são contextos específicos inseridos em conjuntos maiores, a sociedade, sendo também reprodutores de significados.

Mesmos com novos hábitos na vida das pessoas, uma contribuição efetiva com as práticas de lazer nas várias esferas de sua vida do indivíduo, não existe necessariamente a construção de novos significados ou alteração das representações sociais construídas. O que efetivamente acontecerá com a alteração do núcleo central dessa representação que por sua vez está vinculado a um processo de longa duração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A procura pela “suposta neutralidade” do pesquisador para a realização deste trabalho em virtude do extremo envolvimento com o tema ofereceu conflitos e tensões. As idéias preconcebidas e os estereótipos criados muitas vezes influenciados pela emoção mais que a razão dificultaram enxergar além do alcance das lentes desfiguradas. No entanto a dificuldade para articular o material empírico e teórico foi uma presença constante, visto que o envolvimento em determinados momentos dominava a escrita, neste sentido a passionalidade teve que ser vigiada e controlada a todo instante.

A busca pelo distanciamento aproximou ainda mais o pesquisador do tema, o que no início do trabalho foi motivo para a procura de subsídios que permitissem entender a realidade do contexto vivido, acabou sendo resultado dessa busca, a razão tornou o assunto mais envolvente e apaixonante.

Os clubes sócio-recreativos são microrganismos compostos por aspectos simbólicos de um contexto social amplo e complexo. Essas instituições são possuidoras de uma rede intrincada de sociabilidade que se relaciona com todas as demais manifestações do homem na sociedade. Entender essa relação dinâmica dos clubes sócio-recreativos é entender toda a coletividade, evidente que a mesma está inserida em determinado contexto social que cria, reelabora e reproduz determinados símbolos e significados que refletem no seu modo de viver. Dessa forma, acreditar que um clube sócio-recreativo localizado no Paraná pode responder a questões de uma cultura em um país na África ou mesmo em outra região do estado ou país é um equívoco.

Sobre a configuração da estrutura administrativa dos clubes sócio-recreativos, na qual convivem profissionais voluntários e profissionais contratados, verificou-se uma tensão entre o que o técnico acredita ser um procedimento coerente para a tomada de decisão e a postura política que o dirigente assume frente às reivindicações de associados. Apesar de ser compreensível a postura política da diretoria em relação a algumas solicitações que nem sempre são prioritárias, necessárias ou provocadas pelas tensões estabelecidas na rede de interdependência entre a administração e os

associados, é preciso estabelecer posições argumentativas que direcionem algumas decisões, isto porque o reflexo de posturas tomadas para resolver imediatismos poderá ganhar proporções insustentáveis.

Como exemplo é possível citar novamente o fato da premiação que foi incluída a uma atividade que acontecia em um determinado clube, após a diretoria ter concedido o pedido de oferecer medalhas surgiram solicitações de outros prêmios como utensílios domésticos, aparelhos para churrasco, etc., mais uma vez cedendo às reivindicações a proporção dos bônus teve que ser melhorada, pois aqueles já não mais satisfaziam os associados.

Apesar de este ser um exemplo que interfere diretamente na questão orçamentária do clube oferecendo compromissos financeiros que possam ser propagados por toda a estrutura, pois as reivindicações de outros setores acompanham em “efeito dominó”. O problema central está na disposição para a prática que essas pessoas estão adquirindo para o lazer, de certa forma foi comprado o prazer do associado e isto oferece comprometimentos para o mesmo que continuará pautando sua vida na mesma lógica de troca do mercado. A possibilidade de um lazer contemplativo pelos prazeres da própria experiência e de estar junto está sendo distanciada da realidade dessas pessoas.

Mesmo que as representações dos associados em relação ao clube estejam vinculadas a outros objetivos e motivações além do interesse em desfrutar das horas livres como alívio de estresse, uma forma saudável de educar as crianças, segurança e outros, esses são elementos constituintes da sociabilidade vivida dentro dos clubes. Ainda há a disputa de interesses provocada pelos diversos grupos compostos nas instituições e outras formas de tensões.

Considerando o diálogo existente entre todas as esferas da vida do ser humano e acreditando na incoerência de que suas ações e reações sejam de alguma forma dicotomizadas ou compartimentalizadas, os clubes sócio-recreativos apresentam dentro das propostas oferecidas, enquanto espaço pedagógico de atuação profissional, a possibilidade de educação para a própria vida.

Neste ponto encontram-se duas situações distintas mas complementares:

- primeiro - que essa educação para a vida seja compreendida sem caracterizar uma visão funcionalista sobre a existência dos clubes sócio-recreativos, pois se acredita que sua concepção surgiu de forma não planejada na qual as pessoas construíram ao longo dos anos a partir da necessidade do estar junto, ou seja, esses espaços não têm a função e ou responsabilidade de canalizar os problemas sociais de estresse do trabalho, de afastar as crianças do perigo das drogas ou marginalidade, de aproximar a família do convívio social e de contribuir para uma educação moralmente correta conforme os padrões sociais. Pensar dessa forma é restringir a própria organização do ser humano em torno de seus problemas e enxergar a possibilidade de enriquecimento pessoal e social conquistada no convívio social lúdico no tempo livre. Esse é um entendimento essencial para que a Diretoria e ou corpo técnico possa assumir posturas de ação na elaboração de políticas responsáveis pelo planejamento das atividades oferecidas.
- segundo - ao considerar os clubes sócio-recreativos como campo pedagógico de intervenção profissional eles devem se constituir em espaços de resistência dessa lógica capitalista que desumaniza o homem, pois concordar com os problemas existentes e com a valorização de representações ou significados adquiridos ao longo dos anos que afirmam posições refratárias sobre a capacidade do homem conquistar autonomia e gerir seu próprio destino não condiz com o papel desse agente.

É possível agir de encontro à pressão que a indústria do consumo faz sobre os indivíduos, a solução está em ações simples, mas que agem diretamente no núcleo da questão. Ceder às exigências de supostas necessidades de grupos específicos é reforçar essa lógica. Compartilhar responsabilidades, dispor de preceitos teóricos que dêem sustentação às argumentações são caminhos para essa perspectiva. O exemplo apresentado sobre os associados que reivindicavam uma estrutura de atleta profissional e ou de esporte espetáculo, na qual em um primeiro momento foi atendida e depois restringida, deixa clara essa possibilidade de acomodação dos interesses.

Outro exemplo sobre essas possibilidades de resistência está na composição de atividades de lazer que os clubes oferecem. Oportunizar a descoberta de si mesmo, de outros modos de vida e a possibilidade de enxergar o mundo por outras lentes está na possibilidade de experimentar sensações e culturas diferentes, de conviver com grupos diversos. A centralidade nas práticas esportivas inibe essa perspectiva.

No plano mais concreto a administração deve planejar e desenvolver ações que favoreçam aos associados ampliar a rede de relacionamentos, de tal forma que os mesmos possam pertencer a diferentes grupos e assim dispor de referenciais argumentativos para que suas reivindicações possam ter uma visão mais articulada com o todo do clube e não somente com o mundo que ele construiu em torno de sua atividade específica.

Da mesma forma utilizar as atividades desenvolvidas, os meios de comunicação ao associado e o treinamento aos funcionários para estabelecer a compreensão sobre aspectos teóricos, discutidos neste trabalho, que constituem o universo dos clubes sócio-recreativos.

No início do trabalho a compreensão que o autor tinha em relação ao lazer era que a constituição era composta pela tríade: tempo, espaço e atividade, resultando assim a experiência lúdica, no entanto após as discussões de cada elemento surgiu outra postura.

A proposta do autor para entender o fenômeno lazer nas sociedades atuais está na composição do conjunto tempo, espaço e motivação lúdica, isto porque o item atividade não dá conta de responder as predisposições que os indivíduos dispõem para sua execução. Essa disposição está na motivação que o impulsionou para ela, no caso o interesse na experiência lúdica e, assim, todos seus componentes.

O tempo é um fator determinante para essas análises, tendo em vista as possíveis confusões que podem ser feitas na execução de atividades profissionais como os treinamentos vivenciais na natureza ou os diversos eventos e jogos realizados como habilitação de funcionários. A necessidade de estabelecer o tempo como um critério de análise também está relacionado com a flexibilidade e certa informalidade que algumas profissões estão adquirindo na sociedade. Apesar de relativa informalidade e maior flexibilidade de horário existem

processos que devem ser bem posicionados, senão um tempo pode invadir o outro e a possibilidade do economicamente produtivo invadir o do lazer é maior.

Considerando a classificação de equipamento específico e não específico de lazer fica claro que o lugar para a prática ou consumo do lazer não apresenta rigidez, podendo ser realizado em casa, na rua, no shopping, etc., todavia existem espaços como os hospitais que não oferecem condições para a manifestação dos outros elementos.

Com isso entende-se que, sem tratar de uma definição mas de um caminho para interpretar o fenômeno lazer na atualidade, a conjugação dos três elementos se constitui a manifestação desse objeto.

Finalizando as discussões sem esgotar o assunto, visto o avanço em vários aspectos da compreensão sobre os clubes sócio-recreativos onde sugeriram outros que merecem atenção, fica a percepção que as ações dos clubes devem ser pensadas em um processo de longa duração e para que efetivamente eles se firmem como espaços de apropriação do ser humano e construção de novas representações para a constituição de um mundo melhor e que contribuam para que o ser humano estabeleça novos padrões éticos e morais, nos quais está o respeito ao meio ambiente e toda a natureza viva nele. Dessa forma duas questões ficam em aberto:

- 1) qual a contribuição que os clubes sócio-recreativos podem ter para a melhoria de toda a sociedade? e
- 2) qual o reflexo das atitudes dos administradores dos clubes na sociedade em geral no futuro?

Talvez estudar a constituição dos clubes centenários e sua trajetória na sociedade brasileira possa dar ótimos indicativos e esses podem ser os próximos desafios.

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998. p.27-37.

ALEXANDRE, Marcos. Representação social: uma genealogia do conceito. **Comum**, Rio de Janeiro, v.10, n.23, p.122-138, dez. 2004. Disponível em <<http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum23/Artigo7.pdf>>. Acesso em 10 de jan. de 2007.

ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond; MELO, Victor Andrade de. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003.

AMONACHVILI, Chalva. Um impulso vital. **O Correio da UNESCO**, Brasília, v.19, n.17, jul. 1991.

ANDION, Maria Carolina; FAVA, Rubens. Planejamento Estratégico. In: **Gestão Empresarial**. Fae Business School. Curitiba-Pr: Associação Franciscana de Ensino Bom Jesus, 2002.

AYROSA, Eduardo A. T.; SAUERBRONN, João Felipe. Sonhos olímpicos de uma noite de verão: uma investigação sobre valores de consumo no esporte. In: ENCONTRO DO ANPAD – ENANPAD, 26, Salvador, 2002. **Anais do XXVI ENANPAD**, Salvador, 2002.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Editora Elfos, 1995.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Tempo, tempo vivido e história**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BOUSQUET, Martine Mauriras. Um oásis de felicidade. **O Correio da UNESCO**, Brasília, v.19, n.17, jul. 1991.

BRAMANTE, Antonio Carlos. **Realinhamento dos fatores críticos de sucesso na gestão de clubes social-recreativos baseado no conhecimento dos sistemas internos e externos: o caso das AABBs**. Campinas: Departamento de Estudo do Lazer da UNICAMP. Disponível em <www.quality.com.br>. Acesso em mar. de 2006.

_____. A administração do lazer nos clubes sócio-recreativos: perpetuando os vícios do setor público. **Licere**, Belo Horizonte, v.2, n.1, 1999.

BURITY, J. A. **Globalização e identidade: desafios do multiculturalismo**. Trabalhos para discussão n.107, mar. 2001. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/107.html>>. Acesso em 20 de nov. de 2006.

CAMARGO, Laura Alice Rinaldi. **Circuito Italiano de Turismo Rural: o turismo, o cotidiano e o patrimônio cultural da região de Colombo – PR**. Ilhéus, 2007. (Dissertação de Mestrado – UESC).

CASTRO, L. R. et al. Estetização do corpo: identificação e pertencimento na contemporaneidade. In: CASTRO, L. R. (org.). **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: Nau, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução de O direito à preguiça**. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1999.

COMOE-KROU, Barthélemy. O lúdico e o sagrado na África. **O Correio da UNESCO**, Brasília, v.19, n.17, jul. 1991.

COURTIZ, John. **Marketing de Serviços**. São Paulo: Nobel, 1991.

COUTINHO, Lucina Gageiro. **Da metáfora paterna à metonímia das tribos**: um estudo psicanalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do individualismo. Disponível em <http://www.rubedo.psc.br/Artigos/tribus.htm#FOOTNOTE>>. Acesso em 07 de out. de 2007.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DUMAZEDIER, Joffre. **Planejamento de lazer no Brasil**: a teoria sociológica da decisão. Trad. de Regina Maria Vieira. São Paulo: SESC, 1980.

_____. **Planejamento de lazer no Brasil**: valores e conteúdos culturais do lazer. Trad. de Regina Maria Vieira. São Paulo: SESC, 1980.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FEATHERSTONE, M. **O desmanche da Cultura - Globalização, Pós-Modernismo e Identidade**. Studio Nobel, 1997.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. A promoção do estilo atlético na revista Capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v.26, n.2, p.87-98, jan. 2005.

FREITAS, Maria Ester de. Contexto social e imaginário organizacional moderno. **ERA - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.40, p.6-15, abr./jun. 2000. <<http://www.fgvsp.br/rae/artigos/contexto.pdf>>. Acesso em 03 de ago. de 2006.

GLEZER, R. O tempo e os homens: dom, servidor e senhor. In: CONTIER, A. D. (org.). **História em debate**. São Paulo: INFOUR/CNPq, 1992.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: **Nu & Vestidos**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. 4.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de informações básicas municipais**. Brasília: IBGE, 2001.

JUNQUEIRA, Lílian. A noção de representação social na sociologia contemporânea. **Estudos de Sociologia**, A noção de representação social na sociologia contemporânea, Araraquara, v.18/19, p.145-161, 2005. <http://www.fclar.unesp.br/soc/revista/artigos_pdf_res/18-19/08junqueira.pdf>. Acesso em 21 de set. de 2006.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAS CASAS, André Luzzi. **Marketing de Serviços**: a chave do sucesso é o treinamento. São Paulo: Editora Referência Ltda., 1991.

LUCENA, Ricardo. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas, SP: Cortez Autores Associados/CBCE, 2001.

LUNARDI-FILHO, W. D.; LUNARDI, V. L.; SPRICIGO J. O trabalho da enfermagem e a produção da subjetividade de seus trabalhadores. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, mar. 2001.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos** - o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério das conjunções**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.17, n.49, 2002.

_____. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, SP: Hucitec, 1998.

MAÑAS, Christian Marcello. **O direito social ao lazer**. Disponível em <<http://www.machadoadvogados.com.br/docArtigo.asp>>. Acesso em 12 de ago. 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Subsídios para uma política de lazer - o papel da administração municipal**. Campinas, SP: Cortez Autores Associados, 1996.

_____. **Lazer e Educação**. 2.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

MARCHI JR, Wanderley. **Sacando o voleibol**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

_____. Desporto. In: FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ, Jaime (org.). **Dicionário crítico da Educação Física**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2005.

MARIN, Elizara Carolina. Lúdico: semente a fertilizar. **Motrivivência: o jogo e o brinqueado na Educação Física**, Santa Catarina, v.7, n.9, dez. 1996.

MARQUES, Eduardo César. Redes sociais e instituições na construção do Estado e sua permeabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.14, n.41, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091999000300004&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 18 Nov 2006.

MATOS, Lucília da Silva. Belém: do direito ao lazer ao direito à cidade. In: MARCELLINO, Nelson C. (org.). **Lazer e Esportes: políticas públicas**. 2.ed. Campinas, SP: Cortez Autores Associados, 2001.

MAXIMILIANO, Antonio César Amaru. **Teoria Geral da administração: da escola científica à competitividade na economia globalizada**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MEZZADRI, Fernando. A Estrutura Esportiva do Paraná: da formação dos clubes esportivos às atuais políticas governamentais. 172p. Campinas, 2000. (Tese de Doutorado – UNICAMP).

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Política Nacional do Esporte**. Brasília: Governo Federal, 2005.

NASCIMENTO, Regina M. L. de O. **O conceito de tempo histórico na formação inicial do professor de história**. 116p. Florianópolis, 2002. (Dissertação de Mestrado)

OLIVEIRA, P. S. Tempo livre, trabalho e lutas sociais. **Reflexão**, Campinas, n.35, p.7-14, 1986.

OLIVEIRA, P. S. (org.). Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

ORMESSON, Jean d'. Entre a alegria e o esforço. **O Correio da UNESCO**, Brasília, v.19, n.7, jul. 1991.

PELLEGRIN, Ana de. O Espaço de lazer na cidade e a administração municipal. In: **Políticas públicas setoriais de lazer**. Campinas: Cortez Autores Associados, 1996.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DO BRASIL. **Código Civil Brasileiro**. Brasília: Governo Federal, 2002. Disponível em <www.presidencia.gov.br/civil>. Acesso em mar. de 2006.

REQUIXA, Renato. **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. Finitude, mutações e gozo. **Ciência e Cultura**, v.54, n.2, p.24-26, out./dez. 2002 [citado 11 Outubro 2006]. Disponível na : <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000200022&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0009-6725. Acesso em 12 de jul. de 2006.

RIBEIRO, Romilda T. **Ciência e Cultura: tempo e História**. Disponível em:<<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v54n2/14804.pdf>>. Acesso em 01 de ago. 2005.

RIEDE, Antonio S. **Fatores críticos de sucesso na gestão das AABBs Associações Atlético Banco do Brasil**. Brasília, 2002. (Dissertação Mestrado - Fundação Getúlio Vargas).

SANTA MÔNICA CLUBE DE CAMPO. **Estatuto**. Colombo - Pr, 2001.

Colégio São Francisco, 2006.
<<http://www.colegiosaofrancisco.com.br/novo/curioso/cidades/0002.php>>.

SCHEINES, Graciela. As regras do jogo. **O Correio da UNESCO**, Brasília, v.19, n.17, jul. 1991.

SILVA, João Bosco; SCHMITT, Paulo Marcos. **Entenda o projeto Pelé**. Londrina: Lido, 1997.

SILVA, Reinaldo Oliveira da. **Teorias da Administração**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

TEIXEIRA, Carlos Moreira. **Urbanismo efêmero em Belo Horizonte**. Ago. 2001. <<http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc027/mc027.asp>>. Acesso em 13 de nov. de 2006.

TUBINO, Manoel José Gomes. **As dimensões sociais do esporte**. São Paulo, SP: Cortez Autores Associados, 1992.

WIRTH, Louis. Urbanismo como modo de vida. In: **Estudos de organização social**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970.

WAGNER, Wolfgang. Sociogênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia, Go: AB, 1998. p.3-25.

SITES:

<http://www.3marias.com.br>

<http://www.clubeduquedecaxias.com.br>

<http://www.clubeurca.com.br>

<http://www.santamonica.rec.br>

<http://www.cbc-clubes.com.br>

<http://www.ippuc.org.br>

ANEXOS

Anexo 1
Termo de Consentimento Informado

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

(Elaborado conforme modelo de Thomas e Nelson, 2002. Os itens encontram-se numerados para facilitar a análise e possíveis correções dos consultores *Ad hoc* e do Comitê de Ética.)

1. O pesquisador Marcos Ruiz da Silva, aluno do Programa de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, área de concentração História e Sociologia do Esporte e Lazer, orientado pelo professor Dr. Wanderley Marchi Júnior, requisitou minha participação *voluntária* em um estudo de pesquisa realizado na instituição na pertença. O título do projeto de pesquisa é: AS PRÁTICAS DE LAZER NOS CLUBES SÓCIO-RECREATIVOS DE CURITIBA E A PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS E MODOS DE VIDAS NA SOCIEDADE ATUAL.
2. Fui informado(a) de que o objetivo geral desta pesquisa é buscar relação da dinâmica social com a prática realizada nos clubes sócio-recreativos, a fim de verificar o comportamento das pessoas nos clubes, influenciando e sendo influenciado pelos modos de vidas, na produção e ou reprodução das representações sociais.
3. O estudo envolverá minha participação e colaboração em uma entrevista com duração aproximada de 30 minutos, com um gravador de voz da marca Neptune. A entrevista será aplicada na presença do pesquisador responsável, acima citado, ou outro pesquisador-colaborador, numa sala dentro do próprio clube em que me encontro vinculado(a).
4. Não existem riscos ou desconfortos previstos.
5. Não existem custos ou despesas dos colaboradores.
6. Eu compreendo que os resultados do estudo podem ser publicados, mas que meu nome ou qualquer outro dado de identificação pessoal serão confidenciais e não serão revelados, garantindo meu anonimato. Terão acesso a todos os dados por mim fornecidos apenas o pesquisador responsável e o seu orientador, o professor Dr. Wanderley Marchi Júnior, da Universidade Federal do Paraná.
7. Fui informado(a) de que não serei remunerado(a) pela participação – ou seja, a participação é *voluntária*.
8. Fui informado(a) de que quaisquer dúvidas que eu possa ter em relação à pesquisa ou à minha participação, antes ou depois de assinar este consentimento, serão respondidas pelo pesquisador e/ou por seu orientador, podendo procurá-los no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná e através do telefone 3362-8745, ou 3357-2964.
9. Declaro que li todas as informações acima e recebi explicações sobre a natureza e benefícios do projeto.
10. Fui informado(a) de que este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Setor de Ciências Biológicas e que, no caso de qualquer problema ou reclamação em relação à conduta dos pesquisadores deste projeto, poderei procurar o referido Comitê, localizado na Direção do Setor de Ciências Biológicas, Centro Politécnico, da Universidade Federal do Paraná.
11. Diante do exposto acima eu,, abaixo assinado(a), declaro que fui informado(a) sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Concedo meu acordo de participação por livre e espontânea vontade. Foi-me assegurado o direito de desistir de participar do estudo a qualquer momento, se eu assim desejar. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos no projeto – ou seja, os pesquisadores deste projeto não podem me prejudicar de modo algum em meu local de trabalho ou de estudo – e, portanto, não me sinto pressionado de nenhum modo a participar dessa pesquisa.

Curitiba, 15 de fevereiro de 2007.

 Sujeito
 RG

 Pesquisador(a)
 RG

Anexo 2

Modelo de Questionário Aplicado a Associados



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA

Questionário - Associados

1. Identificação do entrevistado(a)

- 1.1 Nome completo
- 1.2 Gênero () feminino () masculino
- 1.3 Idade
- 1.4 Estado civil
- 1.5 Profissão
- 1.7 Há quanto tempo é associado do clube:

2. O clube e suas representações

- 2.1 Como você define um clube sócio-recreativo?
- 2.2 Quais motivos que lhe fizeram optar por se associar a um clube?
- 2.3. Qual a função de um clube sócio-recreativo?
- 2.4. O clube influenciou de alguma forma seu estilo de vida?
- 2.5. Quando você vem o clube há uma transferência da forma com que você vive em outros momentos de sua vida? Houve alguma mudança participando das atividades no clube? Essa mudança de comportamento é transferida para outros momentos de sua vida, como o trabalho, a relação com a família, etc.?
- 2.6. Quais os objetivos pessoais que você espera alcançar participando das atividades ou freqüentando o clube?

Anexo 3
Modelo de Questionários Aplicado a Dirigentes e Funcionários



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA

Questionários – Dirigentes e Profissionais

1. Identificação do entrevistado(a)

1.1 Nome completo

1.2 Gênero () feminino () masculino

1.3 Idade

1.4 Estado civil

1.5 Profissão

1.7 Há quanto tempo é funcionário/diretor do clube:

2. O clube e suas representações

2.1. Como você define clubes sócio-recreativos?

2.2 Qual a função dos clubes sócios recreativos?

2.3. O clube influencia de alguma forma no estilo de vida do associado? Como?

2.4. O associado quando vem ao clube apresenta algum tipo de comportamento que com o passar do tempo é modificado? Essa mudança de comportamento é transferida para outros momentos de sua vida, como o trabalho, a relação com a família, etc.?

2.5. Quais os objetivos pessoais que você acredita que o associado espera alcançar participando das atividades ou freqüentando o clube?